ISSN 1517-4506

BOLETIM

30 anos SEDES SAPIENTIAE

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

ANO XV VOL XV EDIÇÃO ESPECIAL 2007



Publicação do Departamento Formação em Psicanálise

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO:

Comissão Editorial
Ângela Harary, Cláudia Beltran do Valle, José Carlos Garcia, Lineu Matos Silveira, Lucianne Sant'Anna de Menezes, Talita Minervino, Tatiana Russo França, Vera Warchavchik e Margarida Azevedo Dupas (coordenadora).

Comissão Editorial do jornal *Acto-Falho*
Ilka Yumi Nakamura, Lucas de Almeida Nogueira, Maria Elisa Lucato, Marina Fibe de Cicco, Mônica Salgado, Silvia Bumlai, Vera Vassilieff e Marilia Stabile (coordenadora).

Conselho Editorial da revista *Boletim Formação em Psicanálise*
Cassandra Pereira França, Claudia Paula Leicand, Durval Mazzei Nogueira Filho, Ede de Oliveira, Eliane Micheline Marraccini, Emir Tomazelli, Flávio Carvalho Ferraz, Francisca Isabel Teixeira, José F. Miguel H. Bairrão, Lineu Matos Silveira, Maria Beatriz Romano de Godoy, Maria Lúcia Castilho Romera, Marina Ferreira da Rosa Ribeiro, Marly T. M. Goulart, Nora de Miguelez, Sonia Maria Parente, Suzana Alves Viana e José Carlos Garcia (coordenador)

Grupos de Trabalho
• **Entrevista:**
Cleire Faleiros Salles, Sylvia Loeb e Tatiana Russo França (coordenadora).
• **Oficina de textos**:
Deise Galassi, Tatiana Russo França, Lineu Matos Silveira e Marina Ferreira da Rosa Ribeiro (assessores).
• **Resenha:**
Deise Galassi, Flavia Schimith Escrivão, Maria Lucia Putini Barsuglia, Marina Fibe de Cicco, Mônica Salgado, Vera Warchavchik (coordenadora)
• **Tradução**:
Deise Galassi, Patrícia Cypriano Seixas, Tatiana Russo França e Cláudia Beltran do Valle (coordenadora).

Jornalista Responsável
Marcos Daniel Cézari – MTPS – 11.193
Revisão Português
Stella Regina Azevedo Alves dos Anjos
Diagramação
Wellington Carlos Leardini
Projeto Gráfico
Yvone Saruê

Para adquirir o *Boletim Formação em Psicanálise*
Secretaria do Instituto Sedes Sapientiae, tel: 3866 2731 / 2732 / 2734
Rua Ministro Godói, 1484 – Perdizes, São Paulo, SP – 05015 900
www.sedes.org.br e sedes@sedes.org.br

Se você tem interesse em receber comunicados e a programação de eventos do Departamento Formação em Psicanálise cadastre-se ou atualize seus dados pelos telefones 3866 2731 / 2732 / 2734 ou pelo site www.sedes.org.br.

Homenagem a Silvia Bleichmar

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA MADRE CRISTINA
05 MAR 2008
TOMBO Nº 3418

ext.2

Dados Internacionais de Catalogação-na-Fonte (CIP)
Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia

Boletim formação em psicanálise / Instituto Sedes Sapientiae, Departamento Formação em Psicanálise. - Vol. 1, no. 1 (maio/jun. 1992) - . São Paulo: O Departamento, 1992-

Ano XV, v.15, (Edição Especial 2007)

Anual
Periodicidade anual a partir 2004
ISSN 1517-4506
Não houve interrupção na publicação.

1. Psicanálise - Periódicos. 1. Instituto Sedes Sapientiae. Departamento Formação em Psicanálise.

CDU 159.964.2 (05)

Indexação: Index Psi Periódicos (www.bvs-psi.org.br)

EDITORIAL

Essa Edição Especial da *Revista Boletim* presta uma homenagem à psicanalista argentina Silvia Bleichmar. Os autores dos artigos dialogaram por longo tempo com Silvia, participando de seus seminários teóricos e de suas supervisões clínicas. Os artigos foram produzidos sob o impacto da notícia de seu falecimento; muitos deles expressam, junto a considerações teóricas importantes, a dor decorrente de sua morte prematura. Elaborar textos foi a forma encontrada pelo grupo para homenageá-la: quem testemunhou sua intensa paixão pela psicanálise e pelo pensamento crítico como um todo não encontraria modo melhor de fazê-lo.

Cada artigo se detém em algum aspecto da imensa contribuição teórica de Silvia à psicanálise. Os conceitos por ela criados, de "transtorno", "narcisismo transvazante" e "neogênese", estão trabalhados em diferentes artigos, evidenciando sua potência em responder às questões colocadas pela prática clínica. O destaque dado por ela às noções de "signo de percepção", "indícios" e seu correlato, as "pontes simbólicas" – assim como seu uso preciso na clínica – também está presente nesses escritos. Há ainda um artigo que discute sua leitura da constituição da masculinidade, evidenciando ser esse um processo complexo, muitas vezes obscurecido pelos embaraços mais gritantes de Freud frente aos mistérios da sexualidade feminina. E não poderia faltar, por fim, um artigo acerca da constituição do sujeito ético e seus impasses na modernidade, tema que sempre foi objeto de grande interesse de Silvia.

A característica marcante de Silvia – o uso preciso do referencial metapsicológico como instrumento valioso na definição de estratégias clínicas, evidencia-se em todos os textos. Não havia, para ela, oposição entre precisão conceitual e intuição clínica; essa, ao contrário, só poderia ganhar pelo fato do analista dispor de um arsenal teórico consistente. Os conceitos por ela elaborados ou postos a trabalhar derivam de seu empenho por lutar por uma psicanálise precisa, eficaz e criativa, capaz de responder adequadamente às novas formas de sofrimento da atualidade. Para ela, os ataques externos dirigidos à psicanálise nunca seriam comparáveis ao risco desta perecer por si, se não enfrentasse com coragem a tarefa de colocar à prova seus enunciados, despojando-se daqueles que se mostrassem datados ou insuficientes para responder às demandas atuais. O recuo frente a esse trabalhoso exercício crítico resultaria num duplo risco para a psicanálise: o

do envelhecimento – conseqüência inevitável de todo "sono dogmático" – e o da perda de especificidade, pela busca apressada de apoios em referenciais não psicanalíticos, no afã de responder às urgências da modernidade.

A edição se abre com um tocante texto escrito pelo psicanalista Carlos Schenquerman, companheiro de Silvia. Nesse "depoimento-artigo" Carlos expressa, com extrema delicadeza, sua despedida de Silvia – e a dela, da vida – ressaltando, ao mesmo tempo aspectos importantes de sua postura frente à vida, determinante de sua forma de pensar a psicanálise, nunca desvinculada das questões sociais e políticas de seu tempo. Um artigo do amigo e jornalista Hugo Pressman testemunha ainda a importância de Silvia na cena cultural argentina na atualidade. Os editores optaram por manter esses textos em castelhano, preservando assim seu tom mais íntimo.

Por fim, há duas entrevistas de Silvia, também em castelhano, ainda inéditas no Brasil. Na primeira dessas entrevistas, Silvia descreve como veio a se tornar analista – tendo primeiro ingressado no curso de sociologia – e nomeia seus principais interlocutores. Nessa entrevista ela também fala de seu processo pessoal de análise e de sua importância em sua formação. A segunda entrevista é uma bela ilustração de seu modo de pensar, circulando com leveza pelos âmbitos sociais e psíquicos sem perder a especificidade de cada campo epistêmico.

SUMÁRIO

Una vez más, tenía razón...
Carlos Schenquerman 07

Silvia Bleichmar e a teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche
Maria Teresa Melo Carvalho / Paulo de Carvalho Ribeiro 13

Para não esquecer: Reflexões a respeito de Silvia Bleichmar e sua obra
Homero Vettorazzo Filho 21

A feiticeira Silvia Bleichmar
Maria Teresa Scandell Rocco 31

Signos de percepção, indícios e simbolizações de transição. O legado de Silvia Bleichmar
Maria Cristina Perdomo 39

Histórias de uma paixão
Sylvia Loeb 49

O "Transtorno" na constituição psíquica e suas implicações na clínica com crianças
Vera Blondina Zimmermann 57

A incorporação da masculinidade
Cassandra Pereira França 71

Silvia Bleichmar e a ética como fruto da intersubjetividade:
Um outro olhar sobre a segregação
Cibele Amaro Pires Rays / Cristina Rocha Dias / Marta Quaglia Cerruti *81*

Uma certa inesquecível maneira de ser
Márcia Regina Porto Ferreira 89

Una despedida prematura
Hugo Presman 93

ENTREVISTAS

Silvia Bleichmar - El malestar psíquico
Carlos Alberto Catena 99

Silvia Bleichmar - La pasión por el psicoanálisis
Maria Angélica Palombo 109

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO 131

Una vez más, tenía razón...

...porque tú siempre existes dondequiera
pero existes mejor donde te quiero
porque tu boca es sangre
y tienes frio
tengo que amarte amor
tengo que amarte
aunque esta herida duela como dos
aunque te busque y no te encuentre
y aunque
la noche pase y yo te tenga
y no
Corazón Coraza, ***Mario Benedetti***

Carlos Schenquerman

Ella sabía que eso iba a ocurrir, yo siempre trataba de disuadirla. Y me creía... porque quería creerme, pero en el fondo sé que dudaba de mis palabras. Desde muchos años antes lo supo y lo decía, "Yo voy a morir joven". Discutíamos sobre eso. Yo le daba razones de toda índole, apelaba al orden racional para apartarla de ese designio. Dolorosamente supe, en los últimos años, que ella, una vez más, tenía razón. Y aunque seguí intentando quitarle esa idea de su cabeza, los dos sabíamos que eran sólo dulces mentiras piadosas.

Cuando muere un ser amado, alguien como Silvia Bleichmar, con quien recorrimos juntos 36 años del camino de nuestras vidas, cuando se han compartido tantas cosas, cuando ya todo es sólo recuerdo, tanto de los momentos trascendentes como de los insignificantes, de las risas despreocupadas como de los momentos intensos de dolor, de las alegrías y de las tristezas, siempre hay algo de culpa, de autoreproche, reacción egoísta sin duda, narcisista al fin, pero inevitable, una forma de condolerse de sí mismo formulando, como lo hago ahora, esta frase que no por convencional menos cierta: – "Con su pérdida una parte de mi vida se interrumpe, se acaba y muere con ella, se va con ella para acompañarla, se va y no volverá jamás, quedará con ella sin posibilidad de retorno, será cenizas" –. Lo que se acaba, lo que Silvia se lleva de mí, es mucho más que tal o cual cosa que podríamos haber seguido compartiendo, es la vida misma, la suya, por supuesto, pero también la mía; la mía de la forma en que hasta ahora la he vivido, esa historia única, imposible de repetir; ese mundo único que

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE BIBLIOTECA MARIO CRUCINA

compartíamos, prematuramente concluye, se diluye en el océano del ocaso, del que ninguna memoria podrá restituirlo.

El cuerpo de Silvia Bleichmar fue reducido a cenizas -no en la hoguera, como las Brujas de Salem, aunque muchos en vida lo hubieran deseado como forma semejante de estrangulamiento social de una otra mujer que los inquietaba con su forma de ser-lo que nunca podrá ser reducido a cenizas serán sus ideas, su pensamiento, todo lo que ella sembró y dejó como huellas en tantas vidas, la mía para empezar, en tantas historias personales, políticas, psicoanalíticas y su influencia en tantos discursos, actividades, existencias, con la fuerza lúcida, brillante y provocativa de su manera de ser, de pensar, de hablar, de transmitir.

Se fue con más dolor por la muerte que miedo a morir, y no hablo de dolor físico, sino del dolor de saber que nunca más volvería a ver a los que ella más amaba. Cuando ya era certeza, cuando sabía que era inminente que lo que había anticipado, iba a acontecer, ese saber la atormentaba, dejarnos y dejarnos con esta enorme tristeza.

Pero más allá de todo lo que una interpretación precipitada nos haría creer, más allá de lo que su constante consideración por la muerte nos puede hacer pensar, Silvia Bleichmar sólo amó, y sólo aseveró, la vida y el vivir. Tenemos pruebas de ello tanto en sus textos como en la manera en que ha aceptado la vida, en que ha honrado la vida, hasta el final. "Quiero que la muerte me encuentre vivo", solíamos compartir esa frase que alguna vez leímos juntos, "Prefiero morir como una persona sana, a vivir como una persona enferma", solía repetir. Por eso le impresionó y se identificó tanto con un trozo del discurso que Saramago pronunció en Estocolmo al recibir el Nobel de literatura, que ahora reproduzco: "Muchos años después, cuando mi abuelo ya se había ido de este mundo y yo era un hombre hecho, llegué a comprender que la abuela, también ella, creía en los sueños. Otra cosa no podría significar que, estando sentada una noche, ante la puerta de su pobre casa, donde entonces vivía sola, mirando las estrellas mayores y menores de encima de su cabeza, hubiese dicho estas palabras: 'El mundo es tan bonito y yo tengo tanta pena de morir'. No dijo miedo de morir, dijo pena de morir, como si la vida de pesadilla y continuo trabajo que había sido la suya, en aquel momento casi final, estuviese recibiendo la gracia de una suprema y última despedida, el consuelo de la belleza revelada. Estaba sentada a la puerta de una casa, como no creo que haya habido alguna otra en el mundo, porque en ella vivió gente capaz de dormir con cerdos como si fuesen sus propios hijos, gente que tenía pena de irse de la vida sólo

porque el mundo era bonito, gente, y ése fue mi abuelo Jerónimo, pastor y contador de historias, que, al presentir que la muerte venía a buscarlo, se despidió de los árboles de su huerto uno por uno, abrazándolos y llorando porque sabía que no los volvería a ver."

Le sigo hablando y, a veces en voz alta, pensando que si alguien me escucha dirá que estoy loco; sé perfectamente que Silvia no me puede oír, que sólo me escucha dentro de mí, y me doy cuenta de que en mí su voz insiste para pedirme que no finja que le estoy hablando, que no mienta otra vez, que asuma esta verdad terrible.

Sé que cada uno de todos nosotros tuvo con Silvia Bleichmar una relación diversa (y no digo sólo en psicoanálisis o en política, sino en la vida), todos sabemos que en ese prisma tan particular, cada uno de nosotros ha amado a una Silvia Bleichmar diferente, multifacética, en un determinado momento histórico, durante tal o cual época, o incluso, como fue en mi caso, hasta los instantes finales, y esta generosa multiplicidad, esta superabundancia misma que tuvo, nos obliga a no detener el camino que inició, a no dar por concluida una trayectoria, a no apropiarse de aquello que fue inapropiable y que debe seguir siéndolo. Nos obliga a continuar dándole aliento de vida, a trabajarla -como ella gustaba decir- para hacerse dueño de ella y hacer carne la frase del Fausto, de Goethe: "Eso que has heredado, trabájalo para que sea tuyo". Aquellos que han leído a Silvia Bleichmar saben que esta ley encuentra en ella un ejemplo patente. Freud, Melanie Klein, Laplanche, Lacan y muchos otros autores fueron trabajados en ella y devinieron Silvia Bleichmar. Su obra es importante, en primer lugar por aquello que testimonia y por aquello que ha enfrentado comprometidamente, el anquilosamiento del discurso oficial. Esta tarea merece ser realizada, entre muchas otras razones, porque hay allí una intuición que no puede ser abandonada, intuición que guió su pensamiento y que hace a su persistencia larvada y constante en el psicoanálisis argentino: la intención de quebrar el solipsismo endogenista al cual el biologismo de arrastre en psicoanálisis parecería condenar al ser humano. Allí se define también la persistencia de una implicación, de un compromiso, que determina en el sujeto una voluntad de apropiación de sus propios enunciados -similar, de uno u otro modo, a aquello que, de modo mas sofisticado, se ha conocido posteriormente como "palabra plena", y que hace a un cambio en la posición del sujeto respecto a su propia implicación subjetiva. Por ello suscribimos sus propias palabras, las de Silvia Bleichmar en *La hora de un balance*: "Si existió Lacan en un siglo que valió la pena ser vivido, falta aún al

psicoanálisis redefinir los términos con los cuales se insertará en la historia que comienza".

Tanto su capacidad de hacer frente a nuevos problemas como la confianza decisiva en su fecundidad, son motivo de los párrafos que anteceden. No hay en ellos, indudablemente, la menor propuesta de una agenda de debate para la realización de un balance, pero sí la convicción de que la herencia teórica debe ser resguardada de sus mayores riesgos: su dilución en el interior de un campo empobrecido material y teóricamente, así como su enquistamiento empobrecedor a partir del desgaste de un pensamiento crítico que la remoce. La restauración histórica no viene hoy de la mano de la polémica sino de la dilución de los enunciados que produjeron lo mejor del pensamiento que hemos recibido: soslayar a Lacan, como soslayar a Marx, son las formas larvadas del autoaniquilamiento de los intelectuales. Someter a discusión la vigencia de la herencia teórica recibida es el primer paso para comenzar nuestra propia recomposición ante las difíciles condiciones imperantes."[1]

Siempre luchó por despojar al conocimiento científico de los aspectos de fe -no de convicción, no de pasión-, concebida esta fe como la creencia absoluta en el dogma, como una creencia que no puede poner a prueba sus propios postulados de base y que se caracteriza por el "recurso a la autoridad" y, por el contrario, proponía embarcarnos en un "retorno al texto", o, más aún sobre el texto – es decir en el desentrañamiento de sus contradicciones internas –, lo que traería consecuencias tanto para el procesamiento teórico psicoanalítico como para el modo de concebir toda práctica. "No se puede enajenar el derecho a pensar en el poder supremo"[2], proponía Spinoza; frase que siempre tuvo como horizonte y compartíamos, para plantear que no sólo no se podía enajenar en el poder supremo el derecho a pensar sino que no se podía delegar en él la responsabilidad de hacerlo, ya que no es sólo desde el poder supremo que emana la autoridad despótica, sino desde los sujetos que depositan en él esa responsabilidad. La libertad que otorga la inteligencia, decíamos en nuestras charlas, sólo se sostiene, a su vez, en el valor de las reglas de conducta prescriptas; reglas prescriptas, en nuestro caso particular, por el compromiso que impone una reevaluación conceptualizante marcada tanto por una ética que rige a la comunidad científica como a los modos de producción, apropiación y circulación de los conocimientos, reglas internas al sistema científico en cuestión, que acostumbramos a llamar método, pero reglas también que hacen a la práctica social en la cual los conocimientos se insertan.

1 Bleichmar, Silvia: *La hora de un balance*, en Revista Zona Erógena, nº 49, Buenos Aires; Primavera 2001.

2 Spinoza, Baruch: *Tratado teológico político*, Juan Pablos Editor, México, DF: Juan Pablos, 1975.

Pero Silvia Bleichmar ya no está con nosotros, ya sólo queda su palabra escrita y este silencio que da cuenta de su ausencia. También queda este dolor que corta la respiración y se transforma en gemido, sensación de fracaso ante lo absurdo que vuelve a ganar la batalla. Pero, ¿cómo pelear contra ese absurdo?, ¿cómo volver a sonreír sin sentir que puede estar allí agazapado recordándonos que la muerte, eso imposible, está allí implacable? Estábamos los dos, ella y yo, preparados para esta muerte, creo que más preparados sería imposible. No obstante, el desgarro, esta herida lacerante en los tegumentos, esta sensación de abatimiento y desamparo que nos deja. Es que ha muerto Silvia Bleichmar y esa no es cualquier muerte. Es una muerte que parecía inimaginable aunque haya acontecido. Por eso, aunque preparados, sorprendidos. Por eso devastados aunque enteros, enteros pero devastados. De esto se desprende que esta enorme tristeza, este punzante dolor, tendrá que alejarse del duelo que conduce a la nada o sólo a la búsqueda de consuelo, por el contrario, deberá ir a la busca de eso que ella, Silvia Bleichmar, nos ha legado, su compromiso con la transformación, su empuje, su esperanza siempre renovada, su fe en la lucha por un futuro mejor.

Por eso quiero terminar cediéndole la palabra: "...la herencia del pensamiento racionalista de Freud, sigue siendo no sólo una propuesta filosófica sino un modo de concebir la esperanza: limitar la irreversibilidad bajo el modo de operancia sobre la legalidad, no para tornar reversible lo acaecido (irreversible) sino para dominar sus efectos cuando estos se inclinan del lado de la destrucción y de la muerte."[3]

Carlos Schenquerman
cas2000@fibertel.com.ar

3 Bleichmar, S. *Coloquio Temporalidad-Determinación-Azar:* "Repetición y temporalidad", Buenos Aires: Paidos, 1994.

Silvia Bleichmar e a teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche

*Maria Teresa Melo Carvalho**
*Paulo de Carvalho Ribeiro***

* Doutora em Psicanálise (Universidade de Paris VII) Professora do curso de especialização em Teoria Psicanalítica da UFMG

** Doutor em Psicanálise (Universidade de Paris VII) Professor do programa de pós-graduação em Psicologia da UFMG

***Resumo**: No presente artigo destacamos alguns aspectos da obra de Silvia Bleichmar relacionados ao pensamento de Jean Laplanche. Empenhamo-nos, também, em mostrar a originalidade de sua contribuição à psicanálise e seu permanente esforço no sentido de preservar a especificidade desse campo do saber.*

A morte de Silvia Bleichmar, em 15 de agosto de 2007, interrompeu, de forma prematura, o percurso de uma obra que figura entre as mais importantes da psicanálise contemporânea. Em sua luta contra o câncer, Silvia resistiu corajosamente e continuou a exercer suas atividades até poucos meses antes de sua morte, pois, como nos conta seu amigo Hugo Presman, ela dizia que queria "morrer vivendo". E foi assim que aconteceu, tendo partido em pleno vigor não só de sua obra, mas também de seu engajamento social e de sua vida pessoal. O mesmo Hugo Presman oferece-nos um testemunho dessa vitalidade em sua emocionada homenagem à amiga Silvia (www.silviableichmar.com.ar). Quanto a nós, gostaríamos de homenageá-la com uma reflexão sobre sua obra e, particularmente, sobre aqueles aspectos relacionados aos ensinamentos de Jean Laplanche, autor com quem tivemos a oportunidade de conviver e em torno do qual se deu nosso primeiro contato com Silvia.

Ressaltamos, de saída, dois aspectos de sua obra que mostram o apoio de suas elaborações no pensamento laplancheano, a saber, a primazia do sexual no campo da psicanálise e a defesa de uma racionalidade própria desse campo. Ao mesmo tempo em que busca apoio em Laplanche, Bleichmar mostra, na originalidade de seu trabalho, a liberdade de pensamento característica de grandes autores e, ademais, realça o sentido dos conceitos psicanalíticos no constante ir e vir entre teoria e clínica, o que constitui uma das marcas mais notáveis de suas elaborações. Se Jean Laplanche pode ser considerado um de seus principais mestres em Psicanálise, quiçá o principal depois de Freud, ela não se fecha, evidentemente, numa referência exclusiva a esse autor. A vitalidade de seu pensamento, sua erudição, seu discernimento sobre as grandes contribuições

à psicanálise fazem com que seus textos sejam ricos em referências e permeados de diálogos com vários autores, entre os quais podemos mencionar Jacques Lacan, com sua interpretação sobre o Complexo de Édipo; Melanie Klein, com sua concepção das defesas precoces; e Cornelius Castoriadis, com sua noção de imaginação radical.

A primazia do sexual e a prioridade do outro na constituição do inconsciente

Retomemos, então, os aspectos de sua obra que estávamos ressaltando e que constituem as grandes balizas de um percurso pautado pela exigência de apreender o objeto da Psicanálise e de aprofundá-lo: a primazia do sexual e a defesa de uma racionalidade própria à Psicanálise. Estes dois aspectos não são independentes. Ao contrário, são completamente coesos, pois é a primazia do sexual que irá delimitar o campo de conhecimento específico da psicanálise.

Afirmar essa primazia é seguir de perto os passos de Freud (1896/1976), desde suas primeiras formulações em que afirmava que "qualquer que seja o caso e qualquer que seja o sintoma que tomemos como ponto de partida, no fim chegamos invariavelmente ao campo da experiência sexual" (p.226). Trata-se, nesse momento do pensamento freudiano, da teoria traumática das neuroses, segundo a qual o trauma relacionado ao surgimento dos sintomas neuróticos é sempre sexual. Se por um lado é acertado dizer que essa teoria foi abandonada em benefício de uma teoria sexual infantil, em que as fantasias vêm no lugar da realidade do trauma, por outro lado, não devemos esquecer que Freud não renuncia à afirmação da onipresença da sexualidade nas manifestações do inconsciente, mesmo após ter abandonado a idéia de que a sexualidade é inoculada na criança pela sedução traumática de um adulto. O abandono desta idéia lhe permitiu perceber a presença da sexualidade nas formas mais precoces de ligação da criança com o semelhante e o levou a propor a imagem da criança ao seio como o paradigma da sexualidade infantil. Sabemos da importância desse passo dado por Freud, mas sabemos também de seu papel na emergência de um novo problema, identificado por Laplanche (1997) nos seguintes termos: "a partir do abandono, por Freud, da teoria da sedução, o retorno a uma concepção puramente endógena da sexualidade era inevitável: o instinto, enraizado na filogênese, embora descartado inicialmente, não deixará de obsedar o pensamento freudiano" (p. 7). Percebendo o que chamou de "um desvio biologizante" da sexualidade em Freud, Laplanche

buscará recolocar o papel do outro no centro da reflexão sobre a gênese da sexualidade humana. Bleichmar irá acompanhá-lo nessa empreitada, num esforço incessante de apreensão conceitual e clínica da sexualidade infantil, objeto por excelência da psicanálise e, ao mesmo tempo, objeto fugidio e fonte de importantes resistências à psicanálise.

No seminário que realizou em 1999, no Hospital de Niños, intitulado justamente "La Sexualidad Infantil", Bleichmar convida seus ouvintes a lerem ou a relerem o *Seminário XI* de Lacan, cujo capítulo intitulado "A desmontagem da pulsão", ela considera imprescindível para formação teórica de todo psicanalista. Nesse texto, Lacan propõe aquilo que, algum tempo depois e segundo uma outra perspectiva, Castoriadis irá colocar em destaque ao forjar a noção de "desnaturalização da pulsão". (Seminário inédito, 1999, aula 1, p.11)

Combater o desvio biologizante da sexualidade significa, pois, seguir a via aberta por Lacan, ao propor a prioridade do Outro na constituição do inconsciente e ao convidar-nos a retornar a Freud, no sentido de encontrar essa tese esboçada no texto freudiano, ainda que não explicitada. Laplanche prossegue nessa via, mas irá trilhá-la de forma singular, fundamentando a referência ao outro não na lingüística, mas na teoria da sedução freudiana. Não cabe aqui desenvolver os pontos que desencadearam a divergência dos dois autores, mas o leitor interessado poderá buscar, nas próprias contribuições de S. Bleichmar, discussões interessantes sobre essa questão e, em particular, no segundo capítulo de seu precioso livro *Nas origens do sujeito psíquico, do mito à história*. Esse livro, que podemos considerar como o marco inaugural de sua obra, aborda várias questões sobre suas filiações teóricas, realçando pontos privilegiados de seu debate com autores que a precederam.

O abandono da teoria da sedução teria levado Freud a uma concepção puramente endógena da sexualidade, conforme afirma Laplanche, na passagem que citamos anteriormente. Mas o mesmo Freud conserva, em seu texto, indícios fecundos da presença do outro no despertar da sexualidade na criança, tal como podemos constatar, por exemplo, na seguinte passagem dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*:

Freud (1905/1976)

> A relação de uma criança com quem quer que seja responsável por seu cuidado proporciona-lhe uma fonte infindável de excitação sexual e de satisfação de suas zonas erógenas. Isto é particularmente verdadeiro, já que a pessoa que cuida dela, que,

> afinal de contas, em geral é sua mãe, olha-a ela mesma com sentimentos que se originam de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija-a, embala-a e muito claramente a trata como um substitutivo de um objeto sexual completo. (p. 229-230)

Mantendo em mente este ponto de vista freudiano, passaremos a considerar algumas contribuições de S. Bleichmar à teoria da sedução generalizada de Laplanche.

Sedução generalizada e teoria tradutiva do recalcamento

Na passagem citada acima, como em várias outras de mesmo teor encontradas na obra de Freud, localizamos o que pode ser considerado o núcleo da teoria da sedução generalizada. Ela nos mostra a criança como objeto sexual da mãe que, no entanto, como acrescenta Freud (1905/1976), "ficaria horrorizada se lhe fosse dito que todos os seus sinais de afeição estavam despertando as pulsões sexuais do filho e preparando-o para sua intensidade ulterior" (p. 230). De fato, a mãe desperta com seus gestos de cuidado e sua ternura a sexualidade da criança, mas o faz sem ter consciência disso. Seus desejos e fantasias inconscientes são transmitidos pelos cuidados que dispensa ao corpo da criança, fenômeno que Laplanche descreve como uma proposição de "mensagens enigmáticas" à criança. Esses gestos, comprometidos com as fantasias inconscientes do adulto, dizem mais do que o adulto tem consciência e impulsionam a criança a realizar um trabalho de tradução ou de simbolização, cujo caráter necessariamente incompleto deixará restos que funcionarão como objetos-fonte da pulsão. Essa dupla posição do outro, que poderíamos caracterizar como o outro da ternura e o outro da paixão, mantém uma espécie de homotesia com a constituição da tópica psíquica na criança. Isto quer dizer que o adulto sedutor implanta mensagens sexuais, cuja tradução depende da oferta que o próprio adulto faz à criança, dos recursos de simbolização, contenção e apaziguamento que acompanham sua ternura e seu acolhimento narcísico. Trata-se aqui do que Bleichmar designou, de forma tão apropriada, como o "narcisismo transvasante" dos pais e demais pessoas que tomam a criança como objeto de cuidado e amor. O adulto sedutor e o adulto tradutor são, portanto, os dois lados da mesma figura. Atribuir ao adulto pelo menos uma parte da função de tradução das mensagens enigmáticas é um dos pontos da interlocução de Bleichmar com a teoria da sedução generalizada que se distancia da formulação inicial de Laplanche e foi, devido a isso, objeto de inúmeros debates. A dificuldade de se pensar um bebê tradutor antes mesmo

da aquisição de funções egóicas, tal como propunha Laplanche, e a tentativa de superar esse impasse teórico foi um dos pontos de maior convergência entre nossas contribuições à teoria da sedução generalizada e as de Bleichmar[1]. Por diversas vezes tivemos a oportunidade de debater esse ponto com Laplanche e ainda hoje pode-se perceber sinais desse debate nos desdobramentos mais recentes de sua teoria.

A realidade dos movimentos de constituição da tópica psíquica

Impulsionada pela sedução e pelo aporte narcísico do outro, a criança inicia seu processo de constituição psíquica. Se esse processo não é situável numa linha de desenvolvimento, tampouco é da ordem do mito. Bleichmar recorre a uma curiosa metáfora para esclarecer essa idéia. Ela afirma o seguinte:

Bleichmar (1997)

> "Talvez pudéssemos dizer que, nesta aproximação ao sujeito em constituição que estamos fazendo, os tempos *míticos* não são construções, mas sim movimentos *reais* de estruturação do sujeito psíquico e mesmo que não possamos capturá-lo em sua subjetividade, podemos presumi-lo como se presume um elemento na tabela periódica de Mendeleiev, antes que o próprio elemento seja descoberto. Talvez não possamos tocá-lo, nem vê-lo, mas podemos conhecer seu peso específico, sua densidade, seu efeito, sua combinatória. São os momentos que poderíamos chamar constitutivos do inconsciente." (p. 37)

Essa metáfora da tabela periódica, tão bem recebida por Laplanche, traz à tona a importância da realidade histórica na constituição do sujeito, ainda que essa história não possa ser tomada como uma seqüência de acontecimentos, mas deva ser considerada a partir dos movimentos de ordenação da psicossexualidade. É tarefa de todo analista tentar apreender esses movimentos tão sutis, nos quais a sexualidade normalmente se oculta por trás de defesas erigidas desde cedo ou, às vezes, por trás de manifestações tão ruidosas que chegam a ensurdecer, ou seja, a dificultar sua percepção por parte do analista, que sempre desconfia do que se apresenta como muito evidente. Todos os passos dos ensinamentos de Bleichmar colocam-nos ante essa tarefa e suas ilustrações clínicas ressaltam-na constantemente.

Reconhecer as manifestações da sexualidade infantil, suas atualizações na relação transferencial, a maneira pela qual são capturadas no circuito do

1 Num texto apresentado no IV Colóquio Internacional sobre a obra de Jean Laplanche, Silvia Bleichmar faz o seguinte questionamento: "[Si] reprimir es en principio traducir, cuáles son las condiciones mínimas de uma traducción: presencia de un código – provisto por el adulto – y capacidad mínima de manejar un código: representarse. Es aquí donde diverge mi posición com la de Laplanche, quien lo resuelve nos siguientes términos: los messajes del outro son inscriptos antes de poder ser representados, pero el estadio de la traducción supone esse trabajo de répresentación que es secondario. Los lactentes pueden fantasear?" ("Mi recorrido junto a Jean Laplanche", in *Anais do IV Colóquio Internacional Jean Laplanche*, Gramado, RS, 1998.)
Nesse mesmo Colóquio, um de nós fazia a seguinte objeção: "A criança traduz de forma incompleta as mensagens enigmáticas do adulto e o resto não traduzido torna-se o objeto-fonte da pulsão. Considerando que este processo é válido também para o recalcamento originário, uma importante questão se coloca: Quem traduz, visto que não há ainda um Eu a quem se possa atribuir a iniciativa da tradução?" ("Le sexué et le sexuel dans la formation de l'inconscient", in *Anais do IV Colóquio Internacional Jean Laplanche*, Gramado, RS, 1998.)

desejo ou são atuadas pela via do gozo, é tarefa fundamental da análise. Nesse sentido, as formulações sobre os fundamentos da constituição do inconsciente e, em particular, sobre o recalcamento originário, não representam uma mera necessidade teórica, mas um suporte indispensável à clínica. Estas formulações nos permitem avançar hipóteses sobre a estrutura psicopatológica do sujeito, ou sobre os movimentos de estruturação psíquica que estão impedidos de se completar, no caso do sujeito em vias de estruturação, ou seja, no caso da criança. Tais hipóteses, afirma Bleichmar, possibilitam-nos ter uma idéia sobre "os riscos que corre o sujeito dentro dos limites previsíveis da vida, permitindo, assim, pensar sobre o que deve ser trabalhado na análise, no intuito de minimizar esses riscos". (Notas da aula de 05/03/05, S.P.)

Constituição psíquica e modos de produção da subjetividade

A universalidade do complexo de Édipo foi objeto de muitos questionamentos e polêmicas num determinado momento da história da psicanálise, mesmo após ter encontrado apoio significativo nos estudos antropológicos que viram na proibição do incesto a confirmação de seu caráter universal. Atualmente, as discussões sobre "novas patologias" têm levado, novamente, a questionamentos sobre a universalidade de noções fundamentais da psicanálise e, desta vez, as noções em foco são aquelas ligadas às estruturas psicopatológicas. Acompanhando os debates atuais em torno das novas subjetividades, somos levados a nos interrogar se o modelo freudiano clássico da neurose, fundado no recalcamento e no conflito psíquico, teria perdido sua importância, uma vez que se supõe que as novas patologias seriam caracterizadas não pelo conflito, mas pelo excesso pulsional ou por falhas narcísicas graves.

Atenta ao debate contemporâneo e às demandas de sua própria clínica, Bleichmar não podia deixar de se confrontar com essas questões. Se a teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche serviu-lhe para enfrentar o obstáculo do *biologismo* da pulsão, ela encontrou em Castoriadis elementos teóricos fecundos para se tentar evitar o *culturalismo* na psicanálise. Bleichmar considera fundamental distinguir os elementos de universalidade na constituição do psiquismo dos modos de produção de subjetividades, peculiares de um determinado momento histórico-cultural. Esses modos de produção de subjetividades se fazem representar no conjunto de enunciados egóicos, categoria distinta da função da imagem como constitutiva do Eu, da mesma forma que Castoriadis distingue um instintuinte de um instituído. (Notas da aula de 4/6/2005, S.P.).

Ao lado do complexo de Édipo, como ordenador do amor ao semelhante e como possibilidade de surgimento da ética, Bleichmar aponta, então, outros elementos de universalidade na constituição do psiquismo, quais sejam, a assimetria criança/adulto e a ligação amorosa da criança ao adulto. A assimetria entre criança e adulto é a condição para que a sexualidade inconsciente se implante na criança, gerando excitação pulsional. A ligação amorosa ao adulto possibilitaria, por sua vez, formas de ligação e de sublimação da excitação pulsional. Sabemos do caráter alusivo dessas últimas considerações, mesmo assim consideramos importante mencioná-las para dar ao leitor uma idéia da vitalidade de um pensamento que não retrocedeu ante os novos desafios.

Vemos que, mais uma vez, com a lucidez que lhe era peculiar, Bleichmar evitou a via mais simples na consideração das novas patologias, ou seja, aquela que justapõe os quadros clínicos segundo critérios muito mais fenomenológicos do que metapsicológicos e recolhe da teoria psicanalítica elementos conceituais esparsos para dar conta daquela fenomenologia específica. Optou, ao contrário, por renovar sua busca pela especificidade do objeto da psicanálise e, como num movimento em espiral, renovou-se para ela a formulação de uma mesma exigência: fundar novamente o campo da psicanálise.

***Abstract**: This paper put on focus some aspects of Silvia Bleichmar's work which are directly related to Jean Laplanche's thought. The originality of Bleichmar's contribution to psychoanalysis and her continuous efforts to preserve the specificity of this field were also taken into consideration.*

***Palavras-chave**: Silvia Bleichmar; teoria da sedução generalizada; sexualidade infantil.*

***Keywords**: Silvia Bleichmar; general seduction theory; infantile sexuality*

Referências Bibliográficas

BLEICHMAR, S. *Nas origens do sujeito psíquico – do mito à história.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

_____ Mi recorrido junto a Jean Laplanche. In: *Anais do IV Colóquio Internacional Jean Laplanche*. Gramado, RS, 1998. (Texto não publicado.)

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____ (1896). *A etiologia da histeria.* v. III, p. 226

_____ (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.* v. VII, p 229-230

LAPLANCHE, J. *Freud e a sexualidade – o desvio biologizante.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

RIBEIRO, P. C. Le sexué et le sexuel dans la formation de l'inconscient. In: *Anais do IV Colóquio Internacional Jean Laplanche*, Gramado, RS, 1998. (Texto não publicado.)

Maria Teresa Melo Carvalho
Rua Bambuí 25/1600
30210-490, Belo Horizonte, MG
Tel.: (31) 3221 5674
e-mail: mtmelocarvalho@terra.com.br

Paulo de Carvalho Ribeiro
Rua Bambuí 25/1600
30210-490, Belo Horizonte, MG
Tel.: (31) 3282 7082
e-mail: icaro.bhz@terra.com.br

Para não esquecer: Reflexões a respeito de Silvia Bleichmar e sua obra

Homero Vettorazzo Filho

Psicanalista,
professor e supervisor do
Departamento Formação
em Psicanálise do
Instituto Sedes Sapientiae
Membro da SBPSP

***Resumo**: Destaco a importância da obra de Silvia Bleichmar no sentido de separar os elementos fecundos dos conceitos psicanalíticos retirando-os do dogmatismo teórico e colocando-os em movimento na clínica em sua qualidade de atos analíticos com potencial estruturante. Ressalto duas de suas concepções de grande efeito na escuta e na intervenção analítica: a de narcisismo transvazante e a de neogênese. A importância e originalidade da obra de Silvia Bleichmar é descrita como decorrente de três raízes profundas: sua extensa erudição, visível em seu livre trânsito pelas diversas áreas do conhecimento humano; seu posicionamento ético como pensadora da cultura; e sua vasta experiência clínica.*

Escolhi como título deste texto – que visa expressar meu profundo reconhecimento e homenagem à obra e à pessoa de Silvia Bleichmar – o nome de um dos livros da grande escritora e poetisa brasileira, Clarice Lispector, que há 30 anos atrás morria no Rio de Janeiro, aos 57 anos, lutando contra um adenocarcinoma de ovário. Apesar de sua doença, Clarice continuou escrevendo praticamente até o dia de sua morte. Reconhecida como uma escritora intimista, viva em sua obra, Lispector fez de sua escrita a forma autêntica de falar – por meio de seus personagens – de sua turbulência interior e de suas questões frente seu posicionamento no mundo. Para expressar o nem sempre nominável, apropriou-se da linguagem, transgredindo-a de seu sentido corriqueiro, usando-a com liberdade e coragem. Uma vez declarou que escrevia por necessidade porque quando escrevia "se cozia por dentro". *Para não esquecer* (1964/1984) é um livro publicado postumamente, que reúne frases e textos curtos, concebidos em diferentes momentos de contato profundo consigo mesma, que bem poderiam pertencer a uma espécie de diário. Tive contato com a obra de Clarice Lispector desde jovem e ainda hoje procuro em seus livros companhia, ajuda para dar forma às emoções que continuam me tomando. Comentando com Silvia sobre um conto de Clarice (1964/1999) chamado *Legião estrangeira,* ela interessou-se muito em lê-la.

Quando Silvia Bleichmar morreu pensei muito em Clarice Lispector: que falta fazem as pessoas que ainda têm tanto para dizer.

Meu primeiro contato com Silvia Bleichmar data de quase 20 anos quando fui assisti-la em uma palestra que proferiu em São Paulo, no Instituto Sedes Sapientiae. Fiquei impressionado com sua clareza ao formular, articular e nos transmitir a originalidade de seu pensamento, na ocasião, sobre o conceito metapsicológico de recalque primário. Silvia Bleichmar (1993/1994) retirava-o do lugar de um tempo original, quase mítico, da estruturação do aparelho psíquico, para considerá-lo em sua dimensão clínica durante a sessão analítica. Em tal contexto propunha uma diferenciação entre Transtorno e Sintoma; distinção que deixava de ser teórica para ganhar *status* de ato analítico visto que seu interesse, ao relacionar o transtorno com falhas no processamento do recalque primário, visava principalmente defender – apoiada em sua experiência clínica – a possibilidade de se constituir em tais situações o recalcamento primário durante o tratamento, tornando-o assim alvo das intervenções analíticas.

Sua postura, portanto, sempre foi a de livrar a metapsicologia do campo do dogmatismo teórico e estéril, separando com responsabilidade e cuidado, nos conceitos psicanalíticos, seus elementos fecundos para que, recolocados em movimento na clínica, pudessem ser aí recompostos. A clínica psicanalítica para Silvia Bleichmar (1999/2005) não era, sob tal perspectiva, o lugar de produzir teorias, mas sim o espaço a partir do qual se levantam os interrogantes que possibilitam o questionamento e a revisão das teorias sustentadas como convicções. Daí sua proposta de *Neogênese* também na teoria com a intenção de restituir-lhe a fecundidade necessária às novas tarefas propostas pelas questões da clínica contemporânea.

Ao longo desse texto marco duas noções da obra de Silvia Bleichmar –fundamentadas em seu trabalho clínico – essenciais para pensarmos a constituição da subjetividade a partir de sua implicação nos diferentes tempos de estruturação do aparelho psíquico. São elas: o *Narcisismo transvazante* materno (1993/1994), considerado em sua importância para a estruturação do Eu e da ética dos ideais do Eu, e a *Neogênese* (1999/2005), como movimento que na clínica não se limita a recuperar o já existente, mas sim tenta criar novas possibilidades de simbolizações e abrir novas expectativas de vida.

Logo após a referida conferência, Silvia, a nosso convite, começou a coordenar trimestralmente em São Paulo um Seminário que passei desde então a freqüentar. Minha primeira impressão sobre ela transformou-se em

profunda admiração, que se consolidou durante os anos de contato em que pudemos aprofundar nosso intercâmbio tanto durante os seminários, nas supervisões, mas especialmente por meio da amizade pessoal com que fui agraciado.

Percebi Silvia como uma mulher viva, livre em seu pensamento e entusiasta em discuti-lo, sob o vértice de troca de idéias. Era autêntica em suas opiniões. Falava de suas concepções ressaltando sempre os inúmeros pensadores, psicanalíticos ou não, que tinha como interlocução na formulação de suas próprias teorizações. Admirava sua capacidade em transitar pelas diferentes concepções teóricas com uma clareza impecável, colocando-se no que concordava ou discordava de determinado autor, e, principalmente como, a partir daí, propunha novas formas de pensar a questão. Esse movimento livre e totalmente discriminado enriquece muito o leitor de sua obra colocando-o em contato com algo muito raro de ser encontrado: pode-se, na singularidade de suas concepções, desfrutar-se do pensamento de outros autores com quem ela está em discussão – e com os quais também se é induzido a discutir à medida que se acompanham os interrogantes levantados por Silvia com sua peculiar clareza – não há confusão de conceitos visto que a sua proposição metapsicológica, fruto de tais *diálogos*, é precisa.

Percebemos ao nos aprofundarmos do pensamento de Silvia que a sua originalidade e clareza têm três raízes profundas: sua extensa erudição, visível em seu livre trânsito pelas diversas áreas do conhecimento humano; seu posicionamento ético como pensadora da cultura, e sua vasta experiência clínica. Sendo mais preciso diria: sua experiência não só no sentido de sua impressionante capacidade de trabalho e de produção intelectual, mas de seu *dom* para a clínica e para o contato com o outro humano, fruto indubitável da pessoa autêntica, direta, curiosa, culta e livre pensadora que sempre foi como psicanalista e como ser político eticamente implicado e envolvido na contemporaneidade.

Penso que esta é a marca singular de sua obra, seja em seus escritos em que o contexto político-social é o foco temático, ou mesmo em seus textos psicanalíticos nos quais Silvia sempre privilegia as formas éticas presentes nas trocas familiares e sociais como um dos eixos para pensar a estruturação do psiquismo. Isso indubitavelmente faz com que a sua obra assuma uma forma viva de se conceber a psicanálise.

Quando tive a oportunidade, junto com duas outras amigas psicanalistas, Alicia Brasileiro de Mello e Maria Cristina Perdomo, de

traduzirmos para o português um de seus livros: *Clínica psicanalítica e neogênese*, nossa grande dificuldade era modificarmos o mínimo possível a estrutura das frases, pois o texto parecia vivo. Ao lê-lo para a tradução, ouvíamos a voz de Silvia, inclusive em sua entonação e não queríamos privá-lo disso. Não penso que fosse nossa admiração o que estava dando sustentação a essa nossa dificuldade, o discurso vivo de Silvia Bleichmar vinha de sua presença autêntica na relação com sua escrita. Certa vez, perguntei-lhe como conseguia trabalhar tantas horas, dar cursos e ainda organizar suas idéias na produção de textos. Ela olhou-me divertida e disse: "eu escrevo da mesma forma como penso. Sento e vou escrevendo o que penso".

Acredito que fosse assim mesmo, até porque, pelo que podíamos perceber dos relatos de sua experiência clínica, essa era exatamente sua forma de posicionar-se com seus pacientes: falar diretamente o que estava pensando, com clareza, simplicidade e liberdade. Em tal atitude de sincera receptividade e de contato direto e franco penso ter residido algo que sempre me surpreendeu: sua impressionante capacidade de analisar crianças, criando possibilidades para que elas pudessem expressar suas angústias, crenças, dúvidas.

Lembro-me de uma discussão na qual ela defendia a idéia de que a sala de ludoterapia deveria ser chamada de sala de análise, independente de que a questão lúdica estivesse presente como instrumento de trabalho. Com tal posicionamento penso que Silvia, apesar de ser uma das pessoas mais lúdicas que conheci e que notoriamente usava seu humor na vida e no seu trabalho clínico, queria marcar a seriedade com que uma criança deve ser ouvida e profundamente considerada em sua condição de alteridade de um pequeno ser humano, com suas aflições, dúvidas, teorias e interpretações sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo.

Tal postura está na base da criação de um campo não só analítico, mas também de subjetivação. Lembro-me de uma situação, durante um de seus seminários aqui em São Paulo, na qual Silvia nos relatou sobre uma pequena paciente que lhe perguntou se ela tinha medo de morrer. Silvia de forma honesta e solidária assentiu que: "sim e você?" A partir daí essa pequena filósofa sentindo-se ouvida pôde compartilhar e discutir com ela sobre uma série de medos e teorias que tinha a este respeito. Meses depois, coincidentemente, deparei-me em uma sessão com a mesma pergunta feita por outra pequena filósofa, desta vez paciente minha. A reflexão sobre a postura de Silvia na situação similar, anteriormente relatada, que foi de um

posicionamento ético e analítico impecável, ajudou-me muito nesse caso. Pudemos também conversar livremente sobre essa questão, que se desdobrou para o medo de solidão e do escuro. Tal paciente era filha adotiva e foram muito interessantes as *pontes simbólicas* – usando uma expressão de Silvia Bleichmar (1999/2005) – que pudemos tecer fornecendo as bases para um processo de *neogênese.*

Em seu livro *A fundação do inconsciente* (1993/1994), relata o tratamento de Alberto, um garoto de cinco anos cujo discurso fragmentado e descontextualizado parecia apontar para falhas na estruturação do ego – em sua capacidade ligadora – e, junto a isso, no recalcamento primário. Emociona-me a maneira como Silvia conversa com Alberto sem invadi-lo com suas concepções teóricas, mas, ao contrário, como partindo delas criava ressonâncias, pontes simbólicas, para que o próprio garoto tivesse condições de nomear seu terror dele se apropriando. Nesse sentido, recorto um trecho do texto em que é relatada uma situação na qual o garoto, entrando em pânico frente a um ruído exterior de uma moto, agarra-se a Silvia. Diz ela:

> Não existe analista de crianças, nem de psicóticos, que não sofra periodicamente "a tentação do sentido comum": explicar-lhe que a moto não pode voar, entrar pela janela, ou que não pode subir pela escada, e assim acalmar a angustia que se produz em si mesmo. Felizmente minha crença na psicanálise, corroborada pela minha experiência pessoal e clínica, impedia que se concretizasse uma tentação desse tipo; sabia do caráter inoperante de tais intervenções. Em meu auxílio vinham, por um lado, as reflexões metapsicológicas de Freud, que me proporcionavam um ordenador teórico a partir dos quais podia pensar o que ocorria. Pus minhas mãos sobre sua cabeça, enlaçando-a (como constituindo uma proteção), e falei-lhe dos objetos que entravam nela, de como sentia sua cabecinha aberta a todas as coisas que entravam e saíam, e lhe propus ajudá-lo a conseguir, juntos, que sentisse que podia abrir e fechar sua cabeça para receber aquilo que hoje o invadia partindo-o em pedacinhos. "A moto não pode entrar em minha cabeça, não é verdade?", respondeu-me. (p. 96)

Essa fala tão expressiva para entendermos a noção de *neogênese* me parece trazer embutido outro conceito que, por sua função estruturante, é fundamental na obra de Silvia Bleichmar. Trata-se da noção de *narcisismo transvazante materno.* Silvia ressalta em tal concepção a diferença entre

o inconsciente materno e o narcisismo materno, tendo como referente suas funções, respectivamente, na implantação do sexual pulsional e na constituição e desenvolvimento do ego. No primeiro contexto a mãe se torna tanto portadora de um desejo inconsciente como suporte material de uma mensagem enigmática que, transmitida ao bebê, o parasita sexualmente e o submete a um afluxo que deve procurar vias de escoamento. Por outro lado, se por meio de seu inconsciente a mãe excita a cria, ao mesmo tempo, a partir de suas representações egóico-narcísicas do pré-consciente, ela pode ver seu bebê como um todo, como uma Gestalt organizada, como um ser humano. A libido, desligada, intrusiva, que penetra, deve ser ligada por vias colaterais, por meio deste narcisismo estruturante que o vínculo amoroso propicia. Silvia ressalta a partir daí que, em primeiro lugar, o ego não se constitui no vazio, mas sim sobre as bases das ligações prévias entre sistemas de representações pré-existentes e que estas ligações, tal como Freud (1895/1976) descreveu no *Projeto*, consistem em investiduras colaterais. Em segundo lugar, assinala que este ego que produz inibições e propicia ligações no decurso das excitações não está presente no vivente no início da vida. Corresponde ao outro humano adulto, que, além de prover recursos para a vida, inscreve também de início estes recursos em sua potencialidade de *pulsão de vida*, quer dizer, de ordenamento ligador que propicie uma articulação da tendência regulada à descarga.

Penso que esta função narcisizante é poeticamente descrita por Silvia Bleichmar (1993/1994) ao relatar em *Fundação do Inconsciente* suas intervenções junto a uma jovem mãe que a consulta devido seu bebê, de cinco semanas, ficar praticamente acordado durante 20 das 24 horas do dia, além do que não consegue mamar. Em tais circunstâncias, o casal e o bebê se encontravam em um clima de desespero e esgotamento. Silvia dispõe-se a observar o vínculo mãe/bebê durante a mamada e troca de fraldas feitas em seu consultório, na sua presença. Diz ela:

> Enquanto falávamos, assinalei que o bebê não estava encaixado no ângulo interior do braço. Perguntei se ela não se atrevia a segurar-lhe mais forte e se não tinha vontade de acariciá-lo. Roçou-lhe a cabeça com um dedo como se tivesse temor de fazê-lo. À medida que falávamos começou a tocá-lo devagarzinho, a acomodar-lhe as perninhas, a arrumar sua cabecinha. Perguntei se ela não pensava estar incômoda, para o bebê, a posição dos seus bracinhos já que um deles estava dobrado impedindo seu contato com o seio. Disse-me: "Sabe, sempre agarro sua mão enquanto come, creio que necessita de

> minha mão." Acrescentei com suavidade: "Creio que você necessite a dele." "Sim, pode ser, passamos tanto tempo juntos." Expliquei-lhe que ele necessitava poder agarrar-se ao seio; que era a partir desse seio que iria, aos poucos, entendendo ser ela a sua mamãe. Eu mesma tinha a impressão de estar assistindo a algo inaugural; uma envoltura narcisizante capturava-nos a todos. (p.14)

A questão levantada por Silvia Bleichmar a partir de sua noção de narcisismo transvazante materno traz um importante desdobramento para se repensar a constituição dos sistemas de ideais, da moral e do superego.

Assim a questão da ética, para ela, já se impõe na função narcisizante materna, visto que essa noção traz como pressuposto básico que haja renúncia da mãe para com o filho enquanto objeto de satisfação pulsional. Tal condição – força fundamental estruturante para a efetividade do recalque primário – constitui por sua vez as bases da renúncia pulsional, que também deve ser exigida do infante em relação à mãe, instalando-se assim o que Silvia denomina de condições de amor. Chama nesse sentido a atenção para a instauração de processos patológicos, em situações de amor incondicional, visto que os tempos de instalação das instâncias ideais e do superego – respectivamente ideal do Eu e consciência moral – se diferenciam claramente do tempo de instalação e das funções do ego ideal narcisista. Assim, muitas vezes as demandas narcisistas do ego ideal vêm mascaradas de exigências com emblemas culturais, confundindo-se com demandas de ideais do Eu. Esta situação é claramente diferente da instauração do ideal de ego, enquanto resíduo identificatório de uma renúncia. A tirania exercida pelo ego ideal remete às primeiras representações do ser quando se fazem renúncias para "ser bom, ser querido, etc." A renúncia se faz para se poder "ser", a partir de uma proposta feita pelo outro.

Lembro-me, nesse contexto, de uma observação feita por Silvia que trazia em si a difícil combinação de extrema clareza e simplicidade associada ao impactante efeito que se abria a partir daí na escuta clínica. Tal característica, habitual nas observações feitas por Silvia, marca sua singularidade como analista sendo indubitavelmente fruto da pensadora da cultura e da pessoa ética que sempre foi. Dessa vez ressaltava como podíamos, por meio da escuta atenta de nossos analisandos, e pela angústia em questão, intuir formas de circulação do narcisismo familiar que contaminando certas opiniões particulares sobre o mundo ganhavam aspecto de lei geral. A dimensão dessa condição deve ser considerada levando-se

em conta que as crianças vão formular o que querem ser em correspondência ao que ouvem de certas propostas particulares do adulto oficializadas como lei geral.

A importância de se repensar as bases da ética em suas raízes, antes mesmo da resolução edípica, é outra proposta de Silvia Bleichmar (2006), que tem um sentido profundo tanto pela sua eficácia clínica como pelos seus desdobramentos para se pensar a ética na psicanálise. É neste sentido que propõe, no psicodiagnóstico de uma criança – mesmo no período pré-edípico – que se investigue junto a ela: *por que ela chora? O que lhe causa dor? Qual sua postura frente seu sofrimento e frente o sofrimento do outro?* Silvia marca que em crianças, mesmo muito pequenas, com grande transbordamento e atuação de sua condição polimorfa perversa, deve-se tomar tal situação para a investigação de como estão se constituindo as bases da ética. Enfatiza assim que, mesmo nas relações duais, já deve se instalar a renúncia não só por medo da perda de amor, mas também pelo sofrimento causado ao outro.

É a partir desse posicionamento que questões postuladas por ela, em vários de seus textos, têm servido como referenciais clínicos e éticos à minha escuta. Suas diferenciações entre vergonha e culpa; sujeito ético e sujeito disciplinado; motivo de consulta e razão de análise; e tantas outras, continuam aí como formas de abertura para o pensamento ético-psicanalítico.

Clarice Lispector em um livro chamado *A descoberta do mundo* (1968/1999) fala sobre a dificuldade humana do sentir, pensar e agir. Diz a escritora: "O que eu sinto não ajo. O que eu ajo não penso. O que penso não sinto. Do que sei sou ignorante. Do que sinto não ignoro. Não me entendo e ajo como se me entendesse." (p.465)

Silvia Bleichmar me parece exatamente contrariar o paradoxo proposto por Clarice Lispector, pois, do que pude apreender na minha convivência com ela e que sempre me causou muita admiração, foi uma pessoa que conseguiu: Sentir o que Pensava e Agir como Pensava. Conversando outro dia sobre sua morte com uma amiga psicanalista, Sylvia Loeb, que também participava dos seus seminários em São Paulo, comentávamos como é difícil a perda de alguém querido, que tinha muito ainda para falar e que nos enriquecia tanto ouvir. Penso que uma forma de mantermos esse diálogo é ouvindo-a em sua obra, colocá-la para trabalhar, como diz Laplanche a respeito da obra freudiana, tendo-a, assim, sempre conosco.

Em seu livro *Clínica psicanalítica e neogênese,* Silvia Bleichmar (1999/2005) diz:

> Suponhamos, por exemplo, que dentro de quinhentos anos a psicanálise, por um lado, e alguns autores psicanalíticos, por outro, sobrevivessem; e que alguns textos produzidos nesse campo do conhecimento, a que pertencemos, fossem lidos e, por uma preciosa causalidade, algo do que algum de nós enunciou chegasse às mãos de um ser humano do futuro. O maior anseio, se isso acontecesse, seria que quem recebesse o que rabiscamos hoje com tanto trabalho pensasse, pelo menos, que fomos parte, junto a outras disciplinas, da maior tentativa realizada em nossa época para conhecer e transformar algo da condição humana e, fundamentalmente, que essa tarefa intelectual foi realizada com dignidade. (p.15)

Tenho certeza de que Silvia Bleichmar conseguiu isso.

***Abstract**: The author emphasizes Bleichmar's ability to separate the fertile elements from the metapsychological concepts, removing them from theoretical dogmatism, to put them in use in clinical practice as a psychoanalytic act of structuring potential. The author also stresses the importance of two of Bleichmar's concepts regarding clinical intervention and psychoanalytic listening: "maternal narcissism" and "neogenesis". The importance and originality of Silvia Bleichmar's work are described as something derived from three deep roots: 1) her extensive erudition, noticeable by the way she easily moves along diverse areas of human knowledge; 2) her ethical stand as a thinker of culture; 3) her vast clinical experience.*

***Palavras-chave**: Silvia Bleichmar, ética, narcisismo transvazante, neogênese, ato analítico, escuta analítica*

***Keywords:** Silvia Bleichmar, ethic, "maternal narcissism", neogenesis, analytic act, analytic listening*

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA
MADRE
CRISTINA

Referências Bibliográficas

BLEICHMAR, S. (1993) *A Fundação do inconsciente.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____ (1999). *Clínica psicanalítica e neogênese.* São Paulo: Annablume, 2005.

_____ *Seminários em São Paulo*, não publicados, 2006.

FREUD, S. (1895) Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LISPECTOR, C. (1968) Mais do que um jogo de palavras. In: *A Descoberta do Mundo.* Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____ (1964-a) *Para não esquecer.* São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

_____ (1964-b) Legião estrangeira. In: *Legião estrangeira.* São Paulo: Siciliano, 1999.

Homero Vettorazzo Filho
Rua João Moura, 627, cj. 94
05412-001 São Paulo SP
Tel: (11) 3085 9181
hvetorazzo@uol.com.br

A feiticeira Silvia Bleichmar

Maria Teresa Scandell Rocco

Psicanalista, docente e membro efetivo do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Resumo: *Este artigo homenageia a psicanalista Silvia Bleichmar apresentando algumas de suas importantes contribuições teórico-clínicas com as quais a autora teve contato no percurso de quinze anos de seminários sob direção da mesma. Trabalha os conceitos de pontes simbólicas e simbolizações de transição, ilustrando sua aplicabilidade por meio de uma vinheta clínica.*

Minha clínica mudou depois que conheci Silvia Bleichmar.

Desde os tempos de meus estudos em Psicologia na Universidade de São Paulo, quando, pela primeira vez, tomei contato com a psicanálise, a forma pela qual ela era transmitida aos alunos me dava a impressão de que o pensamento clínico do analista se alcançava mais por um processo de iniciação e artesania – frutos de anos e anos de análise pessoal e supervisão – do que por um trabalho com rigor metodológico, baseado numa metapsicologia. Lembro-me do dia em que uma de nossas supervisoras, analisando à primeira vista a história que uma criança – de quem só sabia a idade e o gênero – produzira diante da primeira prancha do CAT[1], levantou hipóteses sobre ela que arrancaram exclamações de nós, alunos, num misto de admiração e angústia:

– Como ela consegue saber tudo isso?

– Ela só pode ser um gênio, ou uma bruxa! Eu, simples mortal, mesmo esforçada, nunca conseguirei alcançar esse grau de sabedoria...

Muitos anos de análise, estudos de teoria e prática clínica supervisionada depois, eu ainda não havia conseguido me entender muito bem com a *feiticeira metapsicologia* "conjunto de especulações e teorizações sem o qual não se dá um passo adiante" a quem Freud (1937) recomendava como auxiliar no trabalho de amansar a pulsão durante a cura analítica. Era como se houvesse ainda um elo perdido, pois mesmo as supervisões pareciam me oferecer apenas fórmulas isoladas, quase sempre apoiadas apenas na análise da transferência, conforme o quadro clínico do paciente em questão, para lidar com todo tipo de problemática. Nada aprendia com comentários de analistas atribuindo detenções ou mesmo fracassos em seus casos como sendo de responsabilidade de seus *refratários e atuadores* pacientes, ao mesmo tempo em que não era capaz de compreender com clareza os processos psíquicos envolvidos nos casos

1 CAT: *Children's Thematic Apperception Test*, um teste projetivo que se aplica em crianças.

em que, felizmente, progressos ocorriam. Era, sobretudo, nos casos em que a interpretação de conteúdos latentes, recalcados do paciente, mostrava-se infrutífera, que eu mais vivia a experiência angustiante de não conseguir me servir da "feiticeira". Aspectos de ordem sexual e intensos afetos primitivos, outrora tão constrangedores para os pacientes de Freud, surgiam a céu aberto em muitos de meus pacientes, parecendo serem insensíveis às minhas interpretações.

Quando, em 1993, tomei contato com Silvia Bleichmar, em um evento organizado pelo Departamento Formação em Psicanálise[2], tive a primeira experiência – instigante e inesquecível – de assistir a uma exposição onde toda a análise clínica, e conseqüente estratégia de tratamento feita pela analista, eram fundamentadas no modelo metapsicológico freudiano, com as devidas revisões e atualizações. Lembro-me de que foi então que pude começar a rever e trabalhar melhor o complicado conceito de recalque primário[3], articular alguns conceitos já trabalhados como *sedução generalizada, metábola e originário* (Laplanche, 1981 e 1988), numa perspectiva metapsicológica com vistas à ampliação de uma prática clínica que também desse conta de processos da ordem dos transtornos e das compulsões.

2 Encontros Psicanalíticos: Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (maio de (1992), sendo a primeira de várias vindas, em anos posteriores, para atividades realizadas com organização da Comissão de Eventos.

4 Freud diz que os sintomas neuróticos são evidência de sistemas em conflito recíproco, sendo o produto de um compromisso que põe fim a dito conflito *provisoriamente.* (Freud, S., 1900, p. 572) (grifo meu).

Silvia teve o interesse e a generosidade de transmitir seu pensamento e trabalhar temas psicanalíticos – sempre articulados com realidade social, política e cultural de nosso mundo contemporâneo - com um pequeno grupo em São Paulo, desde o início dos anos 90 até dezembro de 2006, quando, mesmo sofrendo fortes dores, fez questão de vir a São Paulo para o encerramento de mais um ano de seminários. Sendo um dos afortunados membros desse grupo, sinto-me no dever de dar testemunho e de transmitir seus ensinamentos.

Aprendi com Silvia Bleichmar a distância entre a procura de um analista e a constituição de um sujeito de análise e quão temerário é começar uma análise

> ...sem que esteja claro se o inconsciente está constituído, se a interpretação será recebida como palavra capaz de desvelar conteúdos inconscientes ou como coisa que explode no psiquismo, se o recalque (originário) está posicionado e o suposto sintoma com o qual nos havemos é o efeito da disposição diferenciada e do compromisso entre os sistemas psíquicos ou simplesmente um modo de exercício pulsional, que não alcançou ainda um destino no interior de um aparelho ainda não terminado de se constituir... (Silvia Bleichmar, 2001, p. 2)

Silvia usava, a guisa de metáfora, duas denominações para as condições psíquicas iniciais dos pacientes que costumava receber. Primeiro, e cada vez mais escassos, os pacientes que vinham de Manhattan, bairro da elite novaiorquina, em cujos psiquismos uma tópica já se constituíra, sujeitos que sofriam predominantemente com sintomas que funcionavam como equilibradores mal sucedidos da excitação psíquica[4] entre os sistemas Ics e Pcs. Do conflito entre desejo e defesa, produziam-se formações de compromisso que apareciam como enigmas a esses sujeitos e lhes suscitavam questionamentos sobre si, ou seja, nesses pacientes uma demanda de análise já existia. Mais numerosos eram aqueles que vinham do Bronx, região dos menos favorecidos em Nova York, que procuravam sua ajuda por conta de sofrimentos da ordem dos transtornos[5], pacientes cujas tópicas psíquicas, seja por excesso, seja por *déficit*, não estavam ainda suficientemente armadas[6]. Nesses casos um trabalho prévio deveria ser feito pelo analista no sentido de possibilitar que o paciente pudesse se constituir num sujeito de análise.

Aprendi com Silvia que a associação livre e a interpretação não são as únicas ferramentas de uma análise, dada a heterogeneidade possível de conteúdos psíquicos quando se pensa em um aparelho sempre aberto ao real, constituído em diferentes movimentos, com tempos de ressignificação,

> ...aparelho constituído a partir de inscrições provenientes do exterior e submetidas constantemente a seu embate... (.no qual) ... representações que produzem o sofrimento psíquico não são todas – nem em certos casos a maioria – da ordem do secundariamente reprimido, vale dizer, constituídas a partir da desqualificação do código da língua, na qual estavam inseridas e recuperáveis, assim, mediante a livre associação ...mas sendo também da ordem do *arcaico*, constituídas por restos do traumático que continuam investidos e operando, ou seja, do ...nunca processado em linguagem no sentido estrito... senão que operam como um *fragmento de realidade* (o grifo é meu) psíquico, aderido ao vivencial, inscrito mas não articulado em algum dos sistemas que se regem por legalidades e conteúdos diferenciados. (Bleichmar, 2004, p.1)

Graças a esta concepção do arcaico, pude também aprender que com auxílio do método *abdutivo* – processo de investigação que caminha por hipóteses provisórias, verossímeis – o analista pode oferecer ao paciente *simbolizações de transição*, verdadeiros *auto-transplantes psíquicos*,

4 Processo responsável pela fundação de um aparelho psíquico dividido em dois sistemas, Inconsciente e Preconsciente, com seus respectivos modos de funcionamento, processo primário e secundário que, segundo Freud se daria de um só golpe, graças a um contra-investimento. (Freud, 1915, p. 178)

5 Os transtornos são a evidência mais clara e trágica da ação da pulsão de morte. Os mais freqüentes em nossa clínica são produzidos tanto por excesso energético, combinado a uma pobreza da rede representacional psíquica, deixando o sujeito a mercê de um transbordamento pulsional (como no pânico, nas compulsões, na insônia, nas afecções psicossomáticas, na devastação do pensamento reflexivo), que o obriga a buscar vias de evacuação desse excesso, num exercício nunca chegado a uma resolução; como por escassez libidinal (como na apatia, nas depressões do tipo marasmo, no vazio da interioridade).

6 Remeto também o leitor aos trabalhos de Sándor Ferenzi, o primeiro psicanalista a pensar a questão da assimetria entre adultos e crianças na constituição do psiquismo, cujas idéias foram a base que Laplanche usou em sua teoria da sedução generalizada.

tecendo nexos entre "contextos já relatados e conhecidos no interior do processo da cura, mas que não tenham sido relacionados com o elemento emergente." (ibid, 2004, p. 2)

Apresento, a seguir, fragmentos de um caso clínico, para ilustrar a ampliação que pude desenvolver em meu pensamento psicanalítico e minha prática a partir dos conceitos de simbolizações de transição e pontes simbólicas. (Bleichmar, 2004)

Vera evita perceber o crepúsculo. Sempre que a luminosidade natural diminui, no final da tarde, sente uma inexplicável angústia que a leva a criar expedientes como o de se afastar de janelas até que a noite já tenha escurecido o céu e as luzes artificiais dominem o ambiente[7]. Incentivo Vera a associar livremente tudo o que possa se ligar a essa situação de final do dia e escurecimento do entorno. Nada surge daí. É então que, graças à "feiticeira metapsicologia", empreendo uma pesquisa clínica com Vera utilizando o método abdutivo, na tentativa de criar um "...tecido representacional capaz de articular o desgarrado". (Ibid, 2004) Parto da hipótese de que vivências traumáticas simultâneas à percepção da diminuição da luminosidade do dia possam ter feito marcas no aparelho psíquico incipiente do bebê Vera, marcas da ordem dos signos de percepção (Freud, 1896), restos do traumático, "... não necessariamente os mais antigos que o aparelho psíquico conserva, senão que podem se produzir ao longo da vida como materialidade irredutível a toda a articulação, dado serem produto de experiências psíquicas imetabolizáveis." (Ibid, 2004)

Reparo que a paciente procura preencher toda a sessão com falas, e quando lhe aponto esse movimento, ela se dá conta de que é tomada de angústia cada vez que um silêncio, mesmo breve, se produz entre nós. Penso num bebê, que resiste a dormir, chorando desesperadamente a cada vez que deixa de perceber índices (visuais, auditivos) da presença do adulto de quem depende. Tendo isso em mente, investigo como Vera pega no sono todas as noites e sua descrição nos anima a continuar nessa direção: nunca se deita de luz apagada, olhos fechados, a espera da vinda do sono; ao contrário, sempre lê na cama até cair adormecida sobre o livro; prefere dormir com luminosidade em volta e até sons. Pergunto como era a rotina do seu sono quando pequena, ao que responde ter sempre tido horror às sonecas de descanso obrigatório durante o dia, e, mesmo mais velha, na tarde da véspera de Natal ou do Ano Novo. Ficava acordada, impaciente, no quarto de dormir, luzes apagadas e janelas fechadas, desesperada para sair de lá e voltar ao movimento do dia junto aos adultos. Lembrando-me de que Vera é a filha mais velha e de quão intensamente sempre foi ligada à

7 Vera não é a primeira paciente que me relata este mal-estar com o crepúsculo. Ao longo de 30 anos de prática clínica já acompanhei mais dois casos que apresentavam esse transtorno, sem que pudéssemos chegar a uma compreensão que ligasse a angústia a uma trama simbólica que possibilitasse um abrandamento ou superação do sofrimento.

mãe – que deixou de trabalhar para se dedicar exclusivamente à família – vamos construindo mais hipóteses, *pontes simbólicas,* entrelaçando-as entre si. Imaginamos uma cena típica dos primeiros tempos de vida (que Vera mais tarde confirma com a própria mãe): Após passar o dia inteiro com a mãe, que realizava todas as tarefas domésticas com a filha perto de si (inclusive "participando" e "ajudando" a mamãe), no final da tarde chegava a hora do banho do bebê, que, depois de comer ficava no quarto (no berço ou no quadrado), enquanto a mãe terminava o jantar e recebia o pai, período em que escurecia o dia. Os pais de Vera lhe contam que ela protestava veementemente e que, se não fosse a energia do pai, a mãe não teria coragem de deixá-la chorando até adormecer. Outro fio representacional que articulamos aos demais é a questão da morte. Quando Vera procura a análise, sua mãe já se encontra acometida de uma doença degenerativa, circunstância que angustia muito a paciente, que diz não conseguir aceitar essa "outra mãe", frágil e dependente, tão diferente daquela que sempre sabia e ensinava tudo para ela, mesmo na vida adulta, tirando-a da angústia ante situações novas (como cuidar da casa, cozinhar, cuidar de um bebê que ainda não fala).

Por fim, a morte, no sentido amplo e no restrito, que nunca tivera muito lugar no repertório da família que mantinha "tudo em ordem" o tempo todo, passa a ser tema freqüente ao longo de nosso trabalho analítico. Percorremos situações de sua vida, nas quais Vera precisa reconhecer e lidar com perdas dos mais variados tipos, a ponto de declarar ter agora aprendido a "tomar chá com a morte" para poder continuar a "atribuir sentido para o viver".

Como diz Octave Mannoni (1992), não há como falar em termos válidos sobre a própria morte, dado que "é só silêncio". Mas como ela exerce efeitos sobre a vida, se nos calarmos será pior.

Este artigo é uma tentativa de conviver com a falta definitiva da querida feiticeira Silvia Bleichmar. Suporto melhor as saudades de sua risada franca, sua agudeza crítica, sua vivacidade e sua compaixão pelo sofrimento humano, fazendo com que seu pensamento continue vivo entre nós.

Abstract: *This article pays homage to the psychoanalyst Silvia Bleichmar by presenting some of her important theoretical-clinical contributions. The author attended her seminars for fifteen years. Concepts such as symbolical bridges and transition symbolization are worked and their applicability illustrated through a fragment of clinical work.*

***Palavras-chave**: Metapsicologia, sintoma, transtorno, abdução, pontes simbólicas.*

***Keywords:** Metapsychology, symptom, disorder, abduction, symbolical bridges.*

Referências Bibliográficas

BLEICHMAR, S. *Del motivo de consulta a la razón de analisis*. n. 287, Buenos Aires: 2001.

_____ *Simbolizaciones de transición: una clínica abierta a lo real.* In: *Docta – Revista de Psicoanálisis.* Córdoba, Argentina: Asociación Psicoanalítica de Córdoba, Año 2 Otoño-Invierno, 2004.

FERENCZI, S. (1932). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: _____. *Obras Completas,* v. 4. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 97-106.

FREUD, S. *Obras Completas.* Buenos Aires: Amorrortu editores, 1986.

_____ (1900) *A Interpretação dos sonhos*, vol V, p 572.

_____ (1896) Carta 52 (6 dezembro). vol I, p. 274-276.

_____ (1915) O inconsciente. vol XIV p. 178.

_____ (1937) Análise terminável e interminável, vol XXIII, p. 228.

LAPLANCHE, J. *El inconsciente y el ello – Problemáticas IV.* Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1981.

_____ Teoria da sedução generalizada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988 cap 10.

MANNONI, O. *Um espanto tão intenso*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

Maria Teresa Scandell Rocco
Rua Bertram, 30
04514-070 - São Paulo, SP
Tel 5041 6793 / fax 5542 2720
rocco.mts@sti.com.br

Signos de percepção, indícios e simbolizações de transição
O legado de Silvia Bleichmar

Maria Cristina Perdomo

Psicanalista, professora e supervisora do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Resumo: *A autora realiza neste trabalho uma explanação dos conceitos de signo de percepção, indício e simbolizações de transição à luz do pensamento de Silvia Bleichmar. Delimita o estatuto metapsicológico desses itens e aborda a importância que adquirem na clínica como elementos que possibilitam ao analista um pensamento metapsicológico sobre a estratégia adotada no processo de cura.*

"No hay tal vez daño mayor a la vida humana – salvo la muerte – que su desperdicio" [1]

1 Bleichmar, S. Del motivo de consulta a la razón de análisis. In: *Actualidad Psicológica,* n. 287, Buenos Aires: 2001.

Assim começa Silvia Bleichmar um de seus textos.

E posso dizer, com o coração entristecido, que é um dano sua morte, um dano intenso e profundo. Um dano para a psicanálise que perde uma pensadora brilhante e audaz; um dano para a Argentina, seu país, que perde uma mulher de luta incansável e de sensibilidade humana como poucos; e um dano pessoal porque perco uma amiga muito querida com quem compartilhei afetos e ideais e que, como se isso não fosse bastante, soube escutar-me e acompanhar-me com sua qualidade humana.

Sua vida não teve desperdícios. Bebeu-a com fruição, sorvendo cada gota, saboreando cada etapa e sentindo-se feliz de poder compartilhá-la com os que caminhavam junto a ela, com seus *compañeros de ruta*, como ela carinhosamente nos chamava. Transmitia-nos a felicidade de viver a vida, de senti-la com plenitude e com isto nos mostrava que, por mais dura e difícil que às vezes se tornasse, sempre valia a pena. Teve, em seu trajeto de vida, riqueza e abundância de idéias, de trabalho fecundo e de colheitas gratificantes.

Silvia semeou idéias, e hoje, nós que fomos seus discípulos, temos uma dívida de gratidão para com ela. Dívida simbólica que nos acompanhará em nosso caminho, caminho no qual continuaremos sendo seus *compañeros de ruta*.

Este artigo, escrito na dor do luto, é uma maneira de dialogar com ela.

Um dos maiores legados que Silvia Bleichmar nos transmitiu foi, como cidadã, o compromisso ético como participante ativo de um laço social, a luta permanente de uma intelectual comprometida com seu tempo, comprometida com os destinos de seu país e lutando por um mundo melhor. Como psicanalista nos mostrou o rigor de um pensamento teórico colocando os conceitos "para trabalhar" e submetendo-os à prova na sua solidez, aliado a um questionamento fecundo dos paradigmas de base com o intuito de separar o joio do trigo, mas, sobretudo, nos ensinou a pensar uma articulação teórico-clínica que devolveu fertilidade e criatividade ao fazer analítico.

Seu trabalho sobre a metapsicologia freudiana, sua clínica embebida dessa metapsicologia proporcionam, a quem trabalha e a quem lê seus textos, o prazer de compartilhar um saber e aceder à construção de seu pensamento.

A clareza com que pensava a clínica e a facilidade em fazer referência constante à teoria e a justificativa metapsicológica da sua postura e ação analíticas constituem eixos centrais de seu pensamento que marcou uma geração de discípulos.

Meu primeiro contato com Silvia Bleichmar aconteceu em outubro de 1990, quando viajei a Buenos Aires com o propósito de convidá-la a proferir uma conferência em São Paulo. Foi um encontro diferente daquele que eu havia imaginado. Não foi um encontro formal, e muito menos limitado ao convite. Almoçamos juntas e conversamos de psicanálise, certamente; mas conversamos também da vida, de nossas histórias pessoais, e foi esse o começo de uma amizade em que pudemos aprofundar o contato profissional e afetivo. A conferência em São Paulo, intitulada *A Heterogeneidade do inconsciente* aconteceu pouco tempo depois. Foi lá que o meu conceito de repressão primária, como momento mítico e fundante do aparelho psíquico, começou a entrar em crise. Iniciei, assim, um longo e fecundo caminho de trabalho intelectual compartilhado.

Naqueles tempos perguntava-me pelo estatuto das representações fundantes do aparelho. Questionava-me sobre as diferenças entre as representações-coisa e as representações – se é que assim podia chamá-las – que formavam o núcleo do Inconsciente, o núcleo duro, aquelas que Freud trabalha como "umbigo dos sonhos". Intuía alguma discriminação, mas não conseguia avançar muito.

Veio em meu auxilio a *Carta 52* (112 na nova numeração) com seu modelo de traduções e transcrições. Este texto me ajudava no sentido de manter a existência de uma diferença. E foi, então, que apareceram,

enfatizados como elementos centrais no pensamento de Silvia Bleichmar, os traços, as marcas perceptivas mais primitivas; aqueles elementos que, embora inscritos no psiquismo, não se fixam em nenhum ponto da trama do tecido psíquico e deambulam com força por essa trama devido à sua alta voltagem libidinal. É o arcaico, início e fundação do aparelho psíquico.

A partir deste ponto, o indiciário e as simbolizações de transição abrem seu espaço como conceitos ricos e com desdobramentos importantes no trabalho clínico.

Na *Carta 52*, os primeiros elementos, as primeiras inscrições, fundantes do aparelho, embora na borda, são os signos de percepção. Não são as percepções, nem seu produto - o percepto; são os signos e estes implicam uma decomposição do percepto. As marcas não correspondem ao referente, não há mais relação especular entre o signo e o referente. Não há correspondência com o mundo das coisas. Poderíamos afirmar que há, neste modelo freudiano, um funcionamento do sistema como um todo que prescinde da necessidade da presença. A idéia de presença coloca como necessária a correspondência entre idéias e coisas, e isto conduz a derivações em relação aos critérios de verdade. Em um caso a verdade é dada por um juízo de semelhança e correspondência entre a coisa e o representado, no outro a verdade só está referida a uma outra representação, não está remetida à coisa do mundo. Portanto, no modelo de aparelho psíquico postulado pelo pensamento freudiano há uma desconstrução da metafísica da presença, como podemos depreender da leitura de Derrida em seu livro *Mal d'Archive* (2001).

Em Derrida o psíquico é concebido como uma máquina de escrita, como uma superfície de inscrição e, nas suas postulações, sobretudo com sua metáfora do arquivo, há um resgate da dimensão econômica, da intensidade como elemento central no processo de inscrição. Força e sentido estão situados ao mesmo tempo. A marca, o traço originário é da ordem do incognoscível; portanto, a origem está perdida e o que temos é um começo. Começo não é o mesmo que origem. O arquivo torna possível um tipo de leitura e Freud, na perspectiva de Derrida, lê o Inconsciente a partir de um modelo da história ficcional.

Tanto Silvia Bleichmar como Jaques Derrida trabalham com uma concepção de Inconsciente – ou mais especificamente de aparelho psíquico – como sistema de inscrições.

Em vários dos trabalhos de Silvia Bleichmar vemos sua insistência em marcar que os signos de percepção são anteriores à constituição do Inconsciente e, seguindo a Freud, estão ligados ao pólo motor. Tem,

portanto, sua proveniência do sensível. Aquele elemento que não se liga, que não se fixa passa, sem mais, ao pólo motor. Este elemento, altamente investido, não se fixa ao Inconsciente; é o sujeito quem fica fixado ao elemento, e isto é o que vemos nas compulsões, em que o ego é anulado e há uma procura de descarga de modo direto.

Esta diferença entre fixação ao Inconsciente, dada pela repressão originária, e fixação ao/do sujeito, resulta num elemento valiosíssimo para decidir estratégias clínicas. Levar em consideração tal questão nos permite entender se estamos perante um sujeito com aparelho psíquico clivado, isto é, com sistemas constituídos e barreiras intersistêmicas operantes, ou, em caso contrário, frente a um sujeito no qual a permeabilidade intersistêmica, devido a falhas graves na constituição das barreiras repressivas, permite a passagem de elementos operando em processo primário. A fixação ao/do sujeito é uma maneira em que o Ego é capturado por algo da ordem do não-engastado, do não ligado.

O signo de percepção como inscrição antecede ao sujeito. Signo de percepção é aquilo que se inscreve como resto da presença perdida do objeto. Aquele signo que não consegue amalgamar-se, aquele que não se articula a uma representação, fica solto, livre e conserva alta voltagem libidinal. Resgatar a diferença existente entre inscrito e representado nos permite entender que os elementos originários, não ligados, estejam inscritos no psiquismo e não sofram, necessariamente, o destino da representação.

Vamos agora às diferenças que penso poder extrair do trabalho metapsicológico de Silvia em relação ao signo e ao indício. Para abordar a questão do indício apóia-se na semiótica de Peirce. A possibilidade de o signo transformar-se em indício implica a necessidade de um sujeito que se interrogue, em alguma ordem, com relação a ele. Na leitura de Peirce, o indício é um elemento do real que faz signo para alguém; podemos dizer que na leitura de Silvia, o signo é um elemento do real que faz indício para alguém ao transformar-se em algo sobre o que o sujeito se interroga. Dito isto, temos que postular que está em jogo a presença de um ego como instância da tópica psíquica; há um Ego que se interroga. O indício abre a possibilidade de gerar hipóteses sobre a construção de uma história ficcional. O Ego teoriza, articula hipóteses sobre sua história e sua existência, e os indícios o pressionam para encontrar alguma coerência ficcional.

Uma pergunta formulada por Silvia, naquela conferência em São Paulo, veio ao encontro de minhas questões: qual o estatuto do signo de percepção? E a resposta, longamente trabalhada e formulada em um dos

escritos de Silvia Bleichmar: "*Me da un poco de pudor decir no representacional porque parecería que queda fuera de la materialidad psíquica y corre el riesgo de quedar planteado como no representable. Diria entonces que es del orden de lo inscripto no transcribible.*" (Bleichmar, 2004) Inscrevem-se com força libidinal e não são transcritos no estatuto linguageiro.

Os signos de percepção não são lingüísticos, são restos metonímicos. Equipará-los conceitualmente ao significante seria deixar de lado sua especificidade. Manter a categoria de signos de percepção permite, por uma parte, sustentar que os sistemas não são homogêneos, que estão constituídos por elementos heterogêneos e, por outra, abrir a possibilidade de uma clínica mais próxima do real, uma clínica que trabalhe com algo da ordem do inscrito vivencial não linguageiro. Desta forma, no Inconsciente existem também elementos que possuem uma ordem de realidade psíquica que não é de linguagem.

Agregaria, também, que manter a diferença entre o signo e a representação retira a representação de seu lugar de unidade mínima do psíquico, de elemento último.

Silvia marca, neste ponto, suas diferenças com o pensamento lacaniano, onde o elemento último do psíquico é o significante, e onde o vivencial está sempre atravessado pelo significante.

E Silvia Bleichmar dialoga com Lacan, com a semiótica de Peirce e com a lingüística de Saussure. *"El indicio em términos de Pierce no es equivalente al signo de percepción. Alude a un método de lectura de la realidad, no a su inscripción."* (Derrida, 2001)

A possibilidade de nutrir seu pensamento com o aporte de outros autores, respeitando as fontes de proveniência e indicando, explicitamente, quando está provocando uma "torção" do conceito, é outra imensa qualidade de Silvia. É a postura ética que sempre regeu seu trabalho.

O indício na clínica adquire importância como substrato na produção de hipóteses. A partir das transformações das perguntas, vai-se constituindo um campo e um sujeito de análise. O trabalho de análise conduz o sujeito a interrogar-se por aquilo que, sendo interno lhe é estrangeiro, por aquilo que se impõe ao Ego como elemento que quebra sua articulação e, em momentos mais graves, sua identidade.

Ao recuperar a noção de traumático na obra freudiana, o acento recai sobre o econômico, sobre as magnitudes de excitação que ingressam no aparelho psíquico. Mas para dar o estatuto de traumático àquilo que

ingressa no psiquismo é necessário a presença de um Ego que sofra o traumático como excesso. As referências metapsicológicas à estruturação da tópica psíquica abrem a possibilidade de pensar o campo de trabalho e a estratégia da cura. Trata-se da tópica constituída em que o Ego como instância é fraturado em seus modos defensivos habituais; há uma ruptura do equilíbrio de base. E, seguindo este raciocínio, não podem ser chamadas de traumáticas aquelas inscrições iniciais, esses elementos originários, pois ainda não há Ego, só há *pathos*. O signo está em consonância com o sujeito do *pathos*, o indício implica um sujeito leitor.

Como relacionar, então, o traumático com inscrições não engastadas, se estas não são necessariamente aquelas inscrições originárias, e sim inscrições de ingresso posterior no aparelho?

Novamente o econômico perfila-se no horizonte como resposta possível.

No traumático os elementos entram decompostos, fraturados e desprendidos do objeto de proveniência. No traumatismo decompõe-se e fratura-se o objeto. Entram restos metonímicos do objeto. Assim, o objeto de proveniência está perdido e perdida também está a relação ao referente. Neste sentido, o fantasma, como elemento representacional, e como suporte da organização sintomática, é uma forma de engaste destes elementos, uma complexidade processada, um trabalho psíquico de ordenamento e articulação sobre os elementos sígnicos. O fantasma é sempre uma recomposição de linguagem, é produto de uma transcrição de elementos que se engancham no real, no mais arcaico do psiquismo.

No sintoma há um trabalho, é sempre uma recomposição, por isso é uma formação. É imprescindível a existência do sujeito. Sem sujeito não há possibilidade de sintoma. Pensar o sintoma é pensar a existência de um aparelho psíquico, que não é a mesma coisa que psiquismo. Aparelho psíquico implica numa tópica, implica lugares e modos de funcionamento pautados por circulação de energia. Portanto, pode haver psiquismo sem que o aparelho psíquico esteja constituído, ou pode haver psiquismo com um aparelho em vias de constituição.

Estas são sutilezas do pensamento de Silvia Bleichmar, que fazem toda a diferença na produção teórica, onde o rigor conceitual expõe todas as suas conseqüências e onde o emprego terminológico não é fortuito. O fundamento metapsicológico está sempre no horizonte como baliza, como referencial de um pensamento original e criativo.

Os elementos traumáticos são passíveis de ingresso ao aparelho psíquico em qualquer momento da vida em que o Ego, tomado de surpresa

e assolado por magnitudes que ingressam, não consegue rapidamente acionar sua proteção contra as excitações. O aparelho psíquico fica assim submetido ao risco de uma implosão que o Ego registra e decodifica como uma desestruturação, desintegração e aniquilamento. É o ego que sente isto como temor, não o aparelho psíquico, porque o Ego funciona como um observador-leitor-intérprete do que acontece ao aparelho.

Há uma lei que rege o funcionamento psíquico: quando o aparelho recebe um elemento deve processá-lo, metabolizá-lo. Se o elemento é não metabolizável, porque o Ego não dispõe de recursos que tornem possível tal metabolização, terá que descarregá-lo, dando lugar à compulsão, à repetição. Quando um elemento não pode ser evacuado o aparelho psíquico repete a tentativa de descarga uma e outra vez. E o paradoxo é que, mesmo sendo uma tentativa de resolução da tensão, resulta num intento falho, porque não há alívio, não se consegue o equilíbrio buscado e, às vezes, pelo contrário, se produz um aumento da tensão pela impossibilidade de descarga.

Retomando: O traumático, portanto, é o que não se consegue processar, o que o código da língua não consegue capturar, o que não tem palavras que o fixem e lhe outorguem sentido. O processo secundário falha e o elemento traumático insiste. A repetição, na tentativa evacuativa, preserva o aparelho de uma implosão, mas, ao mesmo tempo, o empobrece.

Com base nestes postulados, Silvia introduz o conceito de simbolizações de transição, ou pontes simbólicas, como forma de encontrar palavras para o que não pode ser fixado na trama psíquica com os recursos que o sujeito possui nesse momento, permitindo, dessa maneira, engastar aquilo que está desprendido. O processo analítico é um processo de transformação e de aumento das possibilidades de simbolização. As simbolizações de transição:

> *(...) posibilitan un nexo para la captura de los restos de lo real, y tienen por sentido permitir la apropiación de un fragmento representacional que no puede ser aprehendido por medio de la libre asociación, cuya significación escapa e insiste en muchos casos de modo compulsivo, e que, a diferencia de la construcción – aún cuando en el límite mismo opere la teoría – se caracterizan por el empleo de auto-transplantes psíquicos, vale decir, de la implantación de contextos que han sido relatados o conocidos en el interior del proceso de la cura pero que no han sido aún relacionados con el elemento emergente.* (Bleichmar, 2001)

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

A idéia veiculada é que com os mesmos elementos se produz alguma relação diferente e nova. Não é necessariamente uma simbolização definitiva, última, por isso o nome de simbolizações de transição, no sentido de que são simbolizações que permitem colocar em contato elementos que estavam dissociados e que produzem, ao serem relacionados, como efeito em análise, a retomada das associações, o fluxo de representações.

É notável observar no curso de uma análise como, perante o surgimento de um destes elementos sígnicos, o processo secundário se retrai, e por momentos se interrompe, silencia, porque não pode abrangê-lo na sua semântica. As simbolizações de transição permitem que uma ponte simbólica se lance entre elementos que, até esse momento, haviam existido em mundos separados. Evidencia-se aqui a capacidade e a responsabilidade do analista de produzir significações para as quais não existe um código perdido e passível de ser re-encontrado; nestas formações sígnicas não há código de partida. É uma maneira diferente de abordagem na clínica, porque visa articular estes elementos que estão fora do código da língua.

Pensar estas primeiras inscrições em seu estatuto tópico, ou em seu estatuto econômico, não tem sido tarefa menor. Pensá-las em relação ao outro sexuado e clivado, ao adulto que amorosa e libidinalmente parasita a cria no momento de lhe oferecer seus cuidados é outro ponto importante nas teorizações de Silvia Bleichmar. Ao mesmo tempo em que considera esta exogeneidade de proveniência, consegue manter a firmeza conceitual e clínica de que nosso objeto é o psiquismo do paciente; o que interessa é o impacto do psiquismo parental sobre a subjetividade em questão. Retoma o conceito laplanchiano de metábole: entre o que ingressa ao aparelho psíquico e o que se produz como resultado há um processo de apropriação, transformação e metábole.

Assim, também, num processo de apropriação e metábole, o trabalho de Silvia Bleichmar produz "ressonâncias que permitem reorganizar, desde novos vértices, meus próprios interrogantes, gerando novas perspectivas de escuta e pensamento". (Brasileiro, Perdomo & Vettorazzo, 2005).

Se neste texto escolhi o recorte através do signo de percepção é, talvez, porque como marca de nossos primeiros encontros, foi o que emergiu em mim, mais rapidamente, como lembrança. Não tenho dúvida que o pensamento de Silvia Bleichmar se abre em muitos outros pontos conceituais de importância capital para o exercício e a metapsicologia da clínica. Ressonâncias importantes que temos a obrigação de "fazer trabalhar" e de transmiti-las a outras gerações de analistas. Esta é a homenagem que seus *"compañeros de ruta"* lhe devemos.

Finalizo este escrito transladando ao português, neste momento de mim para Silvia, as palavras com que ela me dedicou um de seus livros: "Para Silvia, com quem compartilho a amizade e a história. Com meu agradecimento profundo construído através do tempo no qual coincidimos e lutamos com o melhor de nós duas. Com todo meu carinho."

Com a certeza de que temos ainda muito para compartilhar.

Abstract: *In this paper, the concepts of signs of perception, trace, and transition symbolizations are explained in the light of Silvia Bleichmar thinking. The metapsycological statute of these concepts is outlined. Likewise, the paper deals with the importance of these thoughts for on clinical treatment as elements that allow the psychoanalyst to have a metapsicological thinking on the strategy adopted for the cure process.*

Palavras-chave: *Signos de percepção, indícios, simbolizações de transição, aparelho psíquico, representação.*

Keywords: *perception signs, traces, transition symbolizations, psychic apparatus, representation.*

Referências Bibliográficas

BLEICHMAR, S Del motivo de consulta a la razón de análisis. In: *Actualidad psicológica,* n. 287, Buenos Aires: 2001.

_____ Simbolizaciones de transición: una clínica abierta a lo real. In: *Docta – Revista de Psicoanálisis.* Córdoba: Asociación Psicoanalítica de Córdoba, Año 2 / Otoño-Invierno, 2004.

BRASILEIRO A., PERDOMO, M.C. & VETTORAZZO, H. Prólogo dos tradutores. In: Bleichmar, S.. *Clínica Psicanalítica e Neogênese.* São Paulo: Annablume, 2005.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo: Uma impressão freudiana.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

Maria Cristina Perdomo
Rua João Moura, 627, cj.94
05412-0001 – São Paulo, SP
Tel: 55-11-30859181
perdomo.cristina@gmail.com

Histórias de uma paixão

Sylvia Loeb

Psicanalista, Membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Resumo: *Esse trabalho relata um caso clínico tendo como referência dois textos de Silvia Bleichmar: Las Crueldades del Amor e La Irreductible Ajenidad del Outro. A autora tenta discutir as vicissitudes do amor e da paixão com base nesses textos.*

Esse é um ensaio escrito em homenagem à Silvia Bleichmar, um tributo a quem devemos tanto. Sua morte causou-nos um sentimento intenso de perda: perdeu a psicanálise, que ficou privada de uma pensadora brilhante e ousada; perderam os amigos, a amiga leal e verdadeira; perdemos seus discípulos a quem chamava carinhosamente de companheiros de estrada, perdeu sua família tão querida a quem conhecíamos não apenas pessoalmente, mas também porque freqüentava suas falas. E a Argentina perdeu Silvia Bleichmar, testemunha destemida, crítica e atuante dos acontecimentos de um país que amava profundamente.

Pensadora audaz, que apesar dos títulos, sempre se manteve longe da Academia: seu trabalho clínico transformava a teoria em materialidade com que podíamos trabalhar; seus aportes teóricos iluminavam a clínica, tirando a opacidade muitas vezes já embolorada.

Não tinha pudor de mexer com conceitos sagrados, pelo contrário, fazia-os ranger para verificar sua validade e utilidade. Propunha-se, como propunha Espinosa para a Bíblia, "separar as verdades permanentes, isto é, aquelas que têm a ver com a ética – dos aspectos históricos, circunstanciais e que se tornam indefensáveis". (Bleichmar, 1998)

De humor agudo e rápido, o chiste judaico/portenho fazia presença indelével.

Autorizo-me um desabafo: sua morte foi injusta.

Essa é a história de João e de Maria, que se casaram no auge da paixão.

Maria tem atualmente trinta e sete anos e seu marido ainda não chegou aos cinqüenta; estão juntos há treze anos.

Casaram-se depois da quebra de um relacionamento mais ou menos longo que ela teve, durante cinco anos, com outro homem.

Maria acabara de perder a mãe, que se suicidou após toda uma vida de depressão grave e intensa.

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

A família – o pai, ela e uma irmã – não sabiam o que pensar, nem em como lidar com a situação, apenas sentiam pudor e constrangimento, tanto pela doença quanto pelo suicídio. Não tinham a mínima idéia do que se tratava, apesar da mãe ter tido os melhores psiquiatras.

Após poucos meses da morte da mãe, o pai casou-se novamente, o que deixou Maria órfã de pai também. Ficou chocada com a rapidez com que o pai parecia ter se recomposto. Pouco depois, o pai abriu falência, e os negócios até então prósperos, o que tinha permitido à família uma vida confortável, transformaram-se em mais um ponto de pudor e constrangimento, senão de vergonha.

A avó materna, mulher moderna para a época, divorciada duas vezes, muito pouco presente na vida das meninas, sempre viajando, pouco se ocupou delas na adolescência, ou mesmo depois da morte da filha.

Muitas perdas: a mãe, o pai, o namorado, a condição econômica. Sentimento de vergonha e perda de auto-estima a acometeram.

Apareceu João, homem bonito e forte, que prometeu salvar Maria do desastre.

E ela acreditou.

Casaram-se e Maria teve um filho depois de dois anos de casamento, filho esse que João não desejava, e que levou meses para aceitar. "Não quero ninguém entre nós, quero você só para mim, não quero dividi-la com ninguém." Maria havia resolvido que teria esse filho de qualquer modo, com ou sem a aceitação do marido. "Eu queria ter uma família."

Maria veio procurar análise por insistência do marido.

Meu primeiro pensamento foi o de tentar avaliar se, em algum lugar, poderia constituir-se uma demanda dela mesma. Como ponto de partida, havia apenas o fato de ter vindo.

O primeiro relato foi a dificuldade no relacionamento com João, o fato de ela sentir-se incompetente, incapaz, sem valor. E o pânico de ser tachada de deprimida – é como o marido a via, "igual à sua mãe, deprimida". Ele dizia que ela era uma falida, que vinha de uma família falida.

O primeiro sonho, na primeira entrevista, foi que "estava num campo de concentração, andando a esmo, sem sentido e não podia ver o caminho, pois uma grande mecha de cabelos me caía nos olhos. Tentava tirá-la com a mão, mas ela voltava a cair sobre os meus olhos, tapando minha visão".

Foi esse sonho que me animou a tomá-la em análise.

Gostaria de discutir algumas colocações de Silvia Bleichmar, tão fecundas em nosso trabalho clínico.

Silvia Bleichmar (1998-a) fala da "assimetria que coloca inevitavelmente o indivíduo adulto em relação à criança como sedutor, ao introduzir a sexualidade no marco de disparidade de saberes e de possibilidades". (p.1)

Evidentemente aqui, estamos falando de um casal adulto. Maria quando conheceu João tinha 24 anos, porém podemos nos perguntar que contingências a vida lhe proporcionou para se deixar tomar por um "casamento salvador"? Com que estrutura subjetiva poderia contar diante de várias situações que literalmente a levaram a uma degradação de sua vida psíquica?

Maria não sabia nada de si, flanava nas sessões. Às minhas falas, às minhas perguntas, seguia-se um silêncio que me deixava sem pistas. Pouco a pouco fui percebendo que Maria funcionava como "neblina", nas sessões também "me sentia como uma nuvem, como neblina, pairava sobre tudo, pairava na minha casa", ou seja, tudo passava por ela sem marcá-la, ela passava por tudo sem deixar marcas. Mas isso produzia efeitos, e que efeitos! O trabalho precisaria ser de construção, mais do que de interpretação, ao menos naquele momento.

A meu ver, precisaria trabalhar com a introdução de saberes e de possibilidades sem incorrer numa invasão de sua inteligência e sensibilidade, nas quais apostava, apesar de sua aparente falta de resposta. O que me relatava de seu passado funcionou como pista. Era uma mulher que havia trabalhado, que tinha tido alguns namorados, inclusive um relacionamento mais longo, tinha tido amigos, viajava, mas que no momento estava destituída disso tudo.

Tinha alienado ao marido todas as suas possibilidades, que até então, a tinham mantido na vida, vagando, é certo, porém de algum modo vivendo.

Começou a trabalhar com João logo depois de se conhecerem; ele exigiu, por ciúme, que ela largasse o trabalho anterior com o ex-namorado. "Sempre trabalhei para os outros, com os outros. No início foi com meu pai, em seguida com meu namorado, e depois, até hoje, com João. Não tenho segurança, não tenho confiança de trabalhar com estranhos."

O trabalho vai mal; ela tem uma loja de produtos que ele fabrica e com as dificuldades das vendas não entra dinheiro para produzir para a loja. Ela não vende, o dinheiro não entra e o que eventualmente é vendido vai para pagar contas antigas e não para fazer novos produtos, nem para honrar pedidos já feitos.

"A culpa é toda sua, pois você é falida como sua família, vem de uma família falida, faz tudo para não vender, se não fosse eu...", lhe diz o marido.

O que leva um ser humano a realizar uma eleição de objeto?

"A posição de partida da cria humana é passiva em relação ao adulto que exerce, de modo assimétrico, a disparidade de saberes" (Bleichmar, 1998-b, p.11) e "a automutilação é o meio pelo qual se evita voar", nos diz Silvia Bleichmar em seu texto *Sobre as crueldades do amor*. (1981, p.2)

No caso de Maria penso em uma automutilação motivada por um intenso processo de desamparo e de desvalia causada pela morte da mãe e seguida pela falência do pai e o novo abandono devido ao casamento deste. Sem dúvida, toda a constituição de Maria era frágil. "Meu pai sempre foi muito ausente; ocupadíssimo com o trabalho e desconfio que com outras mulheres também", relata ela em uma sessão. Restou à Maria vagar feito "neblina". Nessa "caída", Maria tão fragilizada, tão desamparada, tem medo, sente que é melhor não voar para não perder o único lugar de abrigo. "Esse é nosso ninho, você quer destruir nosso ninho?", lhe diz o marido quando Maria quer sair para andar de bicicleta com o filho, ou quando tenta ir para a academia fazer ginástica.

Mas... Por que João insiste em que Maria procure uma análise?

Silvia Bleichmar (1981) novamente vem em nossa ajuda:

> A mãe que procura uma consulta reconhece, em algum lugar de si mesma, que necessita de outro que ajude a seu filho a aprender a voar. E que é vítima, junto com seu filho, de sua própria impotência. E por que não pensar que por trás da dor manifesta da mãe-ave se esconde o profundo dilaceramento de ter que reconhecer seu filho como não idêntico a si mesma? (p. 2)

João não é mãe de Maria. Aproprio-me da fala de Silvia Bleichmar numa "licença teórica". Sua conceituação do amor, com toda sua ambivalência de amor e ódio, sua conceituação das crueldades do amor é tão abrangente que nos permite pensar fora da relação mãe e filho.

De novo a pergunta, agora com um dado a mais: Por que durante toda a análise de Maria, que já mostra mudanças importantes, João jamais a impediu que continuasse? Não sucede com freqüência que mães que notam melhoras em seus filhos os tirem da análise? Não acontece de maridos cortarem o dinheiro, impondo um término à análise, assim que percebem mudanças em suas mulheres?

Outra pergunta intrigante de Silvia Bleichmar (1981):

"É de fato desejo materno que o pássaro voe?" (p.2)

Isso não está no manifesto do discurso de João, que quer que sua mulher voe, que deixe de ser deprimida, que o acompanhe em seus sonhos e em seus projetos.

"Ou poderíamos talvez pensar que o desejo materno é de que o filho não voe?" Em outras palavras, "poderia ser o desejo de que seja 'idêntico a si mesma' e nesse caso a castração das possibilidades voadoras do passarinho seria apenas a conseqüência das *crueldades do amor"* (1981, p.2).

Parafraseando Silvia Bleichmar, tanto João quanto Maria são vítimas do que desconhecem. E o que desconhecem não é idêntico. No caso de João, não sabe que amar implica em liberdade, e que o ninho pode tornar-se arapuca. "Não me sinto mais em um ninho, estou presa numa arapuca", diz Maria em uma sessão. E Maria apenas agora começa, a saber, que para voar precisa ter coragem de cair muitas vezes, e arriscar a perder a proteção que o ninho/arapuca oferece, pois o ninho/arapuca ainda é a rede que a mantém suspensa no vazio em que pode cair. A análise pouco a pouco toma esse lugar de apoio. "As sessões são minhas. Vim porque João insistia para que eu fizesse uma análise, agora sei que isso é importante para mim, cada vez que não venho, sinto falta, mas ao mesmo tempo, quando não posso vir, percebo que faço minha análise mesmo de longe."

> A psicanálise mostrou que o homem está habitado pela paixão, paixão da qual só conhece os efeitos (poderíamos dizer os afetos?) sem que isso implique em que possa manejar suas determinações. [...] habitado por uma paixão que desconhece, ninguém pode dar-se conta disso, pois aquele que introduz essa paixão também a desconhece." (1981, p.3)

João não sabe da paixão que o habita, que tem raízes sabe-se lá onde, mas com certeza precisa de um ninho onde ele mesmo ficará preso, capturado numa armadilha da qual não tem conhecimento. Só lhe resta viver a angústia de sua paixão mal compreendida, o ódio de não ser cuidado em toda sua necessidade de amor.

E Maria, presa, sufocada em um ninho/arapuca de onde tem medo de sair, medo de tentar voar e não poder dar conta de seu próprio peso.

> A psicanálise ajuda a uma compreensão na qual coloca os atores como partícipes de um drama, cujo libreto desconhecem. O

> Inconsciente, *regisseur* do papel que cada um desempenhará, nem sequer tem o controle geral da obra: apenas o daquele cujas ações determina. (Bleichmar, 1981, p.4)

Amor que João sente por Maria, que pode asfixiá-la, destituí-la de toda inteligência, de todo saber, de toda subjetividade, cuja liberdade representa para ele abandono e desvalia. O filme *O colecionador* (1965) de William Wyler, com Terence Stamp e Samantha Eggar, ilustra bem esse caso de amor assassino da subjetividade do outro. Um homem seqüestra uma mulher e a mantém refém pelo prazer de mantê-la encerrada; a metáfora é com um colecionador de borboletas, que fascinado com a beleza dos insetos, tem como contrapartida a morte deles.

Maria no seu desejo de ser amada, protegida, paga com a vida a promessa de amparo e de amor eterno. "Eu queria que ele me amasse, queria agradá-lo. O que mais poderia fazer para agradá-lo? Por mais que fizesse, não conseguia. Sempre faltava alguma coisa, sempre fazia algo errado."

Além de seu próprio desejo, Maria promete tudo porque deseja tudo, "desatando-se o ódio gerado pela não correspondência absoluta". (1981, p.6)

> Subversão da natureza, este vínculo que pode proporcionar um produto altamente peculiar, capaz de colocar ao serviço do amor e do ódio às funções vitais, constituir e atacar a inteligência, proporcionar e tirar o gozo. Nessa verdadeira dialética, na qual o amo e o escravo são ambos prisioneiros, as paixões se desatam regidas por motivos que os mesmos atores desconhecem. (1981, p.6)

Em *La irreductible ajenidad del Outro*, Silvia Bleichmar (1998) pontua: "Depois de tudo, tanto para o homem como para a mulher, o enigma maior de partida é o corpo do outro, em sua dimensão de opacidade inquietante, em seu angustiante alheamento" (*em su angustiante ajenidad*[1]) (p.14).

E para finalizar: "[...] a incapacidade da renúncia a esse amor totalizante que só como mito das origens encontra seu lugar definitivo no amor". (1981,p.6)

Mito esse que fazemos questão de transformar em meta a ser atingida, no Eldorado sempre desejado, jamais alcançado e que se pode transfigurar

1 Decidi manter a palavra "ajenidad" em espanhol devido à complexidade de traduzi-la. *Ajeno* (Dicionário Espanhol – Português, Editora Mestre Jou, 1965, 1ª edição, São Paulo), significa *alheio, estranho*; fig. *distante, impróprio.* Alheio (Novo Dicionário Aurélio, Editora Nova Fronteira, 14ª edição), significa *que não é nosso, que pertence a outrem, estranho, estrangeiro; impróprio; distante, apartado, afastado; alienado; aquilo que não nos pertence.*

em obra de arte ou assassinato cruel, literal ou metafórico, para não falar na desistência, filha do tédio mortífero e da desesperança.

Abstract: *This work reports a clinical case based on two texts by Silvia Bleichmar: "The Cruelties of Love and The Irreducible Strangement of the Other" and "Las crueldades del Amor e La Irreductible Ajenanidad del Otro". The author intends to discuss the vicissitudes of love and passion based on the texts mentioned above.*

Palavras-chave*: crueldades do amor, alheamento do outro, idêntico a si mesmo.*

Key-words*: love cruelties, strangement of the other, identical to himself*

Referências Bibliográficas

BLEICHMAR, S. Sobre las crueldades del amor. In: *Revista de la Universidad de México*, v.XXXVI, n.4, México: Nueva Época, Agosto de 1981.

_____ La irreductible ajenidad del Outro. In: *Homossexualidade Formulações Psicanalíticas Atuais.* Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Disponível também no site:
www.silviableichmar.com em artigos publicados/ psicanalíticos.

Sylvia Loeb
loebsy@terra.com.br

O "Transtorno" na constituição psíquica e suas implicações na clínica com crianças

Vera Blondina Zimmermann

Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
Doutora em Psicologia Clinica –PUC/SP,
Coordenadora do CRIA/ UNIFESP - EPMUSP

***Resumo**: A partir da clínica com crianças que apresentam queixas de dificuldades de aprendizagem e/ou hiperatividade, a autora discute as queixas que não se enquadram na etiologia neurológica, na deficiência mental, na psicose e neurose. Busca respostas na teoria psicanalítica, focando o referencial metapsicológico usado por Silvia Belichmar nas suas investigações à respeito da constituição inicial do psiquismo, momentos onde o aparelho não está organizado o suficiente para que sejam produzidos sintomas, conforme conceito freudiano. Desta forma, a autora situa estas patologias como 'transtorno' na constituição do sujeito, segundo abordagem teórico-clínica de Sílvia Bleichmar.*

Desafiada por questões advindas da clínica com crianças, já no final da década de oitenta, perguntava-me a respeito da etiologia de dificuldades que levam uma criança a não conseguir organizar seu corpo para aprender, mesmo quando ela não se enquadra em situações de prejuízo neurológico, deficiência mental, estruturação psicótica ou neurótica.

Buscava respostas para as questões de um sujeito, cujo corpo se apresenta disfuncional, um corpo que se 'esparrama' e não consegue organizar-se num tempo e espaço exigido pelo sistema escolar. Essas crianças, quase sempre, eram diagnosticadas como portadoras de Disfunção Cerebral Mínima, dificuldade que, atualmente, tem sido muitas vezes confundida com o quadro de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

A realidade da clínica frente a esse tipo de dificuldade era a de indicar vários tratamentos de diferentes especialidades para uma mesma criança, quase sempre, realizados paralelamente: psicoterapia, psicomotricidade, psicopedagogia. No que diz respeito ao registro ético, mobilizava-me a possibilidade de que ocorressem intervenções inadequadas, por meio de indicações terapêuticas e tratamentos não apropriados, sem que fosse escutada a verdadeira questão denunciada pela criança através de seu corpo.

Acompanhava, outrossim, a evolução de atendimentos desses sujeitos com queixas de hiperatividade e desorganização temporal, em uma clínica–escola[1], em situações em que havia a impossibilidade das famílias suportarem

o encargo financeiro de atendimentos particulares. Observava que, nessa instituição pública universitária, na qual os sujeitos realizavam apenas acompanhamento psicológico com escuta de profissionais iniciantes, ocorriam efeitos importantes na melhora do quadro.

1 Pacientes atendidos na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, Clínica-escola; atualmente, pacientes do CRIA (Centro de Referência da Infância e Adolescência da UNIFESP/ Escola Paulista de Medicina).

Durante meus estudos conheci o trabalho de Silvia Bleichmar, cuja produção teórico-clínica logo provocou grande ressonância com minhas próprias questões em relação ao tema. Interessou-me seu percurso metapsicológico que investigava os primeiros tempos da constituição do psiquismo e as possibilidades de intervenção sobre esses "tempos" na clínica psicanalítica, considerando o inconsciente como não dado desde as origens e tendo como referencial básico os textos freudianos e as contribuições de Laplanche. Refazendo seu caminho conceitual, busquei entender a constituição do sujeito psíquico e a relação desse movimento de constituição com as falhas instrumentais do seu corpo, falhas que impedem ou dificultam a aquisição de noções ligadas a tempo, espaço e linguagem e que afetam o próprio tônus. Pude entender, então, que se tratava de um sujeito portador de 'Transtorno na constituição psíquica', falhas responsáveis pela disfuncionalidade corporal, diferentes de falhas neurológicas, registros facilmente confundidos na clínica com crianças.

Responder a essas perguntas implicava em aprofundar os processos que dizem respeito aos primeiros tempos de instalação do inconsciente, antes da instalação da repressão originária, caminho percorrido por Silvia Bleichmar.

A constituição inicial do sujeito

Silvia Bleichmar revisou o conceito de neurose na infância pressupondo um sujeito em estruturação, um inconsciente não dado desde as origens e tendo como paradigma de base a repressão originária. Usou esse conceito como proposta ordenadora para entender os tempos de estruturação do aparelho, tempos estes não genéticos, não lineares, mas tendo uma gênese que vai sendo percebida num movimento sempre *après-coup*. Buscou, em Freud, as formulações nos textos: o *Inconsciente* (1915) e o *Recalcamento* (1915). Neles, o recalcamento originário cria a diferença entre os sistemas psíquicos, ou seja, ficam separados o inconsciente do pré-consciente/ consciente. Portanto, através dos efeitos do recalcamento originário é que podemos saber quando há inconsciente, para então abordá-lo analiticamente.

Retomando a teoria freudiana sobre o início da subjetivação, momento em que a cria humana se torna sujeito, Silvia Bleichmar debruça-se em um

de seus primeiros textos, *Projeto de uma psicologia para neurólogos* (Freud, 1895), no qual ele traça sua concepção inicial sobre do aparelho psíquico, concepção que será melhor delineada com a teorização da segunda tópica, na qual o irrepresentável encontrou uma maior integração ao modelo, segundo leitura da autora.

É nesse texto, embora lance mão de um modelo de aparelho neurológico, que Freud formula sua idéia de como se dá a circulação e processamento da energia na cria humana. O esquema que constrói é capaz de descrever os primeiros movimentos que instauram o sujeito, as ligações que, por sua vez, originam as representações. É também nesse texto que formula o que será tomado sempre como referência pela psicanálise, ou seja, o lugar da função materna, a intersubjetividade da tópica.

A partir dessas concepções freudianas e de alguns conceitos de Laplanche, Silvia Bleichmar discute a problemática da constituição inicial do sujeito: a questão fundamental não está simplesmente na resolução do âmbito autoconservativo, pois isto não conduz ao sistema de representações desligadas da necessidade; a transformação da energia somática em psíquica advém da intrusão do outro humano dotado de inconsciente, que inunda a cria com uma energia não qualificada, não traduzida, ocasionando o traumatismo. Como teoriza Laplanche a respeito da Sedução Originária, os gestos autoconservativos do adulto são portadores de mensagens sexuais inconscientes para ele mesmo, incapazes de serem traduzidos pela criança. (Laplanche, 1996)

A repressão originária – repressão desses significantes intrusivos – instala-se a partir da impossibilidade do bebê decifrar estas mensagens carregadas de sentido e desejo, ou em outros termos, com o esforço de ligar o traumático que acompanha a sedução originária.

Quando falamos de "sedução originária" no sentido teorizado por Laplanche, falamos de uma situação não patológica, mas fundante do psiquismo: encontro de restos inconscientes de um adulto, restos que ele desconhece, como uma criança que busca a satisfação de suas necessidades autoconservativas. Encontro, a partir do qual, por meio do recalcamento originário, instaura-se a pulsão e, conseqüentemente, o inconsciente, a tópica psíquica e a abertura de relações de conflito intrapsíquico e possibilidades de troca entre os sistemas.

Segundo tal perspectiva, o representante pulsional é a marca mnêmica da sexualidade pulsante materna. No auto-erotismo, primeiro tempo dos possíveis e posteriores caminhos desta pulsão, ainda não existe "uma unidade

comparável ao ego" (Freud, 1914), um sujeito capaz de amar. As pulsões se satisfazem independentemente uma das outras: são inscrições indiciais nos múltiplos signos de percepção, ligados à experiência de satisfação e de dor.

A passagem do auto-erotismo ao narcisismo ocorre a partir das ligações que a mãe propicia, frente à dirupção que a sua sexualidade instala no bebê. Faz-se necessário, então, como apresenta Silvia Bleichmar, diferenciar o inconsciente materno do narcisismo materno,

> [...] a origem da sexualidade humana não se instaura a partir da articulação significante, da linguagem, instalada no psiquismo materno, mas sim, precisamente do lado do inconsciente, das representações-coisa que circulam por meio dos modos do processo primário e dos investimentos massivos do auto-erotismo reprimido. (1993, p. 48)

Portanto, os pré-requisistos de ligação desta energia sexual originária encontram-se no funcionamento do narcisismo materno diferenciado do auto-erotismo, objetalizando-se em uma comunicação que transvasa, dando possibilidades ao bebê de ingressar num horizonte saturante da castração. Neste sentido, ainda comenta Bleichmar:

> [...] a origem do inconsciente é exógena, mas de uma exogeneidade que deve ser concebida não como simples exterioridade, mas como estrangeiro *(étrangeté)*. Nesta diferença entre a exterioridade (perceptual, familiar ou, simplesmente, do meio externo), e o estranho do outro, radica o aporte absolutamente original de Jean Laplanche, porque se trata de uma exterioridade que marca os começos da vida psíquica como excitante e traumática e define para sempre as relações do sujeito com o mundo. (1996, p. 15)

Esses destinos da intrusão do sexual, excitações que devem ser inibidas ou ligadas, são tarefas do ego. Antes da repressão originária, estes destinos devem encontrar resoluções através de conexões que são modos defensivos precoces. O movimento, a passagem do âmbito do autoconservativo ao sexual, do corpo da necessidade para o corpo pulsional, é o que instala a pulsão e que será "o verdadeiro motor do progresso psíquico". Seus movimentos definirão a constituição do sujeito. Partindo desses conceitos, Silvia Bleichmar apresenta duas conclusões que irão fundamentar todas suas investigações sobre a fundação do inconsciente:

> [...] em primeiro lugar, que o ego não se constitui no vazio, senão sobre a base das ligações prévias entre sistemas de representações pré-existentes; e que estas ligações consistem, de início, em investimentos colaterais (de maneira como o descrevemos com o conjunto de manobras amorosas que acompanham os cuidados primários com os quais a mãe efraciona no real do bebê as zonas erógenas primárias, oral e anal). Em segundo lugar, que no começo da vida este ego que produz inibições e propicia ligações do decurso excitatório não está no sujeito inicial senão no semelhante humano, e só a partir desta perspectiva é que se pode falar, retomando uma expressão que caiu em descrédito nos últimos anos – e com justiça –, de um "ego auxiliar materno", o qual não prove somente os recursos para a vida senão que inscreve, de início, estes recursos em sua potencialidade de "pulsão de vida", ou seja, de ordenamento ligador propiciatório de uma articulação da tendência regulada à descarga. (1993, p. 49)

Quando ocorrem falhas nesse processo, segundo Silvia Bleichmar, estas podem estar ou do lado das constelações narcísicas, no caso da estrutura da mãe que a incapacita de funcionar enquanto objeto narcisizante, ou podem ser circunstanciais, como nos casos de depressão, quando a libido é retirada temporariamente.

Ás vezes é possível realizar as funções sexualizantes primárias que permitem a instalação da pulsão, propiciando os investimentos necessários à constituição de uma zona de excitação, porém, sem constituir-se em um objeto amoroso: o olhar materno centrado de forma auto-erótica numa parte do corpo do bebê, não verá a totalidade do mesmo, sobre a qual seria possível instalar-se uma representação da totalidade do corpo, posteriormente inscrita pelo ego. Portanto, haveria aqui um desencadeamento de energia traumática sexualizante, sem que houvesse vias de acesso regidas pelo princípio de prazer para derivá-la. Também, não haveria construção de investimentos colaterais por meio de gestos e carícias, que possibilitariam ao bebê o desenvolvimento da alucinação primitiva do objeto indiciático: a partir disso, o bebê não diminui sua tensão endógena, agarrando-se ao objeto que nunca lhe propicia alívio, mesmo resolvendo a questão da auto-conservação. Dessa forma, haverá um déficit na narcisização primária.

Este desprazer tenderá a repetir-se, conforme coloca Freud em seu texto *Além do princípio de prazer* (1920), numa compulsão de repetição traumática que retorna porque não conseguiu vias de ligação. Usando as

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

concepções de Freud neste texto e as de Laplanche com a sua *Teoria da sedução generalizada*, Silvia Bleichmar irá afirmar que as pulsões sexuais de morte funcionariam segundo o princípio de energia livre (princípio zero) sendo sua meta a descarga total cujo preço é a aniquilação do objeto. A compulsão traumática deveria sua existência tanto à impossibilidade de ligar-se a uma significação, como à impossibilidade de descarregar-se: origina-se assim a repetição traumática a que está submetido um aparato incipiente. Nesta tentativa de simbolização, algo permanece irrepresentável e é este algo que deve ser reprimido, ficando fora da significação.

Silvia Bleichmar toma de Laplanche a concepção de pulsão (1993, p.40), pensando-a como surgindo num tempo anterior à ocorrência do ataque produzido pela estimulação exercida, desde o interior, pelo ego, pelas representações-coisa reprimidas. Sua operância produz movimentos evacuativos antes mesmo da repressão instalá-la no inconsciente. O destino dos remanescentes excitatórios deverá ser sua transformação em possibilidades de conexões e derivações que constituiriam modos defensivos precoces.

Pensando num bebê que apresente falhas num processo inicial, o que acontecerá se não for instalada uma possibilidade efetiva de processar-se a repressão originária que ordena e estrutura os sistemas psíquicos? Estas inscrições originárias sexualizantes permanecerão não sepultadas, nem enlaçadas em significações possíveis, retornando de formas irrepresentáveis, como restos que ficam impossibilitados de significação e que acabam por traduzir-se no que a autora chama de "transtorno" na constituição psíquica.

O sujeito do "transtorno", o corpo e a aprendizagem

Nesta linha de raciocínio metapsicológico, uma hiperatividade e/ou desorganização de funções corporais podem indicar a existência de uma energia não ligada a ser sustentada por uma significação. Falhas no recalcamento originário dificultam a separação da carga da representação, o que leva ao ato, em vez da separação entre ato e discurso.

O 'transtorno' impede ou dificulta o sujeito de estruturar-se num segundo tempo de sexualidade, com perturbações na instalação da tópica psíquica, que o limitam na organização de tempo e espaço e dos processos da lógica e do juízo. São falhas dos mecanismos básicos da constituição do psiquismo: aparelho que, então, permanece aberto, não organizado pela repressão originária, ou seja, no qual os estímulos exteriores penetram e não encontram sistemas de escoamento organizado para a energia que

transportam. Os efeitos no sujeito psíquico mostram-se como impossibilidade ou dificuldades em armar totalidades de significações, desarticulando as aquisições iniciais das categorias de tempo, espaço e da lógica, instrumentos necessários para a organização de uma realidade externa.

Dessa forma é que entendemos os aspectos de pacientes com queixas de problemas de aprendizagem: hiperatividade e disfunções corporais ligadas à angústia disruptiva, não enlaçada adequadamente em significações que possam lhe dar uma ordenação, e não sustentada pelas representações-palavras.

Ao contrário, quando se fala em sintomas, pressupõem-se um aparelho psíquico que já organiza as percepções, no qual há formações inconscientes que fazem funcionar a repressão originária, ordenando significações. Um inconsciente formado em extratos diferenciados e pensado em termos de economia libidinal pressupõe um sistema de trocas entre os sistemas psíquicos instalados. A produção de sintomas nesse aparelho já diferenciado acusa falhas nas defesas organizadas e desequilíbrio no processo de economia libidinal, ou seja, uma tentativa substituta da repressão visando manter esta ordenação das significações nesses extratos.

Bleichmar ressalta que se todo o sintoma manifesta-se como um signo, nem todo signo é um sintoma. Segundo a autora, embora essa afirmação possa parecer trivial, elucida muito da clínica infantil, na qual muitos signos, manifestações da conduta infantil, não podem ser entendidos como sintomas no sentido psicanalítico, ou seja, como representação direta ou figurada de uma idéia ou conflito, de um desejo inconsciente.

Pode acontecer que o aparelho não tenha constituído as ligações necessárias para que o discurso do outro ingresse como representações-palavra, e que esse ingresso se dê em termos de representação-coisa, o que nos faria compreender porque a criança apresenta respostas apenas na motricidade. Poderiam, então, ser descritos como significantes que ingressam no aparato e disparam sistemas representacionais, produzindo passagem à motricidade, já que o aparelho não tem condições de processar aquelas questões. São exatamente essas as situações que Silvia Bleichmar denomina de "transtorno na constituição psíquica".

O conceito de recalcamento originário, que ela passa a denominar de repressão originária[2], permite verificar a dominância estrutural no sujeito, pois é possível haver uma fratura em algum ponto, sem que isto leve, necessariamente, a diagnosticar uma estrutura que nela se baseie. Nesta perspectiva, podemos pensar numa neogênese enquanto efeitos de

2 Bleichmar usa o termo "repressão originária", em vez de primária ou primordial, não apenas para marcar que ela encontra-se antes da secundária, ou aquilo que está desde o começo, mas naquilo que funda e dá origem ao inconsciente. (Comentário feito por ocasião do lançamento de seu primeiro livro pela Editora Artes Médicas em Porto Alegre, 24/05/93.)

tratamento, ou seja, numa recomposição, diferente da abordagem de análise com neuróticos. Assim, a infância poderia ser concebida como um momento onde os representantes pulsionais se inscrevem, são recalcados e encontram seus destinos. Nos casos onde o sujeito apresenta fraturas neste recalcamento, tais representantes pulsionais não chegam a se organizar enquanto sintomas no sentido psicanalítico, mas, conforme definição da autora, organizam-se como "transtornos".

Neste sentido, entendo que as disfunções corporais que impedem a criança de usar o corpo para se alfabetizar, por exemplo, pode estar falando de uma etiologia ligada ao 'transtorno' na constituição psíquica: o corpo não está fragmentado, mas tampouco se encontra suficientemente organizado para ser um instrumento metafórico. Apresenta falhas na elaboração de funções, funções essas indispensáveis para sua organização como instrumento, ou seja, pode ser descrito como um corpo onde as informações penetram, mas apenas para escoar, sem a possibilidade de uma adequada organização. Ainda, muitas vezes, falamos de um corpo ainda não habitado por um sujeito que se pergunte sobre si mesmo.

A criança portadora do 'transtorno' desloca-se constantemente de um lado para o outro e, quando sentada, parece sobre "espinhos" que não lhe permite pensar. Acaba, também, atrapalhando a atenção dos colegas o que, aos poucos, irá justificar sua exclusão da sala de aula.

As fraturas no entramado de base tornam o corpo incapaz de sair de cena, de deixar as representações-palavras operarem com eficácia no circuito pulsional. O nível de heterogeneidade da organização psíquica deste sujeito encontra uma enorme dificuldade para que ele avance na direção da definição da estrutura edípica de chegada.

O "transtorno": diagnóstico diferencial e transferência

Um diferencial importante a ser feito diz respeito aos quadros de inibição da curiosidade intelectual, que tanto pode ser efeito de fraturas nas origens do impulso epistemofílico, como um empobrecimento funcional, efeito de contracarga do ego. Esta última está ligada a uma produção de repressão neurótica e a primeira, com os movimentos iniciais, na qual ainda não se instalou a diferenciação, efeito da repressão originária. Essa diferenciação é muito importante na clínica dos problemas de aprendizagem, pois estabelece diferentes abordagens na condução da técnica: a inibição neurótica convoca ao trabalho de desconstrução, ao passo que a não instalação da curiosidade intelectual, enquanto possibilidade de surgimento

da angústia, convoca ao trabalho de fazer emergir um sujeito, situação que predomina nos casos em que focamos neste trabalho.

Pode-se pensar o mesmo em relação às noções de tempo e espaço: um "perder-se" fazendo emergir a angústia, ou um deambular que traduz um sentido por meio da busca de uma determinada direção ou espaço, fala-nos de um sintoma que pode ser desvelado. Um "perder-se" ou um deambular sem angústia, sem determinado sentido, fala-nos, ao contrário, de uma organização não adequada da repressão originária, o que impede conseqüentemente um desenvolvimento da temporalidade regida por processos secundários.

É desse fracasso inicial que surgem as questões ligadas ao empobrecimento da capacidade de metaforizar, às dificuldades cognitivas para se entender palavras de duplo sentido e chistes, enfim, o comprometimento na capacidade de simbolização. Todos esses processos não devem ser equiparados ao desconhecimento, entendido como negação, defesa neurótica, mas sim, ao não ingresso na diferença.

É também essa diferenciação que se encontra nas origens da organização da lógica e do juízo. Desconhecer, enquanto mecanismo neurótico, já implica em se ter sofrido o efeito da repressão dos significantes pulsionais, enquanto resíduos do vínculo sexualizante das origens.

Desta forma também é possível diferenciar em termos clínicos as dificuldades de memória, tão comuns nas queixas de aprendizagem. O sujeito neurótico pode apresentar repressão de significantes, cujo aparecimento na consciência desencadeariam angústia; as dificuldades de memória também são devidas a falhas na origem da instalação da tópica, traduzindo-se por lacunas nas ligações entre as significações. O primeiro fenômeno é resultante do não poder lembrar e o segundo, do não ter nada organizado, ou seja, da ausência de marcas mnêmicas enlaçadas segundo o modo de organização do pré-consciente.

Porém, uma importante questão a ser levantada quando consideramos as patologias que envolvem a noção de temporalidade, é que o vazio da não constituição do sujeito irá impedi-lo de organizar séries temporais. Quanto mais próximo nos encontrarmos do funcionamento primitivo do aparato, mais prevalecerá a função de "borrão" sobre a função de registrar, mesmo que estejamos nos referindo a registros precoces fortes. As repetições desse tipo de fatos não indicarão o surgimento do reprimido, mas sim a impossibilidade da repressão.

Esta idéia coloca novamente na gênese do espaço e do tempo a relação primordial do sujeito com a figura materna. Enquanto o sujeito não possui uma autonomia corporal é a figura materna que assume a organização deste tempo, sendo que o tempo objetivo aparecerá, posteriormente, como prolongação e transformação do tempo inscrito no corpo. São estes efeitos que se presentificarão em transferência: predomina nos materiais clínicos um pedido de presentificação do corpo e, principalmente do olhar do terapeuta. Este sujeito do qual falamos não estabelece transferência a partir de uma representação integrada de um objeto inconscientemente investido. Demanda o olhar do outro e ainda precisa do corpo concreto do analista para sentir-se existindo: o corpo do outro é a garantia da presença de si mesmo enquanto sujeito.

As crianças que se apresentam com falhas na repressão originária e com isto, trazem em seu corpo efeitos de desorganização, falam de um momento de organização psíquica no qual a possibilidade de ter um rosto ainda depende do rosto do outro.

Nessas situações, partir de uma cena de "jogo" em transferência – subentendido aqui como a possibilidade de estabelecimento de comunicação – cria condições para que o sujeito coloque em cena pedaços desconectados de sua história. Seu corpo desorganizado na cena, representando os efeitos da sua desarticulação significante enquanto sujeito, move-se na direção do corpo do outro. Assim, nessa cena, na qual os corpos desempenham uma função de figura principal, instala-se uma possibilidade de articulação de simbolizações faltantes na história do sujeito, articulações não necessariamente ligadas ao registro verbal[3] enquanto sentido intencional da palavra, mas ressoantes de todos os sentidos que elas contêm, quando proferidas.

É nesse sentido que nos referimos ao que parece ser uma necessidade da criança de que o corpo do analista funcione como presentificação de sua existência enquanto sujeito. Assim, nesse ato de desenhar com o analista, ou mesmo só realizar qualquer outra atividade, depreende-se da criança uma visível satisfação por estar sendo acompanhada, independentemente dos resultados de sua produção. Muitas vezes, ela esboça um início de instalação de regra no jogo, estipulando, por exemplo, uma contagem de pontos ou qualquer outro limite. Mas logo que a atividade começa a desenvolver-se, essa tênue intenção se desvanece; isto ocorre não por seus impedimentos cognitivos ou neurológicos com respeito às categorias de temporalidade e espacialidade, mas porque ela ainda se encontra presa, se nos referirmos ao momento seu no processo de constituição como sujeito,

3 É no livro *Fundación del inconsciente*, que Silvia Bleichmar fundamenta a teoria e a técnica deste trabalho de articulação de significações faltantes, ao qual denomina de neogênese, de recomposição.

num tempo anterior àquele que lhe possibilitaria colocar-se numa ordem quantitativa, num espaço definido.

É neste "tomar emprestado o corpo do outro" que se organizam basicamente as significações faltantes. Em vez de enigmas, elas produzem associações por contigüidade, com dificuldades para desprender-se das características concretas das sensações iniciais. Estão impedidas de metaforizar o aspecto traumático sofrido nestas vivências e, conseqüentemente, não conseguem organizar a experiência para um relato segundo as leis da lógica, do tempo e do espaço produzidas pelo discurso neurótico.

Com o sujeito do "transtorno", urge ficar "à sua disposição" de uma forma diferente daquela na qual basta dispormos de uma escuta atenta ao sentido das palavras. Toda a situação funciona como se ele fosse extraindo pedaços de nosso corpo e, na maioria das vezes, não podemos ter clareza quanto aos aspectos de nossos atos e/ou palavras que produziram sobre ele certos efeitos.

Desarticulando o saber do analista, aumentam as possibilidades de produção de efeitos. Compara-se a situação ao momento inicial pós-nascimento, na qual a figura materna tenta identificar o que quer seu bebê e o que ele precisa. Mas esse processo de historização, que Silvia Bleichmar (1993) caracteriza como a gradativa estruturação de um modo significante dos fatos inscritos, não passa necessariamente pelo campo da palavra: são trocas que se estabelecem através da voz, sorrisos, olhares, modulações afetivas diversas que vão tingindo a cena de diversas significações. Assim, a figura do analista, por meio de ações e/ou palavras intencionais ou não, vai fazendo próteses, produzindo significações em representações-coisas, possibilitando que essas sensações traumáticas primitivas, esses excessos de quantum pulsional, possam derivar-se para uma instância capaz de produzir efeitos de significação.

Seria este pedido uma busca de preenchimento de uma função materna inicial que falhou? A compulsão à repetição poderia ser definida como uma busca de olhar significante? Sabemos ser impossível recriar aquilo que faltou num determinado momento da vida do sujeito, mas, segundo Silvia Bleichmar, como analistas,podemos ajudar no estabelecimento de significações do ocorrido, o que produz efeitos de recomposição do passado por *après-coup*, no presente.

A compulsão à repetição estaria situada justamente neste corpo desconectado de um espaço e tempo objetivo que repete um estado de

não organização e, ao mesmo tempo, constitui uma busca do corpo do outro, sem que se articule uma pergunta metafórica para o analista.

Enfim, organizar uma cena transferencial na qual um sujeito do "transtorno" possa produzir seus enigmas é ajudá-lo a passar pelo processo em que ele irá se inscrevendo, por meio do seu corpo e a partir do nosso, até que, aos poucos, a concretude de seu corpo possa ser deixada de lado. Antes de tudo, é uma tarefa que exige a capacidade de sustentar uma duplicidade frente ao mesmo: a possibilidade de poder misturar-se e diferenciar-se. Sem pânico de perder-se, nem desagrado de "emprestar-se" temporariamente.

Abstract: *Studying children with difficulties in learning, the author tries to investigate the conditions that do not fit into neurological etiology, mental deficiency, psychosis, and neurosis. She looks for answers in the psychoanalytic theory, reviewing models that investigate the individual's constitution, focusing the moments in which his or her apparatus is not sufficiently organized to support him or her in symptom production, according to freudian perspective. This way, the author situates these pathologies as disorders in the individual's constitution, in accordance with Silvia Bleichmar's theoretical-clinical approach.*

Palavras-chave: *transtorno, sintoma-transferência, dificuldades de aprendizagem, hiperatividade (TDAH).*

Keywords: *disorder, symptom, transferenc, learning difficulties, attention ficit/hyperactivity disorder (ADHD).*

Referências Bibliográficas

BLEICHMAR, S. *En los orígenes del sujeto psíquico.* Buenos Aires: Amorrortu, 1986.

_____ *La fundación de lo inconsciente - destinos de pulsión, destinos del sujeto.* Buenos Aires: Amorrortu, 1993.

BLEICHMAR *et alli. Lectura de Freud.* Buenos Aires: Lugar Editorial, 1990.

_____ O intraduzível da mensagem do outro. In: *Projecto - Revista de Psicanálise*, n.6, ano 5, Porto Alegre, 1996.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____ (1895) *Projeto de uma psicologia para neurólogos.*

_____ (1896) Carta 52 – *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904.* Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____ (1915) *Repressão.* v. XIV

_____ (1915) *O Inconsciente.* v. XIV.

_____ (1915) *Os Instintos e suas vicissitudes.* v. XIV.

_____ (1923) *O ego e o id.* v. XIX.

_____ (1923) *Além do principio do prazer.* v. XVIII.

_____ (1926) *Inibição, sintoma e ansiedade.* v. XX.

LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____ *O inconsciente e o id. Problemáticas IV.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____ *La prioridad del otro en psicoanálisis.* Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

ZIMMERMANN, V. B. *O transtorno na constituição psíquica: Seus efeitos no corpo e no processo de alfabetização.* São Paulo, 1997, Dissertação de Mestrado, PUC/SP.

Vera Blondina Zimmermann
Rua Dr. Costa Jr, 286-B
05002-000 São Paulo, SP
Tel.: (11) 3673 6104
vera@tekowam.com

A incorporação da masculinidade

Cassandra Pereira França

Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFMG

Resumo: *A apresentação das instigantes idéias que a autora Silvia Bleichmar lançou acerca da ausência de uma teoria psicanalítica sobre a constituição da masculinidade é o objetivo do presente artigo. Para Bleichmar, a presença do pênis real no menino acabou funcionando como um obstáculo epistêmico, que levou a psicanálise a considerar que a sexualidade masculina, além de seu caráter essencialmente ativo, percorria um caminho linear, uma vez que o objeto primário era conservado, de modo contíguo, ao órgão de origem. Tentando refletir acerca do que acontece no psiquismo do menino antes que renuncie à mãe como objeto incestuoso, a autora fará uma proposta acerca dos três tempos da constituição sexual masculina e que nos pareceu bastante promissora, uma vez que pode ser facilmente observável no conteúdo das sessões analíticas infantis – conforme ilustraremos com vinhetas clínicas.*

Ler os textos de Silvia Bleichmar não é tarefa a que se possam lançar aqueles que ainda não se despiram do dogmatismo que permeia a maioria das formações psicanalíticas da atualidade, pois o grande mérito dessa autora é o de dar de ombros com a tendência de aplicação da teoria geral para a compreensão da singularidade, pois em sua opinião devemos fazer exatamente o contrário: partir do campo singular, enlaçar a dimensão da história significante, e do contexto sóciocultural, para então construirmos uma teoria que dê conta da realidade psíquica em que o sujeito está mergulhado.

Deslizando com clareza entre os principais aportes metapsicológicos deixados pelos grandes mestres da psicanálise, Bleichmar vai demarcando os limites e superposições conceituais, delineando exatamente o campo que precisa ser ainda mais investigado – a mesma conduta que esteve presente em todas as suas aulas e seminários, e que pode também ser constatada em todo o seu vasto e profundo legado textual. Vastidão que nos consola nesse momento em que não podemos mais ouvir o seu exemplo de que não devemos ter uma postura passiva diante do já estabelecido e assentado teoricamente, denunciando o que precisa ser revisto[1].

1 Dentre as revisões que, na opinião de Bleichmar, a psicanálise precisa fazer, vale a pena citar a insuficiência para a clínica atual, da redução de qualquer angústia narcisista à angústia de castração, mesmo porque o articulador narcisista de maior calibre parece nem ser mais a identidade corporal expressa pela equação pênis/potência, e sim a integridade trazida pela fortuna e expressa na equação dinheiro/potência.

Um desses campos que precisa ser revisado, a constituição da masculinidade, me interessa sobremaneira, pois há doze anos venho pesquisando a temática dos distúrbios sexuais masculinos, deparando-me com a impressionante lacuna de produções psicanalíticas sobre o assunto[2], fato que com certeza fez com que Bleichmar assinalasse a curiosa ironia presente em grande parte das produções sobre sexualidade em psicanálise, que giram ainda e somente em torno da pergunta inicial lançada por Freud acerca do mistério da feminilidade, quando, na verdade, é a teoria sexual da masculinidade quem precisa de uma revisão teórica. Posição que trouxe um grande alívio para minhas inquietações teórico/clínicas, pois representava afinal, uma opinião de peso que anunciava tanto o que eu pensava, quanto o que a indústria farmacêutica e o sucesso mundial das drogas vasodilatadoras viriam comprovar: há uma pendência muito séria, enquistada na constituição da masculinidade, e sobre a qual a psicanálise ainda não teorizou. Grave a ponto de desmanchar a ilusão de que esse campo não oferece interrogações ao freudismo, mas suficientemente fecunda para afirmarmos que ser como o pai com relação aos traços secundários não é difícil quando a cultura e o desejo da mãe assim o permitem, mas identificar-se ao pai sexuado, genitalmente potente e possuidor da mãe, é a grande chave da questão.

2 Ver a esse respeito minha tese de doutorado, defendida em 2000 na PUC/SP: *Ejaculação precoce e disfunção erétil: uma abordagem psicanalítica*, em que fiz um levantamento detalhado dessa produção.

Para expor resumidamente o ponto de vista de Silvia Bleichmar sobre essa temática, escolhi apresentar ao leitor o artigo *Paradojas de la constitución sexual masculina,* em sua versão completamente revisada e preparada para ser o primeiro capítulo do livro *Paradojas de la sexualidad masculina*, publicado em 2006, pela Paidós[3].

3 Esse texto foi originariamente publicado na *Revista de la Associación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados,* em 1992.

Para Bleichmar, a presença do pênis real no menino acabou funcionando como um obstáculo epistêmico, que levou a psicanálise a considerar que a sexualidade masculina percorria um caminho linear, uma vez que o objeto primário era conservado, de modo contíguo, ao órgão de origem. Além disso, essa presença real levou à suposição de um caráter ativo da masculinidade como originária, obturando importantíssimas indagações acerca do que acontece antes que se estabeleça a introjeção das proibições e insígnias que constituirão o superego. Assim, em termos da identificação com o pai genital, pouco sabemos do que acontece no psiquismo do menino antes que renuncie à mãe como objeto incestuoso.

A análise de crianças nos mostra, com clareza, que a mãe da pré-história do complexo de Édipo, investida de todos os atributos de completude, não é a mesma daquela que se constituirá em objeto de desejo

a partir da instalação do reconhecimento da diferença sexual anatômica que, como sabemos, irá alterar o estatuto do objeto primordial. Alteração profunda capaz de romper uma linha de continuidade, já que as teorias sexuais infantis irão produzir a castração feminina. Fantasia que jogará sob o signo da derrota narcisista tanto o sujeito como o objeto – instalando, então, a ambivalência em relação à figura da mãe, e a ressignificação (das inscrições prévias já existentes no aparato psíquico da criança) da presença do pai sexuado, possuidor do atributo que o identifica ao menino.

No entanto, será justamente essa queda narcísica do objeto materno o movimento que arrastará consigo a angústia de castração do próprio menino, inaugurando outro movimento que o lançará da identificação à eleição amorosa do objeto. Essa é uma passagem enigmática, e pelo que tudo indica o que estará em jogo não será só a castração, mas um somatório de resultados de operações psíquicas que vinham se constituindo, desde as primeiras inscrições do pai nos tempos prévios à constituição do originário sepultado no inconsciente, atravessando as alianças edípicas originárias e os traumatismos que o sujeito registrou ao longo de sua constituição como sujeito sexuado. Esses movimentos constitutivos, acrescidos da presença do pai, serão estruturantes em uma ou outra direção da eleição de objeto sexual.

Se acaso tais vicissitudes fizerem com que a mãe seja eleita como objeto sexual, podemos observar no menino o desejo de brindar o objeto de prazer e de potência, através da oferta do pênis como objeto de completude – o que levará Bleichmar a questionar tanto a fonte dessa potência, quanto o por quê do menino desejar dar vazão junto à mãe, a uma excitação que poderia ser resolvida sob a forma do auto-erotismo, abrindo a questão: "Qual seria a razão para que este encontro seja desejado como uma dominação genital e não através da totalidade de seu próprio corpo?" (Bleichmar, 2006, p. 24-5)

Se toda identificação remete a uma introjeção, e esta a um modo de apropriação simbólica e fantasmática do objeto do qual o outro é portador, no caso, a potência, ficamos diante de um outro paradoxo: se o protótipo de toda identificação é o seio, como poderia o menino receber o pênis de um homem que o torne sexualmente potente, se não for a partir de sua incorporação? Bleichmar defende a idéia de que o único caminho para a constituição da masculinidade seria a incorporação do pênis do pai, "incorporação introjetiva que deixa a masculinidade fundamentada para sempre no fantasma paradoxal da homossexualidade" (Bleichmar, 2006, p. 35).

Partindo do "paradoxo clássico da psicanálise acerca da identificação masculina: ser como o pai enquanto sujeito sexuado e, ao mesmo tempo, não ser como o pai – enquanto possuidor da mãe", Bleichmar (2006, p. 31) irá chamar nossa atenção sobre um ponto lógico, ou seja, o de que seria impossível uma identificação com um rival, sem que houvesse um enlace amoroso com ele. Enlace que começa desde os cuidados precoces que o pai dedica ao filho, e sobre os quais se inscreverão os desejos eróticos pelo pai, ressignificados *a posteriori* pelos fantasmas de masculinização.

Entendendo a construção da masculinidade não só como efeito de uma gênese, mas também como um ponto de chegada do qual o sujeito pode ser destituído, como bem ilustram os quadros de impotência, ejaculação precoce, anorgasmia ou até mesmo de incapacidade de penetração vaginal, Bleichmar, atendendo a uma necessidade de sistematização de suas idéias sobre o assunto, irá propor três tempos de constituição sexual masculina:

1) Um primeiro tempo, no qual se institui a identidade de gênero, uma identificação oferecida pelo outro, e que será um momento constitutivo, identitário em sentido estrito: o núcleo egóico das identificações secundárias, em que será marcado "o que se é", instalando-se os atributos que a cultura, na qual o menino irá se inserir, considera pertinente para um ou outro sexo – conforme o nome próprio atribuído à criança –, que lhe impõe o pertencimento ao sexo masculino ou feminino. É um tempo anterior ao reconhecimento da diferença anatômica, mas coexistente com o polimorfismo perverso, ou seja, com a sexualidade chamada pré-genital.

2) Um segundo tempo, no qual se estabelece a descoberta da diferença anatômica dos sexos. Para o menino a presença do atributo real, biológico, existente em seu corpo, não é suficiente para constituir a masculinidade genital e a potência fálica em geral. Para tanto, é necessário que o pênis se invista de potencia genital, a qual se recebe através da incorporação do pênis paterno, movimento que, paradoxalmente, irá instaurar a angústia homossexual presente nos homens. A isto irá se somar a busca de indícios do valor atribuído pela mãe ao pênis do qual é portador o "infantil sujeito" – articulação complexa, proveniente na mulher da valoração do pênis do homem e de sua relação com o do filho.

3) Um terceiro tempo, no qual se definem as chamadas identificações secundárias que fazem as instâncias ideais. No caso do menino trata-se de saber de que classe de homem se deverá ser, o que será articulado nas proibições e mandatos que constituem a consciência moral e os ideais.

Essa proposta didática tão objetiva só poderia mesmo ter sido feita por um psicanalista que tivesse uma experiência clínica infantil muito vasta

como foi a de Silvia Bleichmar, pois, de fato, os meninos apresentam com muita clareza em suas análises essas etapas que atravessam os tempos de constituição da masculinidade. A fim de ilustrar a forma como estou me apropriando desse esquema referencial de Bleichmar para entender como se constitui, no menino, não só sua identidade de gênero, mas também sua potência genital, que lhe dá o traço dominante na sexuação, escolhi correlacionar o assunto, em suas três etapas, com uma breve resenha de um material clínico que eu, inclusive, já havia publicado anteriormente (França, 1999). Trata-se do caso de um menino que foi trazido à análise por uma sintomatologia que encobria os verdadeiros motivos de sua angústia: ele se negava veementemente a dominar o seu esfíncter anal e a ter uma produção escolar à altura de sua capacidade. Quarto filho de uma família de inúmeros meninos, ele lutava, bravamente, contra uma corrente parental (não assumida) de desejar filha menina – carga que parece ter afetado significativamente o terceiro filho do casal. Para acompanhar esse paralelo, peço ao leitor que retome, sucessivamente, cada uma das etapas propostas por Bleichmar, e que leia as palavras abaixo apenas como uma proposta de exemplificação.

1) Nas etapas precoces da vida o que está em jogo não é a castração, e sim a dialética de vida e morte, uma vez que perder o amor da mãe põe em jogo o aniquilamento do sujeito. Assim, as crianças quando chegam em análise logo produzem um material que nos permite fazer um levantamemento patrimonial da reserva narcísica disponível para o enfrentamento dos avatares edipianos. Essa criança a que estamos nos referindo tinha em sua bagagem constitucional uma grande dúvida acerca do amor de sua mãe, instalada principalmente pela ausência da função de *rêverie* materna, falta para a qual ele criou uma hipótese fantasmática: deveria ter ocorrido porque ele não era uma menina.

A necessidade de fazer a mãe se conectar com os seus anseios acerca da atribuição de gênero foi expressa através de uma cena em que ele pega a boneca/mãe e a boneca/filha, e, unindo com cola as duas cabeças (para que a mãe não fugisse mais), anuncia: "Eu vou infernizar esta mãe!" Passa a dar golpes de karatê para que elas rodopiassem pelos ares, enchendo-as de cola, e quando elas viram uma só pessoa, ele sentencia: "Eu vou te matar desgraçada!" Movimento em que podemos ver o seu pavor de ficar aderido ao corpo da mulher/mãe, e também a necessidade de matar essa mãe onipotente do Édipo precoce. Retornando mais ainda às origens de sua constituição psíquica, representa a gravidez da boneca/mãe, e quando o bebê nasce, ele, solenemente, põe um pingo de cola nos genitais,

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

atribuindo-lhe um pênis. A mãe então tenta matar o bebê, jogando-o na lixeira, mandando-o para o inferno, tentando afogá-lo. Ele examina o bebê, conclui que está morto mesmo, e tem um ataque de fúria, picando o bebê com uma tesoura: cortando-lhe os dedos, os braços, o "pipi", e, por último, a cabeça. E, erguendo a cabeça do bebê anuncia: "É minha bola de gude!", querendo dizer com isso que mesmo sabendo que seria difícil se desvencilhar dos desejos maternos de que fosse uma menina, apropriar-se de sua masculinidade era uma tarefa que estava em suas mãos.

2) O segundo momento dessa constituição da masculinidade a que Bleichmar se refere, pode ser ilustrado com o conteúdo de dois sonhos relatados, significativos como primeira configuração representacional da trama edípica, e como ilustração dos desejos de masculinização através da incorporação do pênis paterno, o que lhe permitiria exercer o sadismo genital, e assim afastar-se da presença capturante da mãe.

A narrativa ansiosa dos sonhos veio na linguagem simples de criança: "Ah... Teve um dia que eu sonhei que tinha um ladrão roubando a bicicleta da minha mãe. Ela tava lá na padaria. Aí eu corri para pegar, mas o ladrão me pegou e me levou para a fazenda. Eu comecei a correr, correr, aí passou meu pai de motocicleta. Eu pedi uma carona para ele, mas ele não quis me dar, urgh! Eu continuei correndo, aí passou um outro carro, tava meu avô, minha avó, e um ladrão com eles no carro. Eu pulei no ladrão, dei um chute na parte central dele, naquela, você sabe, dei um murro e tomei o carro dele. Mas a gente não sabia dirigir, e aí a minha avó falou: eu vou apertando o freio, o acelerador, e você fica no volante (simula que está dirigindo). Aí a gente chegou no prédio, e eu abracei a minha mãe." (Esta descrição do sonho, feita sem interrupção, foi acompanhada do comentário de que ele acordou com muito medo e gritando pela mãe)... Ah..."Teve outro sonho também, que tava todo mundo lá de casa, e aí era uma guerra, e a gente estava dentro de um tanque. Eu corri e arranquei aquele troço de todos os tanques (gesticula mostrando algo tipo um fusível), e meu pai então pegou a metralhadora e metralhou todos os tanques, e a gente ganhou a guerra!"

Como pode ser observado, o primeiro sonho narrado era tipicamente um sonho de angústia, em que a censura rateou, deixando o desejo recalcado ficar nítido a ponto de ser preciso, como último recurso, o despertar. Nesse sonho, o menino vai defender a mãe e passa a ser vítima, sendo seqüestrado pelo ladrão. Não consegue ajuda do pai e acaba tendo de apelar para uma fantasia maníaca, adequada à fase fálica, qual seja, a de atacar a genitália do ladrão. Só que, quando domina a situação, dá-se conta de que é meio-

homem, não consegue sequer dirigir um carro, precisando ainda da ajuda de uma mulher para acelerar ou frear seu impulso de correr para os braços da mãe.

No segundo sonho, ele aparece mais identificado com o pai, estão do mesmo lado da guerra, e novamente seu desejo de tirar o "fusível" dos homens ressurge, só que, agora, ele é o agente da castração. Essa dualidade de vivências mostra o encaminhamento heterossexual dessa criança: por um lado, ameaçado pela castração, reage atacando justamente no ponto em que se sente atacado, no seu órgão genital; por outro, reconhece a necessidade de um rival, alguém que faça um corte em seus desejos incestuosos e lhe dê condições identificatórias para estar um dia nesse lugar.

Bleichmar nos alerta de que se o que é realmente reprimido no homem é a passividade, é necessário explorar as duas vertentes que a constituem estruturalmente. Pois bem, é isso que passa a fazer essa criança ao pedir para representar os sonhos na brincadeira: inicia a montagem de um cenário exatamente igual ao que havia descrito, repetindo em gestos a trama do sonho. Anuncia que o "dog"[4] vai entrar na brincadeira para proteger, pega um boneco e diz que será ele, e outro maior será o ladrão (boneco que geralmente utilizava para representar seu pai). O cenário vai mudando aos poucos, passando a existir um território interno protegido pelo "dog", e era onde o menino ficava, e um território externo, onde ficava o ladrão, que não parava de atacar o menino - o ódio entre eles era grande. Faço uma alusão ao sonho, correlacionando as duas situações com uma disputa entre pai e filho, ao que ele retruca que não era nada disso, que o ladrão tinha matado o pai do menino, e que por isso o menino queria matá-lo.

Na seqüência, o menino entra e sai de casa pelo rabo do "dog", e, por um buraco na entrada da casa, solta compulsivamente "puns" na cara do ladrão. Cenas que provocavam risadas sádicas, levando-o a ficar tão excitado que precisou sair correndo para o banheiro, para dar vazão a uma diarréia. Ao voltar, continua repetindo a mesma cena, até dizer: "O pai morreu!" Teve, então, uma crise de riso, caindo no chão e até rolando de tanto rir! Só depois de um bom tempo, conseguiu dizer alguma coisa: "Você viu? Não foi nada disso o meu sonho! Não foi assim que eu sonhei!" Continuando com as gargalhadas, ele sequer ouvia as intervenções que eu tentava fazer. Finalmente sentou-se no "dog", impondo como condição para sair da sala que eu o empurrasse como seu pai fazia.

A vivência de franca hostilidade surgiu na dramatização e parece ter sido facilitada pela proteção dada pelo "dog", que, enquanto objeto

4 Um cachorro enorme, de pano, ganho do pai quando fizera um ano de idade, e que funcionou como objeto transicional, tendo sido lavado para ser trazido naquela sessão.

transicional, representante simbólico de uma vivência afetiva com o pai, apaziguava e equilibrava a briga. Partindo de uma identificação clivada, a criança projeta sua parte hostil no ladrão, dizendo que ele matou seu pai, e identifica-se com o boneco/filho que tentará vingar a morte do pai com "puns". A excitação crescente ativou uma equação simbólica, e ele, não fazendo distinção entre a coisa simbolizada e o símbolo, encontrou-se sem barreiras a uma satisfação pulsional mais arcaica, que foi acompanhada pela vivência de triunfo maníaco sobre os rivais com quem vinha lutando. Desse gozo ilusório vinha também a sua necessidade de atacar o rival através de fantasias de ataque anal, justamente com a arma mais bélica que julgava ter: seu mau cheiro. No entanto a concretização lúdica da fantasia de morte do pai, desejo proibido no sonho, atiçou tanto a censura que o levou a uma reação maníaca, que só cedeu com a revivescência da cena apaziguadora: ser empurrado para a realidade pelas mãos do pai. Desde essas representações de ataque anal à figura paterna, seguido de alianças em que eles arrancavam fusíveis e "metralhavam" juntos outros homens (na fantasmagoria infantil metralhar é parecido com soltar "puns"), a trama edípica parece ter ficado mais liberada, passando a ser o tema central de sua análise, apresentando-se, a cada vez, de modo mais elaborado.

3) Mas, afinal, que tipo de identificação deveria realizar o menino antes do sepultamento do Édipo, cuja culminação inaugura a possibilidade de identificar-se ao pai através da incorporação das instâncias que constituem o superego, para poder exercer sua potência genital com o objeto de eleição? Esse cliente, que estamos citando aqui, o responderá através de uma vivência típica de um dos momentos finais de elaboração de seu complexo de Édipo, representado por um desenho ilustrando o dia em que ele foi o único a acompanhar a mãe ao clube. A situação era perfeita, e ele desdobrara-se ao máximo, até que "de repente, o relâmpago de Zeus ofusca o mundo. A terra se abre lentamente, e Édipo, tendo recuperado a visão, é acolhido no reino das deusas subterrâneas, entrando chão adentro". (Pellegrino, 1987: 327) A realidade dessa condição é descrita com palavras singelas: "Eu estava lá servindo tudo para ela, buscando refrigerante, salgadinhos, aí chegou um cara e ofereceu um *drink* para minha mãe, e eu nem sabia o que era um *drink*. Assim não vale! Se fosse meu pai, eu ainda podia pedir para ele me dizer o que era um *drink*!"

Espero que essa breve exposição do pensamento dessa autora tenha servido para exemplificar ao leitor como o seu pensamento pode ser útil para nos ajudar a investigar os obstáculos à identificação masculina, presentes

não só na clínica das disfunções sexuais, mas também na dos distúrbios de identidade de gênero.

A inquietação perspicaz com que Silvia Bleichmar nos impregnava, deixou-nos encantados com o privilégio de termos sido seus contemporâneos e assim compartilhado do "estilo bleichiano" de fazer rodar a engrenagem metapsicológica. Isto é o que nos fará encontrar uma maneira de retumbar a sua voz, reverberando as questões lançadas por ela à psicanálise. E se um até breve precisamos lhe dar, o fazemos agradecendo e ovacionando a sua ética, e o dom que teve de falar, no lugar de tantos que tiveram de se calar. Não nos despedimos daqueles que admiramos – nós os incorporamos.

Abstract: *This article aims to present the instigating ideas that Silvia Bleichmar has launched regarding the absence of a psychoanalytic theory on the constitution of the masculinity. According to Bleichmar, the presence of a real penis on a boy's body ended up working as an epistemic obstacle, which led psychoanalysis to think that masculine sexuality, beyond its essentially active character, followed a linear path, once the primary object was contiguously preserved to the original organ. Trying to think about what happens to the boy's psyche before his resignation from the mother as an incestuous object, Bleichmar made a proposal for the three periods of the masculine sexual constitution, which we thought was very promising, once it can be easily observable through analytic sessions with children – as we have illustrated using clinical vignettes.*

Palavras-chave: *Identidade sexual; constituição sexual masculina; complexo de Édipo; impotência sexual; sexuação*

Keywords: *Sexual identity, masculine sexual constitution, Oedipus complex, sexual impotence, sexual identity definition*

Referências Bibliográficas

BLEICHMAR, S. (1992) "Paradojas de la constitución sexual masculina". In: *Revista de la Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para graduados*, 18.

_____ (2006) *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós.

FRANÇA, C. P. (1999) "Não foi nada disso o meu sonho". In: *Revista Psyché,* 4: 39-52.

_____ (2001, 2004) *Ejaculação precoce e disfunção erétil: Uma abordagem psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____ (2005) *Disfunções sexuais*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

PELLEGRINO, H. (1987). "Édipo e a paixão". In: *Os sentidos da paixão*, São Paulo: Cia. das Letras.

Cassandra Pereira França
Av. André Cavalcante, 136/701 – Bairro Gutierrez
30439-110 - Belo Horizonte, MG
Tel.: (031) 3291 8132 / (031) 3292 2818 / (031) 9618 2818
cassandrapfranca@gmail.com

Silvia Bleichmar e a ética como fruto da intersubjetividade: Um outro olhar sobre a segregação

*Cibele Amaro Pires Rays**
*Cristina Rocha Dias***
*Marta Quaglia Cerruti****

*Psicanalista, membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

**Psicanalista, membro efetivo do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae Membro do Projeto Escuta

***Psicanalista, membro efetivo do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientae Mestranda pelo Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP Membro do Laboratório Psicanálise e Sociedade da USP Membro da diretoria da ONG Pró-Mulher Família e Cidadania

Resumo: *Neste texto as autoras discutem as contribuições de Silvia Bleichmar para o debate de alguns impasses contemporâneos. Tomando como ponto de partida episódios de extrema violência ocorridos recentemente no Brasil, evocam-se as reflexões de Silvia Bleichmar sobre a fundação do sujeito ético. Em sua proposta, mais além da triangulação edípica e da constituição do supereu, a ética se pauta a partir da vivência da intersubjetividade.*

Cena 1: Um menino é arrastado, por quilômetros, pelas ruas do Rio de Janeiro. Sua mãe e sua irmã mais velha, vítimas de um assalto, não conseguem soltá-lo do cinto de segurança, e os assaltantes, ao fugir, o arrastam. O Brasil fica absolutamente estarrecido: a imprensa e a opinião pública não cessam de manifestar sua indignação frente à tamanha barbaridade.

Cena 2: Aproximadamente uma semana após presenciarmos o horror, o inominável do episódio de João Hélio, em uma pequena nota em alguns jornais lê-se que uma menina de 12 anos, a caminho da escola, foi atingida por uma bala perdida em uma favela do Rio de Janeiro. Sua mãe não tem como pagar seu funeral.

Cena 3: Uma empregada doméstica aguarda a condução, nas primeiras horas da manhã. Neste dia acordou mais cedo, pois antes de iniciar seu dia de trabalho teria uma consulta médica. Um grupo de rapazes a espanca gratuitamente. Sua justificativa: não sabiam que se tratava de uma empregada doméstica, pensaram ser uma prostituta.

Um olhar sobre cada um destes episódios nos remete a uma visão que considera a pobreza como portadora de uma cultura autônoma, difundindo uma polaridade socialmente compartilhada que institui uma diferença abissal entre "nós" e "eles". Mas, afinal, quem são "uns", quem são "outros"? Parece-nos ser urgente considerar a pobreza como parte de um sistema social mais amplo, denunciando o caráter problemático desta

diferenciação, o que significa considerar esta polarização como um funcionamento do próprio tecido social, uma gramática na qual tanto "eles" como "nós" estamos inseridos.

A abordagem sociológica da pobreza, sobretudo a partir da década de 60, se pauta em uma ênfase ora econômica, ora política, na qual a condição social é vista como fruto da exploração do trabalho pelo capital e, em uma versão mais recente, da falta de reconhecimento de direitos de cidadania. Focalizar a pobreza a partir do lugar que ela ocupa no sistema de produção abre um importante campo de denúncias e reivindicações, mas, de forma paradoxal, apresenta o risco de excluir as implicações das peculiaridades deste lugar, o lugar da pobreza, de forma mais ampla. O que prevalece é uma visão do que deveria ser, daquilo de que os pobres estão destituídos e deveriam ter. Longe de considerar a desigualdade como algo secundário, o que ressaltamos é o quanto o "deveria ter" ou "deveria ser" acabam por tornar opaco aquilo que é: qual é a vida social e simbólica das classes desfavorecidas naquilo que se apresenta como positividade, ou seja, como elas mesmas equacionam e atualizam sua vivência da desigualdade.

As cenas descritas nos provocam a refletir sobre estas questões. Sem desconsiderar, em absoluto, a brutalidade que cada um destes episódios carrega, vemos prevalecer a concepção de que as classes sociais mais desfavorecidas, por estarem cotidianamente expostas às mais variadas formas de violência, têm-na como algo já banalizado. Banalização, diga-se de passagem, que alguns diretores do cinema brasileiro atual têm freqüentemente acentuado: vemos tantas vezes retratada na tela uma população destituída de qualquer projeto, vidas sem rumo, que têm na violência sua única forma de afirmação.

Os seminários de Silvia Bleichmar *Verguenza, culpa, pudor: Relaciones entre la psicopatologia, la ética y la sexualidad* (2005) e *La construcción del sujeto ético* (2006) indicam uma via através da qual a psicanálise pode se integrar a este debate e recuperar um caráter mais atuante. Ela nos convoca, enquanto analistas, a sairmos da clausura de nosso *setting*, e nos intima a usarmos a psicanálise como ferramenta que pode contribuir para o debate a respeito destes fenômenos sociais.

A preocupação que norteia o pensamento de Silvia é a maneira pela qual a psicanálise pode dar conta, metapsicologicamente, da instauração do humano. A equação violência = pobreza acaba por agudizar a paranoicização e a impunidade das elites, e a psicanálise, ao tentar responder a estes fenômenos como expressão dos efeitos da pulsão de morte, acaba

por reforçar a gramática "nós", "eles". Para Silvia é necessário que sejam exploradas, antes de mais nada, as legalidades que instituem um sujeito.

Das considerações que Silvia faz no texto, destacamos sua argumentação de que a violência não é decorrente da condição de ser pobre, mas sim das formas pelas quais se opera a desconstrução do outro, do semelhante.

Retomando o texto *Totem e tabu* (1913), Silvia ressalta que o fato de Freud considerar que a identificação primária se estabelece em relação a um pai primitivo, indica o quanto o pensamento freudiano se preocupa em considerar a origem da ética como constitutiva da própria história da humanidade, a ética como algo que antecede a constituição subjetiva. E isto significa discutir se é possível antecipar o sujeito ético em relação ao advento do supereu. Seu pensamento nos conduz a refletir sobre as formas através das quais se vão instituindo as primeiras condutas éticas. Na abordagem proposta por Silvia a questão não vem atrelada, desde o início, aos termos da triangulação edípica, mas sim emerge como algo da ordem da intersubjetividade.

O que Silvia ressalta, em sua releitura do mito freudiano, é o quanto a responsabilidade pelas próprias ações com respeito ao semelhante é o que demarca a cultura. Em seu seminário de 2005, lemos:

> Mas o fundamental, mais além da não vigência deste mito fundante na cultura, que na época de Freud ainda ocupava um lugar interessante que hoje já não se sustenta, o interessante deste mito é que, precisamente, coloca a questão da culpabilidade, vale dizer, da responsabilidade pelas próprias ações com respeito ao outro, no centro da formação da cultura. (p.1)

A proibição do incesto se articula com respeito ao semelhante, e ao seu reconhecimento como outro e às conseqüentes obrigações que se tem com respeito ao outro. Neste sentido, Silvia acredita que o semelhante é parte constitutiva de qualquer ética, e isto mais além do advento do supereu a partir da constelação edípica. O que sustenta a vigência de Édipo, para Silvia, é a assimetria adulto-criança que marca a função do adulto como aquele que inscreve o sexual no corpo da cria. Em seus textos ela sustenta o termo "cria" e não *infans*, ou criança, ou bebê, por considerar que o termo "cria" expressa a existência de um organismo que deve aceder ao humano, o que aponta a radicalidade de seu pensamento: se não são produzidas as condições para a humanização, não há como se articular a humanidade.

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA
MADRE
CRISTINA

Neste ponto não há como resistir a evocar Hanna Arendt (1958), em sua definição da dignidade do político. Para esta autora, só o espaço político oferece condições para que o homem surja em sua liberdade, pois é este espaço que preserva, em si, a ética do bem comum. O espaço político inexiste sob a base da desigualdade social, uma vez que o homem só tem condições de exercer sua liberdade quando apartado do âmbito da necessidade, ou seja, quando deixa de responder apenas às urgências que a necessidade de sobrevivência impõe.

Podemos constatar o compromisso desta psicanalista com a ética do bem comum, uma vez que para ela o inconsciente tem, como condição de seu estabelecimento, a existência de um outro que é semelhante. E é neste jogo intersubjetivo que a identidade de percepção é rompida, criando condições para o advento do psíquico, na distância que a própria intersubjetividade impõe entre o esperado e o encontrado.

Nos primeiros tempos de vida o olhar narcisisante do outro - que recebe o mal-estar da cria e é capaz de, ao recebê-lo, transformá-lo em uma mensagem - propicia que haja a transcrição das necessidades biológicas para a linguagem, condição que precipita o humano do ponto de vista ontológico. Este olhar narcisisante, que vê totalidades, indica que um olhar que não se reduz à ordem daquilo que se refere à autoconservação coloca em marcha o universo representacional. Vemos, assim, o quanto Silvia considera que a intersubjetividade é o que opera o deslocamento da relação pulsional direta, ou autoconservativa, ao plano ético.

Podemos supor que quando a mensagem não é decodificada esbarramos no ponto no qual se instaura a segregação. Um campo social articulado a partir de uma lógica "nós", "eles", destitui o "somos humanos" ontológico, abrindo campo para um exercício perverso, no qual o semelhante surge destituído de qualquer subjetividade.

Se a base de criação de um sujeito ético se opera através da intersubjetividade, a decodificação de uma mensagem exige um duplo movimento: inscrever a sexualidade na criança, bem como pautar os limites de sua apropriação sobre o corpo da mesma.

Enquanto uma criança vai se construindo, ela faz várias renúncias por amor ao outro, e o que se espera é que a sociedade ofereça ferramentas para que possamos conservar nossas renúncias. Dessa forma, é terrível verificar, cotidianamente, o desrespeito e a desconsideração pela lei e a inoperância da justiça, como temos vivenciado diariamente em nosso país. Desarticula-se, assim, a noção de semelhante e a violência, que poderia ser articulada à impunidade, aparece equacionada invariavelmente à pobreza.

As concepções de Silvia nos convocam a fazer uma rotação no eixo que norteia as discussões sobre a incidência de episódios violentos, como os que descrevemos nas cenas acima: não se trata de considerar a cultura como um fator patologizante em si - até porque seria ingênuo de nossa parte supor que as regras impostas pela cultura não são, de alguma maneira, arbitrárias –, mas sim de considerar estas ocorrências como algo que expressa uma assimetria entre as exigências culturais (nossas eternas renúncias) e os meios que a cultura apresenta para que tais exigências possam ser cumpridas.

A polarização "nós", "eles", põe a nu esta assimetria, abrindo campo para a segregação, isto é, para a impossibilidade de que o outro possa ser reconhecido como um semelhante. Desamparados em nosso grito, o caminho que nos é apontado é o da segregação, que se apresenta como a única saída: aquilo que nos protege "deles", isentando-nos de qualquer responsabilidade.

Neste sentido, pensar a segregação como uma saída que "nos protege deles" retira, supostamente, a responsabilidade e a implicação com o outro, que, neste caso, não pode ser reconhecido como semelhante. Com isto, se instaura algo da ordem da desubjetivação, uma vez que o exercício da alteridade não se faz, já que alteridade não significa simplesmente reconhecimento do outro, mas, sobretudo, do outro de mim mesmo, que é da ordem do humano.

Tomando como referência as cenas descritas no início deste artigo, nos perguntamos: Qual a diferença entre elas? Por que as imagens do menino João foram expostas à exaustão pela TV, e a notícia da morte de uma menina de doze anos ganha apenas o espaço de uma nota de rodapé no jornal? Por que uma prostituta é passível de sofrer uma violência gratuita? São questões que nos inquietam e nos incitam a pensar a problemática ética do modo como nos propõe Silvia, que discute a função do outro em seu desdobramento, para além da triangulação e das relações de aliança.

Silvia, como já dissemos, aponta que a problemática ética passa pelo modo como o adulto se coloca diante da criança em sua dupla função: inscrever a sexualidade e, ao mesmo tempo, pautar os limites de sua própria apropriação sobre o corpo da criança. Assim, o reconhecimento da presença do semelhante inscreve, como ela sugere, uma ruptura em meu egoísmo, retirando a criança do lugar de gozo, na medida em que o amor se coloca em termos da ética, um amor sublimatório, capaz de ter em conta o outro, ou seja, de considerar o outro como subjetividade.

Como, então, considerar as legalidades que constituem e estruturam o sujeito? A partir do que Silvia nos propõe, respondemos: pela instauração do supereu entendido não apenas como fruto da proibição, mas também fruto dos pré-requisitos amorosos, através dos quais a relação com o outro pode se inscrever. Pré-requisitos amorosos estes que podem ser vistos desde o princípio da vida, como quando o bebê é capaz de esperar mais um instante, diante do leite, para dar um sorriso a sua mãe. Não se trata, então, apenas da proibição, mas sim em nome do quê ela é feita.

O que, de certa maneira, Freud (1926) já enunciava em *A questão da análise leiga*:

> Nas principais estradas da Itália, as torres de cabos de alta tensão trazem a inscrição sucinta e impressionante: 'Chi tocca, muore [Quem tocar, morre]'. Isso está perfeitamente calculado para regular o comportamento de transeuntes em relação a quaisquer fios que estejam pendentes. Os avisos alemães correspondentes exibem uma verbosidade desnecessária e ofensiva: 'Das Berühren der Leitungsdrähte ist, weil lebensgefährlich, strengstens verboten [Tocar as linhas de transmissão é, por ser perigoso à vida, rigorosamente proibido]'. Qualquer um que tenha amor à vida fará a proibição para si mesmo; e qualquer um que deseja matar-se dessa maneira não pedirá permissão. (p. 268)

Assim, tendo a proibição como o único regulador das relações, a conseqüência tende a ser a indiferença, como forma de violência silenciosa. Se a violência escancarada bater na minha porta, será culpa "deles", que são diferentes de "nós", e da polícia, que não nos protegeu "deles". Por enquanto, a bala perdida aconteceu na favela, e eu não moro na favela.

Abstract: *This article discusses Silvia Bleichmar's contributions to the debate of some contemporary problems. Episodes of extreme violence that occurred recently in Brazil are the starting point to evoke Silvia Bleichmar's reflections on the foundation of the ethical subject. She proposes that, beyond the edipian triangulation and the constitution of the superego, social ethics are based on the experience of intersubjectivity.*

Palavras-chave: *ética, intersubjetividade, semelhante, violência, pobreza*

Keywords: *ethics, intersubjectivity, fellow man, violence, poverty*

Referências Bibliográficas

ARENDT, H. (1958) *La condición humana*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

BLEICHMAR, S. *Vergüenza, culpa, pudor: relaciones entre la psicopatología, la ética y la sexualidad*. In: Classe n. 1 dictada el 28 de Marzo de 2005. (texto disponível no site: www.silviableichmar.com)

_____ *La construcción del sujeto ético*. In: Classe n. 1 dictada el 10 de Abril de 2006. (texto disponível no site: www.silviableichmar.com)

FREUD, S. (1926) A questão da análise leiga. v. XX. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

SARTI, C. A. *Família como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Autores Associados/FAPESP, 1996.

Cibele Amaro Pires Rays
Rua Brasília, 136 - Itaim Bibi
04534-040 – São Paulo, SP
Tel.: 3078 7108
cibelerays@iq.com.br

Cristina Rocha Dias
Rua Capote Valente, 439 - cj. 84
05409-001 – São Paulo, SP
Tel. 3061 5649
crisrdias@gmail.com

Marta Quaglia Cerruti
Rua Jericó, 255 cj. 38
05435-040 – São Paulo, SP
3814 1105
marta.cerruti@terra.com.br.

Uma certa inesquecível maneira de ser

Márcia Regina Porto Ferreira

Psicanalista, mestre em Psicologia Clínica pela PUCSP Professora, supervisora e coordenadora geral do Departamento de Psicanálise da Criança, Co-coordenadora do Grupo Acesso - Estudos, Intervenções e Pesquisa sobre Adoção do Instituto Sedes Sapientiae

Assistindo pela televisão a uma entrevista com Dori Caymmi, ouço-o dizer algo semelhante a isso: "Depois da morte de Tom Jobim eu *amarguei*. A vida perdeu muito de sua graça." Essa palavra ficou ressoando em mim: *amarguei*. A força e precisão da imagem por ela suscitada tomou-me tanto quanto a dúvida sobre sua correção. Trataria de uma lindíssima licença poética ou esse verbo pode mesmo, em nossa língua, ser usado na forma intransitiva? Apesar de não conseguir (nem achar tão importante) resolver essa questão, fiquei assim, muito desejosa de inventar uma palavra que mais viceralmente traduzisse o sentimento que a ausência de Silvia Bleichmar me traz. Gostaria imensamente de, a modo de Guimarães Rosa, cunhar um termo só meu e só para ela. Sem sucesso, surgiram *desinfalei, desfalei, trancaboquei*. O fato é que, justamente, me faz falta a peculiar potência de sua voz, a fluidez e velocidade de comunicação de seu pensamento, a veemência com que defendia suas opiniões. Não me dei conta, no momento em que respondi tão prontamente ao convite desse *Boletim* para escrever algo sobre sua produção, de que me seria tão difícil fazê-lo. Tanto que excedi em muito o prazo para entrega desse texto. Ao mesmo tempo teria tanto e nada a dizer! Porém, um grande alívio se me acometeu ao constatar que tantos outros puderam exitosamente expressar seu pesar e admiração por quem deixou um imensurável legado. Estimulada por essas manifestações e pelas colegas que assistiam trimestralmente aos seus seminários nos domingos pela manhã, aos pouquinhos fui pinçando algumas palavras, raras vezes tão nitidamente insuficientes. Comprovo assim, uma vez mais, que a escrita é um excelente recurso para tentarmos, mesmo que muito parcialmente, contornar o traumático. Essa, portanto, é uma boa oportunidade para tentar simbolizar o traumatismo diante de uma perda, para mim e muitos outros, dificilmente metabolizável. Permite-me pensar que escrever sobre Silvia é corresponder e multiplicar sua implicada maneira de ser.

Peço desculpas ao leitor por esse imprescindível preâmbulo, condição *sine qua non* para conseguir prosseguir nessa escrita.

Escolhi comentar sobre seu artigo de 1999 *Las hiperkinéticas certezas del ser*[1] . Ele esteve na Internet, disponível a todos que acessassem o site do Simposio Internacional Niños Desatentos e Hiperactivos[2] , que

1Bleichmar, S. "Las hiperkinéticas certezas del se". In: *Revista Topía*, Año II, n 2, Buenos Aires, invierno de 1999.

2 Veiculado pela Internet no site http:// www.forumadd.com.ar/ documentos/t4.htm.

aconteceu em Buenos nos dias 8 e 9 de junho de 2007. Embora tenha ido até lá para assisti-lo, por razões pessoais acabei não fazendo. Mas soube que quando foi anunciada sua presença para uma das palestras, o auditório a aplaudiu de pé e muitas honrarias lhe foram devidamente feitas.

Esse texto ilustra a amplitude do pensamento dessa grande mulher sobre os *mal estares* da atualidade. Já muito se tem falado sobre suas duas grandes paixões: a psicanálise e a Argentina. Não discordando disso, estenderia sua paixão pela vida onde estivesse, atravessando com seriedade muitos campos, privilegiadamente o psicanalítico. Esse tema é um dos inúmeros que refletem sua corajosa maneira de questionar os saberes instituídos.

Nesse artigo, Bleichmar faz uma digressão histórica, desde o final da década de 60, sobre o diagnóstico de hipercinesias infantis (hoje nomeadas "transtornos de *déficit* de atenção com hiperatividade" - TDAH), quando se atribui uma etiologia genética para os fenômenos de desatenção e impulsividade, baseada "na aplicação de uma metodologia estatística de duvidosa confiabilidade no que diz respeito à corroboração de hipóteses de validade científica"[3]. Reporta-se a estudos consagrados, como os de Morrison e Stuart de 1971 para denunciar um insustentável e inadmissível retorno da teoria da degeneração na etiologia dos quadros clínicos. A metodologia estatística, sem considerar estudos longitudinais, ainda hoje segue justificando que, por herança genética (sem comprovação) se rotulem e se mediquem crianças que apresentem as mais variadas manifestações psíquicas.

3 Ibidem, tradução livre.

Nesse sentido, Bleichmar aponta diferentes situações clínicas que não devem ser desconsideradas nem igualadas com tal diagnóstico, como vem sendo feito. Nesse mesmo emaranhado nosográfico, se encontram desde crianças que apresentam algum distúrbio de atenção e concentração por causa de padecimentos circunstanciais (lutos, migrações, reações pós-traumáticas), quanto aquelas que apresentam importantes falhas na constituição do seu aparelho psíquico, além de outras que se vêem tomadas por parasitações traumáticas imetabolizáveis, efeito de um real vivido pela própria criança ou por gerações anteriores a ela.

Dando mostras de que suas investigações são absolutamente fundamentadas numa clínica viva, relata um caso que esteve sob seus cuidados. Não reproduzirei essa narrativa pela brevidade dessa minha escrita e por acreditar ser esse mais um estímulo para visitarmos sua obra original. Creio ser mais pertinente apontar suas preocupações éticas, metapsicólogicas

e metodológicas para o entendimento do sofrimento psíquico de crianças que, incompreendidas em sua subjetividade, vêm sendo violentadas pelo uso abusivo de medicação.

Nada melhor me ocorre do que, em tradução livre, me reportar ao finalzinho de seu texto:

> O colega que o medicou, fazendo uso do "gatilho fácil", perdeu de vista que, na história originária, o irredutível para o sujeito era da ordem da teorização sobre a existência e a morte, não da prematuração neurológica, nem das lesões biológicas cujas seqüelas estavam em vias de resolução. Mas essas teorizações, essas fantasias, competem à psicanálise, que encontra a motivação representacional mais aquém do substrato cerebral no qual a representação encontra seu suporte biológico, porque este último é insuficiente para dar conta de sua especificidade.

Encerrando essa minha comunicação, *inconcluo* que escrevê-la me fez bem. É um pré-texto para saudá-la. Talvez por *saudadá-la.*

Márcia Porto Ferreira
Rua Ourania, 120, apto. 41
05445-030 - São Paulo, SP
3865 0531 / 9162 7828
mrpf@sti.com.br

Una despedida prematura

Hugo Presman

Murió Silvia Bleichmar. Se fue luchando a brazo partido con ese cáncer que la atacó hace varios años y que últimamente había hecho metástasis. A esa locura desordenada de las células que entraba en conflicto con la racionalidad de su pensamiento.

Los que fuimos sus amigos sabíamos de la gravedad de su salud. Que ella minimizaba con una sonrisa. Nadie podía advertir que esta mujer extraordinaria jugaba una partida de ajedrez con la muerte. *Sostenía que había que morir, viviendo.* Que nunca había que buscar la compasión. Que en última instancia había que sorber hasta la última gota de la existencia. Y eso hizo. Jugaba una carrera primero para ganarle a la vida y luego para postergar el triunfo de la parca. Trabajó intensamente en su profesión de Psicoanalista infantil, en las cátedras universitarias, en sus charlas, en los Congresos, mientras dedicaba los fines de semana a escribir los libros y sus columnas periodísticas. Surgieron así textos de su especialidad como "La subjetividad en riesgo", "La Fundación del inconsciente" "Paradojas de la sexualidad masculina". Pero fueron aquellos libros escritos desde una mirada sociológica la que la instalaron en los medios, en la consideración pública y en un respeto intelectual generalizado. Así aparecieron "Dolor- País" y "No me hubiera gustado morir en los noventa".

Murió Silvia Bleichmar. La que nació en Bahía Blanca hace 62 años. La que conocí en la presentación de "Dolor - País". Y a partir de entonces tuvimos un diálogo permanente. Los encuentros en la radio. Las llamadas telefónicas nocturnas. Y ese ejercicio intelectual de escuchar a alguien que exponía con una fluidez notable un pensamiento claro y preciso. Con su voz grave y diáfana. Allá por el 2003, mi mujer y yo la invitamos a comer un asado en nuestra casa de Marcos Paz. El día amaneció lluvioso y Silvia raramente hacía sociales los fines de semanas, salvo con sus hijos y nietos, pues los ocupaba en escribir. Pero había prometido venir y ahí estuvo con su esposo, también psicoanalista, Carlos Schenquerman. También llegaron el periodista Orlando Barone y su compañera Beatriz Trento. Y ese mediodía fue una fiesta donde la comida fue un pretexto de una charla deslumbrante que abarcó toda la tarde.

Murió Silvia Bleichmar. Y los recuerdos se acumulan. El 13 de septiembre del 2004 cumplió sesenta años. Pero lo celebró un mes antes

en un salón de San Telmo llamado El Garaje Argentino". Fue una fiesta deslumbrante, con comidas de diferentes países, entre la que estaba la mejicana y un numeroso contingente de amigos de ese país, donde había pasado su exilio. Alejandra Boero recitó, Graciela Duffau interpretó un monólogo y Marikena Monti cantó con su habitual solvencia. Una parte del mundo intelectual y del ámbito psicoanalítico estuvo presente.

La cantante me recordó en la sala de velatorio, que Silvia con una sonrisa cómplice expresó, cuando agradeció las presencias que " ya podía morirse sin ser muy joven".

Murió Silvia Bleichmar. Y muchos extrañaremos las discusiones apasionadamente civilizadas. En donde exponía con la misma intensidad con que escuchaba. La que escribía con claridad y belleza. Como en "Dolor País", buceando en la esperanza de las transformaciones sociales: "Quienes se jactan de no sufrir el dolor de la pérdida de esperanza por un mundo distinto "porque nunca creyeron" dan cuenta de un razonamiento tan lamentable como el de quién fuera al velatorio de la mujer de su amigo diciendo: "que suerte que nunca me enamoré, para no tener que sufrir lo perdido... Estaremos muertos antes de dar batalla si renunciamos a la esperanza... Hemos devenido "razonables", pagamos demasiado caro el salto de la esperanza a la ilusión; se fracturó en muchos momentos la pata que nos sostenía en el principio de realidad. Los que sobrevivimos tenemos una deuda con la vida... Nos han habituado en los últimos tiempos a la propuesta de pensar en un reduccionismo financiero a partir del cual parecería que todo lo que es del orden de la aspiración social, de los sueños y deseos colectivos por un futuro mejor, es pura imaginería carente del principio de realidad"

Allá por enero del 2005, el psicólogo Yago Franco me invitó a participar en el Congreso Mundial sobre el filósofo Cornelius Castoriadis. Y en la mesa de inauguración compartí el estrado con la psicóloga Ana María Fernández y como no podía ser de otra manera con Silvia. Aún recuerdo las palabras de aliento porque por esas cosas del azar o de la audacia de Yago me tocó exponer en primer término.

Murió Silvia Bleichmar. Y lo repito porque me suena a cuento. Allá por junio del 2005 me detectaron un cáncer. En esos días de desorientación y angustia inenarrable escribí una carta íntima a un número reducido de amigos. Entre ellos estaba Silvia. Y fue recién ahí, en una larga conversación, que me enteré que hacía unos años había sido operada de ese enemigo rastrero, ladino y silencioso. Desde entonces, cada vez que la llamaba me saludaba con un cálido "¿Qué tal colega?, una ironía de sello borgeano.

En estos años, los correos electrónicos regaban de afecto la relación amistosa.

Murió Silvia Bleichmar. La intelectual comprometida con su país y su tiempo. La que podía afirmar: "Los argentinos somos como Diego Maradona, una extraña mezcla de talento brillantez y derrota". La crítica aguda de la década criminal que la llevó al exilio. La que escribía sobre ese período: "Si el remanente ideológico del nazismo fue la pérdida de la capacidad de los hombres frente a la muerte y el desdibujamiento de los límites entre el bien y el mal, parecería que este es el intento que, con las mismas características, sometió durante algunos años a la sociedad argentina ante los efectos del terrorismo de Estado".

(País Dolor)

Sobre esa época y su continuación menemista, la década del noventa, esa en la que no le hubiera gustado morir, escribía "El golpe del 76 no derrotó una generación: la masacró, la expulsó de la Patria, la encarceló y torturó, y brutalmente pretendió arrancarle no solo sus proyectos políticos sino sus sueños e ideales: tornarla cínica, despojada de carácter, acomodaticia con las circunstancias, reducida a lo posible. Se le propuso a cada argentino llevar hasta el extremo el individualismo de salvarse solo, el terror de ser dañado no por los represores sino por los amigos que estaban en riesgo, ya que su propio destino podía alcanzar, como onda expansiva, a quienes los rodeaban... Se les ofreció un bono para canjear justicia por chatarra comprada con el uno a uno: un ser humano por una videocasetera, la educación por el shopping, un torturado por un viaje a Disney, la vista gorda por unas vacaciones en el Caribe." Optimista pertinaz, confiaba en las reservas populares. "Las derrotas no se pueden medir por las batallas perdidas sino por la propuesta para las generaciones siguientes... Los derrotados se arrepienten no solo de sus propias acciones sino incluso de aquello que motivó realizarlas. En esto consiste la derrota, porque se puede revisar el camino recorrido y los abismos a los cuales uno se asomó *sin por ello renunciar a seguir caminando".*

Murió Silvia Bleichmar. La que realizó estudios de Sociología y Psicología en la Universidad de Buenos Aires y obtuvo el Doctorado en Psicoanálisis en la Universidad de París VII, bajo la dirección de Jean Laplanche. La que obtuvo, en el 2006, el Premio Konex de Platino en Psicología.

Practicaba aquella certera frase de Rodolfo Walsh: "El campo del intelectual es por definición la conciencia. Un intelectual que no comprende

lo que pasa en su tiempo y en su país es una contradicción andante, y el que comprendiendo no actúa tendrá un lugar en la antología del llanto, no en la historia viva de su tierra". Por eso dirigió para la UNICEF el programa de asistencia psicológica a los niños afectados por el terremoto en Méjico en 1985 y en 1994 el de las víctimas del atentado a la AMIA. Asesoró al Ministerio de Educación de la Nación y la Secretaría de Educación del Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires para la prevención de la violencia escolar y la elaboración de los efectos sobre los familiares y sobrevivientes de Cromañón.

Murió Silvia Bleichmar. La anfitriona cálida, la que cuando ingresaba en la cocina, transformaba las materias primas en manjares. La que escribía ante la irritación que en la clase media producían piquetes y cartoneros: "...luego de haber arrojado a los pobres a la calle, algunos políticos, en su campaña, les anuncien que su derecho termina donde comienza el de los que trabajan, - como si hubieran elegidos ser desocupados-; que les adviertan que solo se les permitirá "operar dentro de la ley" y que hasta se podría convocar a las fuerzas armadas para ponerlos en su sitio, porque no pueden liberalizar la metáfora de "estar en la calle" y deben subirse a las veredas y plazas. ...la aplicación de leyes represivas para los desesperados, su condena a la miseria y al hambre, a la muerte de sus hijos y a la destrucción de toda esperanza es atentatoria contra la condición humana misma." (No me hubiera gustado morir en los 90) O su mirada hacia los viejos: "La categoría familiar "abuelo", con la que se intenta el reemplazo de la socioeconómica "jubilado", marca el pasaje de la deuda contraída por la sociedad con sus trabajadores al intento engañoso de hacerla entrar en el registro de la compasión y la beneficencia" (Dolor País).

Murió Silvia Bleichmar. Se va a sentir su ausencia. De aquella que en su adolescencia pasó por la militancia de izquierda divorciada de los movimientos nacionales, pero que con su inteligencia y racionalidad comprendió que no hay práctica transformadora alejada del calor popular. La que observaba con alegría los cambios de estos últimos años en América Latina, surcada por un discurso diferente y muchos hechos diferenciadores de la década en la que no estaba dispuesta a morir.

En febrero estuvo internada en situación límite. Y tal vez, como un regalo a su grandeza, dentro de la injusticia de sus padecimientos que minimizaba, la vida le dio tres meses adicionales. Como un milagro volvió al trabajo, a la cátedra, y febrilmente a terminar sus escritos.

La periodista María Seoane, una de sus grandes amigas, promovió un petitorio para solicitar que se la designara Ciudadana Ilustre de Buenos

Aires. La legislatura porteña lo votó por unanimidad. La ceremonia de entrega de la distinción fue el 30 de mayo de este año, en el Salón Dorado del antiguo Concejo Deliberante.

Y ahí estuvimos. Expresando el reconocimiento a la amiga que sabíamos se le escurrían los días. Fuerte como siempre, pero no pudiendo totalmente disimular la virulencia de los tratamientos. Su amigo, el director teatral y psicoanalista Hugo Urquijo, pronunció un emotivo discurso.

A la noche la llamé a su casa y comentamos las alternativas de la jornada. Estaba contenta. Interrumpió varias veces la comunicación para convenir la programación del día siguiente con sus nietos. Nos despedimos. Fue la última vez.

Después la nota de Clarín. "Fuerte pero apenada, así paso sus últimos días la psicoanalista Silvia Bleichmar. Falleció ayer en la tarde (15 de agosto) en su casa... Allí se despidió de su família: marido, tres hijos y siete nietos. Su hija Marina dice que por momentos se entristecía porque sabía que iba a perder aquello que disfrutaba. Sin embargo estuvo trabajando hasta los últimos días... Coherente con lo que siempre afirmó y practicó: "Hay que morir, viviendo"

Tal vez, como un mensaje macro para estas circunstancias, escribió en Dolor País: "Debemos reciclar el ideal de progreso, porque indudablemente si esto fue el fin de una historia, no puede ello ser confundido con "El fin de la Historia", ya que esta historia recién recomienza en el punto en que fue aniquilada".

Viene muy gélido este invierno. Y no es sólo por el frío. Hace menos de un mes se fue el Negro Fontanarrosa. También con apenas 62 años. Y vuelven algunas humoradas del rosarino que se pueden aplicar a esta muerte prematura. Aquella reflexión del Mendieta que dice: *La muerte nivela a güenos y malos, don Inodoro. Lo malo es que nivela pa' bajo."* Y estoy seguro que igual que hace menos de un mes el Mendieta ha dicho al conocer la noticia "Que lo parió".

En mi caso extrañaré muchas cosas, entre otras aquél saludo cómplice borgeano ¿Qué tal colega?

La muerte como siempre ha ganado, pero no puede extender su poder hasta la memoria y el recuerdo. Porque como dice Moti Hammer en *Un solo tejido humano*: "Cuando muera, algo de mí morirá en ti. Cuando mueras, algo de ti en mí, morirá contigo. Porque todos - sí, todos - todos juntos formamos un único y vivo tejido humano; y cuando alguien nuestro se va, algo en nosotros muere, y algo queda con él..."

17.08.2007

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

Silvia Bleichmar[1]
El malestar psíquico

1 Originalmente publicada na revista Cabal

Carlos Alberto Catena

Los cambios operados durante los últimos años en las condiciones de existencia de la sociedad argentina, con su secuela devastadora de desocupación, marginalidad y cosificación de las personas, han provocado padecimientos de tal magnitud que vastos sectores de la población sufren hoy una situación inédita de malestar psíquico, tanto por la cantidad como por las características de los cuadros que se presentan.

Como consecuencia de este panorama, no pocos especialistas definen ya desde hace un tiempo a esos padecimientos como verdaderos procesos de desconstrucción de la subjetividad, o sea de mutación de los ejes sobre los que el sujeto psíquico organiza su relación habitual con la realidad. Lo cual constituye un signo de alarma preocupante, porque nunca tal vez como hasta ahora la estabilidad mental y emocional de tantas personas había atravesado ese estado de grave riesgo.

Una de las profesionales que con mayor profundidad ha estudiado esos efectos sobre la subjetividad, intentando a su vez avizorar los posibles modos de recomposición, es Silvia Bleichmar , una reconocida psicoanalista e intelectual con quien esta revista ha tenido el gusto de charlar en otras ocasiones. El libro *La subjetividad en riesgo*, un conjunto de textos escritos por ella entre 1994 y 2004 por la Editorial Topia, es una clara muestra esa preocupación suya por el tema y de los sólidos aportes realizados por su trabajo. Teniendo en cuenta esta circunstancia, Cabal consideró oportuno volver a conversar con la autora de ese libro para conocer algunas de las conclusiones a las que ha arribado en sus exploraciones del problema. Lo que sigue es una síntesis de esa charla.

¿Hay realmente un cambio en las patologías del psiquismo que se venían observando hasta ahora? ¿Y si lo hay a qué se deben?

Creo que hay un cambio en esas patologías. Lo que se discute es cuál es su etiología, las causas que provocan esos nuevos trastornos. Para mi es claro que han sido producidas, en lo fundamental, por las bruscas modificaciones en las condiciones de vida de la sociedad. Es evidente que

hay patologías como la esquizofrenia o los autismos infantiles en los que se pueden descubrir componentes predominantemente biológicos, sin que sean en sí mismos causales últimos. Pero en todas las demás enfermedades psíquicas las determinaciones representacionales, de origen social, son determinantes. Los cuadros que vemos a diario de depresiones, ataques de pánico o ansiedades agudas, por sólo citar algunos o los más frecuentes, no se producen por razones genéticas sino que se precipitan como consecuencia de las intensas mutaciones sociales que se han generado en el mundo y que, en nuestro país, como es posible recordar si ubicamos la memoria en la última década del siglo pasado y los comienzos del actual, alcanzaron contornos de catástrofe histórica. El estado de indefensión general en que sumió a millones de personas esa terrible metamorfosis en las formas de vida dejó al psiquismo inerme y expuesto a toda clase de inestabilidades.

Usted ha definido a esa situación diciendo que nuestra sociedad soporta un malestar sobrante. ¿Podría extenderse un poco en este concepto?

Se trata de un sobremalestar que es efecto del exceso de costo que provoca en las personas el hecho mismo de tener que existir y que no está determinado sólo por las dificultades de supervivencia, sino por una imposibilidad de estabilización de la vida psíquica. Ese malestar llevó a que, entre el 2001 y el 2003, se incrementara de modo notable el empleo de ansiolíticos y antidepresivos. Pero como ya hemos dicho: aquí el problema no es de orden biológico. Uno de los detalles que más impresiona es que la gente recurre a la terapia como el último reducto probable de humanización. Y allí, en vez de encontrar comprensión a su problema, suele encontrarse con profesionales que le ofrecen como única solución posible a su problema el uso de pastillas. Es como si se les respondiera: "Usted es un organismo biológico, no es un ser humano que sufre". Por supuesto que estamos contentos con el avance de la genética y la neurobiología, con que haya una mejor medicación y se puedan recetar antidepresivos de primer nivel o antipsicóticos que no producen efectos secundarios. Pero no me refiero a eso sino a otra cosa, a cómo un sujeto que va en busca del reconocimiento de su sufrimiento se halla con frecuencia frente a alguien que lo coloca en una serie, dentro de un conjunto que está definido nada más que por su cuerpo biológico, diluido en el anonimato de la especie.

¿Es posible que esos sufrimientos produzcan alteraciones en las representaciones habituales –o que tal vez podríamos definir como normales- de los individuos?

Es sabido que la subjetividad está atravesada por modos históricos de representación, formas de pensar, clasificar o relacionarse con el mundo que son instituidas socialmente y que el sujeto psíquico utiliza a diario para operar en su intercambio con la realidad. Esas formas son constitutivas del sujeto y de su identidad. Se es hombre o mujer, católico o protestante, argentino o mexicano, hijo o hermano. Y "se es" quiere decir que el yo queda articulado, en sus enunciados de base, a una red de representaciones que determina su existencia como tal. Cuando esas representaciones, esas ligaduras que entretejen la existencia, son cuestionadas o modificadas por los cambios abruptos en las condiciones que las nutren, el individuo se siente expulsado de su identidad, de aquella constelación que organizaban sus lazos con el mundo. Esto lleva a que el conjunto del aparato psíquico entre en naufragio y sufra graves desestructuraciones.

¿Cuál es el signo más marcado de ese vacío representacional?

En los adolescentes, sobre todo, tal vez radique en que se ven sumergidos en un discurso parental que se ha deslizado, inevitablemente, hacia el plano de lo autoconservativo. A lo autoconservativo inmediato cuando se teme que el chico ande por la calle porque allí puede ser matado o robado o quedar expuesto a situaciones impensadas de desprotección extrema. Y a lo autoconservativo mediato cuando se le plantea a los jóvenes que el sentido de la vida actual está regido por la necesidad evitar la caída, en el futuro, de la cadena productiva. Pero lo autoconservativo no sólo en ese sentido, sino en uno más grave: el de no transmitirle al infante o al joven en su formación la perspectiva de convertirse en lo que antes hubiéramos denominado un "hombre de bien", un ser humano que protagoniza una vida con sentido, con ideales a cumplir. En cambio, lo que se le enseña es simplemente a sobrevivir, a evitar que se lo expulse del sistema. Y la felicidad no es una cuestión de goce inmediato, es la posibilidad de proyectarse hacia el futuro. Pero, es cierto: vivimos en una sociedad sin futuro, ese es el problema central. La falta de trabajo o la ausencia en general de perspectivas provocan la imposibilidad de echar raíces. Para muchos jóvenes que aún piensan en el futuro el país se ha convertido en un lugar transitorio y para los que tienen vedado ese horizonte en un espacio sin sentido.

¿Usted percibe que esa falta de sentido se nota en todas las edades?

En todas. La carencia de sentido ya no es un problema de la vejez, sino especialmente de los jóvenes que sufren la falta de un proyecto de vida. El incremento del alcoholismo y la droga está relacionado con ese problema. La droga es incluso un recurso al que se llega en muchas ocasiones para lograr mejores resultados productivos en lo laboral. Algunos individuos usan estimulantes, anfetaminas, ansiolíticos u otros fármacos como drogas para poder tolerar las tensiones del trabajo. Y lo paradójico muchas veces es que apelando a esos elementos ganan en tranquilidad pero pierden vitalidad, esa adrenalina que se requiere para las situaciones complicadas o muy dinámicas. El uso de la droga como paliativo tiene que ver justamente con que no hay capacidad en el mundo para resolver ese malestar. Porque los terapeutas no alcanzamos y además el sistema exige resoluciones rápidas y funcionales. No hay pues salida de fondo al problema sino se opera sobre lo social.

Es que en lo social hay una diferencia abismal con lo que era este país hace sólo algunas décadas. Muchísimas de las referencias que tuvieron peso decisivo en la formación de mucha gente han desaparecido.

Si se piensa bien, venimos de un país donde fuimos formados no a ganar fortunas sino el premio Nobel. La aspiración de esta sociedad, o por lo menos de buena parte de ella, tenía más que ver con los incentivos morales, con la preocupación de superar a las generaciones anteriores, no sólo en lo económico sino también en el nivel de conocimientos. Claro, eso era cuando el país tenía la posibilidad de pensar que todos iban a poder comer y tener trabajo. El problema es que el trabajo infantil -porque la escuela es hoy trabajo infantil- se ha convertido en puro valor de cambio. Por eso aparece esa pregunta pragmática que suelen hacer todos los chicos: "Y para qué me sirve que me enseñen tal cosa si nunca me voy a dedicar a eso". Es una pregunta que marca el fracaso de una cultura. El sujeto se reduce a lo más básico y no se pregunta por lo que está más allá. Y esa marca se inscribe en los modos de circulación de los discursos. El problema de la identidad viene también de ahí. La desconstrucción de la subjetividad surge de varias maneras. Por un lado aparece en los adultos como resultado de la transitoriedad de todo estatuto de vida. Nadie es necesariamente aquello en lo que trabaja. Siempre cuento la anécdota de un taxista (un joven de unos 35 años) al que le pregunté cómo sabía tanto de un tema y me contestó: "Yo fui sociólogo". No me dijo: "Soy un sociólogo que maneja un taxi". Es

muy impactante. Allí hay un proceso de desidentificación. Fui algo que ya no soy. La gente siente que la destitución laboral es una destitución subjetiva y de la identidad.

¿Eso se puede trasladar también al plano de la niñez o la adolescencia?

Claro. Todos los elementos simbólicos que acompañan la vida se vuelven banales debido a una ideología pragmática que sólo privilegia el logro de fines materiales. Hay una pérdida muy severa en ese sentido. La mayoría de los chicos que están hoy en la calle y no estudian ni trabajan tienen entre 13 y 18 años. En ellos, la falta de estudio está dada, básicamente, por la renuncia al futuro. Se ha perdido la idea de que se pueda progresar en este país. Para qué voy a hacer esto si no hay nada adelante: hay otros que lo han hecho y les ha ido mal, piensan esos chicos. Es este despojo del sentido de la acción lo que produce el mayor nivel de perturbación entre los adolescentes. Para los que no trabajan ni estudian la desesperanza y la desmotivación son enormes, porque lo que se ha perdido es esa idea de que las cosas pueden cambiar.

¿Y en los que trabajan cómo se refleja el problema?

Tienen también una fuerte inseguridad por el porvenir, porque ni los trabajos ni las geografías son estables. Una gran cantidad de personas no saben adónde van a ir a vivir en el futuro. ¿Por qué? Porque si antiguamente existían los trabajadores golondrinas, hoy existen los profesionales golondrinas. Muchas compañías trasladan constantemente a su personal. Los profesionales se desplazan todo el tiempo buscando posibilidades de distinto tipo. En las universidades los profesores dan clases hoy acá y mañana allá. El trabajo no está garantizado en la región. Ni siquiera hay una emigración en busca de mejores condiciones, sino que se está a la espera de que el cambio de condiciones determine la emigración. Con lo cual todos los enlaces se vuelven frágiles. Sabemos que no hay ningún tipo de garantía laboral. Se han acabado los modos tradicionales de trabajo, nadie piensa que lo que hace es para siempre. Entonces, esto por un lado implica una cierta libertad de elección, al menos en la vida amorosa, pero al mismo tiempo plantea una futilidad de los vínculos. Nadie tiene garantizado ningún lugar. Esta situación incrementa los cuadros de ansiedad y angustia. Y cuando se siente angustia se recurre a los ansiolíticos. Lo llamativo de todo esto es que mucha gente toma como normal esta situación, siendo que no lo es en absoluto.

En su libro "La subjetividad en riesgo" afirma también que hoy existe una verdadera expropiación del pensamiento. ¿Cómo es eso?

En el siglo XIX se descubrió que en el trabajador la expropiación del producto de su trabajo por otras personas -los dueños de los medios de producción- producía un proceso de alienación, de enajenamiento. Hoy, en cambio, el sujeto es despojado de algo más que de ese producto, es despojado de su capacidad simbólica. Antes, el obrero podía jugar a pensar en otra cosa mientras trabajaba. Recordemos la famosa imagen de la película de Elio Petri, *La clase obrera va al paraíso* donde un obrero para huir de la rutina piensa que cada pieza que coloca al bajar una palanca es el trasero de una mujer. "Una pieza, un culo, una pieza, un culo", dice. En cambio, ahora somos maquila simbólica. Ese es el lugar que se nos ha dado a los argentinos en el Primer Mundo: el de maquila simbólica. Son los casos de abogados que trabajan como empleados 12 o 14 horas para grandes estudios, arquitectos que hacen planos de grandes edificios que nunca verán (los norteamericanos usan mucho estos servicios por su bajo costo), jóvenes que trabajan en actividades de computación para empresas que se quedan con sus aportes y otros muchos casos donde la gente pone su capital intelectual al servicio de firmas que le expropian la creación. Con lo cual, se pierde el último reducto de libertad, que es el de la autonomía del pensamiento. Mientras se está haciendo lo que se hace no se puede pensar en otra cosa, si se va a salir a la noche o cumplir otro plan. El pensamiento está parasitado durante muchas por los que lo expropian, lo sorben como vampiros.

Los individuos funcionarían allí como inseminadores artificiales.

Exactamente. Es como si hubiera en vez de un banco de esperma un banco de producción simbólica que drena todo el tiempo y es aprovechado por los que se quedan con sus creaciones. Es una imagen mucho más catastrófica, porque uno de los puntos que está planteado allí es que no hay posibilidad de supervivencia representacional en ese marco. El sujeto desaparece. Uno de los reproches que oigo con más frecuencia de ciertos empleados es que tienen la sensación de que a las empresas donde trabajan les importa un rábano lo que son ellos como personas. Se sienten piezas fácilmente desplazables o reemplazables. Nadie les pregunta, después de 12 horas de trabajo, si están cansados o cómo se sienten para mañana. La

sensación es que no representan nada para el otro. Por eso hay tantos jóvenes que se rehusan a articular estas relaciones y tratan de sobrevivir dentro de campos que no les implique ese sometimiento.

¿Esas políticas no conducen también a la descomposición de las relaciones con el semejante?

Sí, se empieza a desvalorizar al otro como lugar amoroso a ser protegido en tanto baluarte de vida. En el campo laboral, la atomización y el aislamiento que producen la competencia, la preocupación por conservar lo que se tiene, llevan a que muchas veces el individuo haga la vista gorda sobre lo que le ocurre a los demás. En tiempos más o menos normales, la conservación de la vida y la preservación de los principios que constituyen la identidad mantienen un equilibrio que sostiene la unidad psíquica. Se puede ser madre sin entregar al marido para salvar al hijo o se puede mantener un trabajo sin necesidad de tener que actuar como cómplice o testigo indiferente de una injusticia.

Eso en quienes pueden sentir contradicciones en su conducta, pero están los que están convencidos de que deben actuar así.

Lo que pasa es que el sistema mide por desempeño. Entonces alguien puede estar profundamente perturbado y no entrar en obsolescencia. Porque lo que define la inserción es la performance. Es lo que ocurrió con Junior, en Carmen de Patagones: como le iba bien en el estudio, a la Escuela no le preocupó ver los aspectos enfermos, tener una mirada más amplia.. Pero alguien que tiene un excelente desempeño puede estar racionalizando en la dedicación absoluta a la empresa, sería lo único que para él vale la pena en la vida, más que tener vínculos de solidaridad o amistad con sus compañeros. Esa racionalización le sirve como tapón a una patología que en general termina por estallar. Es la ilusión robinsoniana llevada al extremo. Lo brutal se produce cuando ese individuo es arrojado por el sistema. El quiebre es sobrecogedor. A mi me hace acordar a lo que describía Bruno Bethelheim respecto de los campos de concentración. El dividía a los prisioneros de los campos en tres categorías: a) los militantes, que aunque la pasaban muy mal, sentían que estaban allí porque eran peligrosos para el sistema, y eso les mantenía la moral; b) la aristocracia, que estaba más allá de todo; y c) los que habían creído en el sistema. Estos, que eran los miembros de clase media que habían compartido el proyecto nazi y por alguna razón habían terminado luego con sus huesos allí, eran los que peor se quebraban

anímicamente. Se les decía los "musulmanes", porque hacían un repliegue hacia adentro. A estos yo los comparo con esos que creen que se pueden salvar porque hacen todo lo que el sistema les pide y luego son expulsados de él. Lo más patético es que al ser expulsados del sistema estos individuos suelen melancolizarse porque creen que son ellos los que tienen la culpa de su fracaso, que no hicieron lo suficiente para lograr lo que le pedían.

Una de las preguntas que suele hacerse las personas frente a tanto malestar, frente a tantas deserciones, si la idea del progreso humano, en lo espiritual, no ha llegado a un punto de estancamiento. ¿Usted sigue creyendo en ese ideal de progreso humano?

No he abandonado la idea de progreso humano tal como la pensaba Hegel o el iluminismo. Pero no creo que ese progreso sea lineal ni inevitable. Ese fue un error en el que cayeron algunas personas, que decían que había que esperar a que se dieran las condiciones más favorables para que ese progreso se instalara y no producirlas. Eso como se ha visto no ocurrió así. Hoy me acerco más al concepto de Castoriadis de "creación histórica" o lo que Stephen J. Gould llama "evolución en discontinuidad". No creo que haya continuidad lineal. Pensar de ese modo lleva al determinismo. Creo en un progreso que se construye (o no se construye) y que el hombre impulsa por decisión propia.

Usted ha afirmado en alguno de sus trabajos que una de las mayores fuentes de sufrimiento hoy está en la disparidad con la cual el goce de algunos impone el sufrimiento de otros. ¿Cómo es eso?

Uno de los aportes más importantes de Marx fue plantear un pensamiento liberador para el conjunto de la humanidad. Creo que el goce de algunos sobre el sufrimiento de otros es lo que ha erradicado la noción de felicidad en la humanidad, porque ni siquiera los que gozan son felices. Ellos mismos están atrapados en la inmediatez, en la fugacidad, en la obsolescencia planificada de todo lo que está ocurriendo. Con lo cual es verdad que el goce de unos implica el sufrimiento de otros, pero ninguna accede a la felicidad, a lo que ese concepto significa como convicción profunda acerca del sentido de la propia vida. Hay una cuota de deshumanización y de des-subjetivación que aparece de manera permanente y que lo registra perfectamente en este momento el cine y la literatura, en

especial de los Estados Unidos. *El señor y la señora Smith* es una película patética, que muestra cosas horribles de esa sociedad. O *Secretaria ejecutiva*. Los filmes que tienen que ver con la competencia son en ese país de una crudeza brutal y en general muestran procesos muy severos de pérdida de la subjetividad y una gran deshumanización. Yo tengo particular preocupación por recuperar la idea de que para construir una nueva sociedad no basta sólo con paliar la pobreza, que sin duda es un deber inexcusable, sino que hay también que recuperar un proyecto de felicidad para la humanidad. Nunca fue más clara y oportuna la consigna de socialismo o barbarie. El humanismo en el sentido profundo es hoy un planteo absolutamente actual, porque quien ha producido el mayor nivel de daño a la subjetividad, de desconstrucción de lo humano ha sido el capitalismo. Y de una manera feroz.

El mundo globalizado se vendió a la conciencia de los ciudadanos del mundo como una recuperación de la libertad. ¿Qué dice de eso?

El otro día se me ocurrió una definición de la libertad. Se es libre cuando se puede poner en correlación nuestra potencialidad con la acción. Ese es un momento de libertad y de felicidad. Para ejercer la libertad tienen que darse ciertas condiciones. La sociedad actual pretende que uno asuma una sola opción. El pensamiento único intenta generar en los seres humanos la idea de que no hay más que un modelo. Esa es la pérdida absoluta de la libertad. La libertad es siempre posibilidad de elección, decía Sartre, aunque sea entre dos opciones, aunque sea entre la vida y la muerte.

¿Qué es lo que se ha roto en la sociedad, y hablo especialmente de la Argentina, para que hayamos llegado a esta situación?

Se ha roto el pacto intersubjetivo que nos liga al semejante. Es en la relación con el otro, en la posibilidad de sentirse parte de un conjunto humano guiado por intereses compartidos y por leyes que rigen la vida de modo no arbitrario, que encontramos seguridad y estabilidad psíquica. La angustia de muerte sólo se puede paliar con proyectos que trascienda el hoy: los hijos dan permanencia, pero para que ellos nos reaseguren es necesario que sepamos que van a sobrevivir no solo biológicamente sino en el marco de posibilidades que permitan que algo de nuestras representaciones sobrevivan. Y esto se inscribe en el orden de un proyecto histórico, de una iniciativa que involucre a todos los sectores de la sociedad y que sea capaz

de articular una reidentificación entre sus miembros que no se limite solo al dolor, al sufrimiento compartido. Creo sinceramente que esas posibilidades de recomposición existen en este país, que a pesar de todos los golpes que ha recibido mantiene intactas muchas de las reservas ideológicas y morales que acumuló a lo largo del siglo XX. De esas reservas esperamos que surja el impulso de ese proyecto que nos convoque como personas plenas a la construcción de un lugar de pertenencia justo y solidario, articulado sobre una subjetividad donde el valor ético fundamental sea el respeto a la condición humana.

Silvia Bleichmar[1]
La pasión por el psicoanálisis

María Angélica Palombo

1 Originalmente publicado na *Revista Dialogantes, nº 5*, Buenos Aires, Abril de 2002.

Silvia Bleichmar es Doctora en Psicoanálisis de La Universidad de París VII. Docente en la Universidad de Buenos Aires y otras universidades del resto del país y el exterior. Autora de muchas publicaciones y varios libros. El último de ellos: *Clínica psicoanalítica y neogénesis*. En estos días está por publicar *Dolor país*

Cuándo se te ocurrió que podías ser analista. En qué momento empezaste a pensarlo?

En el año 70. De una manera fortuita. Yo había estudiado Sociología. Me faltaban cuatro materias para recibirme. En ese tiempo me divorcié; me quedé sola con dos hijos muy pequeños. A raíz de eso, empecé a analizarme. Aparte tuve la sensación de que había ahí algo que me convocaba a resolver más que mi propio análisis. Y ahí decidí hacer la carrera... La carrera de Psicología la hice en dos años

Dónde la hiciste?

En la UBA. La hice entre el 70 y el 71...veinticuatro materias en dos años. Y más tarde hice el Doctorado en París. En aquel momento –época histórica- yo me planteé por primera vez que podía pasar de las grandes preocupaciones colectivas a la subjetividad individual sin culpa...

Que no eras una pequeño burguesa...

Que no, por hacerlo, me convertía en una pequeño burguesa individualista preocupada simplemente por los problemas singulares sino que había derecho a plantearse que la subjetividad tenía algún tipo de peso en cada ser humano y no solamente sus condicionamientos históricos y de clase...Así fue como yo empecé psicología...Yo había estudiado sociología en la Universidad del 69 al 71...

Sociología la estudiabas en la UBA también?

Sí, sí. Yo era parte de un grupo de gente de la carrera que después fue un grupo muy interesante de sociólogos en el país.

por extranjera, pero que al mismo tiempo permitían ser parte. Y tenía la sensación de que Horacio, por el lugar que venía ocupando y por su personalidad y por su manera de concebir la vida, era alguien que podía perfectamente compartir eso conmigo sin parasitarme con su propia ambición.

En ninguno de las entrevistas tocamos así el tema de la competencia, la envidia profesional...

Es muy fuerte y estoy convencida de que es uno de los problemas más importantes cuando uno tiene ciertos logros y necesita un analista. Cuando elegí analista para mis hijos, una de las cosas que me preocuparon fue la siguiente: que el analista fuera inteligente. Tengo un hijo (tengo varios) que se iba a analizar y es muy inteligente. (Es un adulto ahora) Mi preocupación era que si el analista no era tan inteligente como el paciente, al menos fuera de grandeza moral como para no envidiarlo. Me preocupa mucho cuando niños inteligentes caen en manos de analistas mediocres que tienen poder de interpretarles y de dañarlos.

Bueno... estos fueron mis análisis con dos excelentes analistas, de distinta manera. El primer análisis lo hice... yo en esa época decía una cosa: el análisis es como la revolución, hay que hacerlo cuando uno sólo tiene las cadenas para perder. Entonces el análisis funciona en serio. En esa época me encontré con Oscar Landi y le conté cosas que me estaban pasando y me dijo: "Bueno, estás cartesiana. De Dios para abajo estás revisando todo". A mí me llegó mucho esa imagen... Oscar es un tipo muy inteligente. A lo largo de la vida yo he tenido muy en cuenta esta idea de qué es Dios en cada cosa que hago, cuál es el supuesto que no discuto. Estoy dispuesta a discutir muchas cosas pero el inconciente no tengo por qué discutirlo. Creo en su existencia, es un concepto cuya racionalidad crítica está probada, ya es algo que no discuto. En este caso es el inconciente. Y en este momento, en el país, hay un supuesto que no estoy dispuesta a discutir, que es el derecho a una repartición más equitativa de la riqueza y de la justicia. Esa frase de Oscar me quedó. En el segundo análisis me encontré con...

Un viejo sabio

Un viejo sabio con un punto muy conmovedor... Yo tengo un profundo amor por Horacio, un profundo respeto por él. Yo le hacía bromas muy divertidas. Por ejemplo, llegaba al análisis y le decía... le hablaba como afrancesadamente -por la cosa entre la escuela francesa y la escuela inglesa

-Laplanche lo llama "Etchegoién"... Entonces yo le decía... "Bueno... Etchegoién... ¡a trabajar que esto no es un didáctico!" Se reía mucho...

Me encontré con un hombre muy sabio, muy profundo... Es interesante... yo dejé de fumar en ese análisis. Por supuesto... el cigarrillo no es algo que se analice como las adicciones. Pero creo que me ayudó la continencia y algo que se movió. Y además fue algo extraordinario lo que ocurrió, porque estoy convencida de que el análisis debe ser rehecho periódicamente... Llegué a Etchegoyen con la idea de que ya estaba en una etapa de la vida en la cual tenía que elaborar mi vejez y mi muerte. Llegué a los 50 años (tuve los hijos muy joven) Entraba en la etapa de la vida en la cual era muy importante enfrentarme a una elaboración distinta... He tenido desde muy chica una conciencia lúcida de la muerte... me acompaña desde muy pequeña... No de una manera melancólica... sino una profunda convicción de que la muerte es irreversible. Tal vez por la historia de mi familia, impregnada de la guerra... Tengo una conciencia profunda de la muerte....lo cual me hace amar la vida y al mismo tiempo... soy una hipocondríaca, en el sentido de que sé que es inevitable morirse... Entonces llegué a verlo y le dije: "Horacio, yo vengo a verte porque me quiero analizar con vos" – yo lo conocía, no tenía una amistad, pero lo conocía de muchos años; mi familia lo conocía, mis hermanos, yo vengo de una familia de analistas, con lo cual... entonces le dije: tengo la sensación de que vos sos alguien que me puede ayudar. Le dije porque. Le dije: "vos sos alguien que está de vuelta del poder, tengo la garantía de que me vas a analizar exento de envidia y de rivalidad y además tengo la sensación de que con vos puedo analizar la proximidad de la vejez y la muerte". Y él me contestó: "¡Vos tenés una alta opinión de mí." Es maravilloso! Le dije: "Sí, la tengo".

Bueno, entonces empezamos... fue excelente... Lo gracioso fue que yo pensé: bueno, vengo a hablar de esto... y me tiré en el diván y se me descorrió el velo como si el análisis que yo había terminado, en ese punto recomenzara... y de repente me encontré llorando por la higuera de mi infancia... y todo volvió a lo primario... Es extraordinario... todo se descorrió... con una fuerza, con un nivel de investimiento de las cosas primarias que yo que venía a elaborar la vejez me encontré totalmente sumergida en lo primario... Pasaron cosas muy divertidas. Un día toqué el timbre de abajo, en mi casa y cuando me preguntaron quién es dije: "Nosotros". Entonces me cargaban y me decían: "Vos y todos tus objetos internos". El análisis con Horacio terminó en un punto muy interesante en que yo sentí que había elaborado una cantidad de cosas y fue muy

conmovedor el punto de diferencia ahí, donde yo le dije que me producía un enorme dolor sentir que otra vez no iba a complacer al padre, pero que yo pensaba que la roca viva no se atraviesa, ni ebrio ni dormido. Y que ya le habíamos sacado suficiente musgo. Y que era momento de terminar. Y él fue muy generoso y lo aceptó. Fue muy importante. También tuve en algunos momentos mi idea de que había como un saber en él, por su formación teórica, que me permitía ver un montón de cosas que yo no había visto y al mismo tiempo cierta antecedencia que constreñía la pulsión epistemofílica. Y esto es extraordinario porque yo creo que él es un hombre extraordinario y de una grandeza de espíritu, de pensamiento... que hacía enormes esfuerzos para poder encontrarnos más allá de los códigos teóricos. Había en mí una convicción de que el análisis tiene un límite que no está dado por la exhumación del fantasma hasta el fondo. Pienso que en muchos análisis cautivos se ha jugado a que se pasa por ahí pero es mentira, como en Hansel y Gretel. Se muestra el huesito porque se sigue gordito adentro de la jaula.

Fueron dos experiencias muy impresionantes. Conservo una profunda convicción acerca del análisis.

Pero tenés todo una conceptualización sobre el final de análisis según la cual ni la roca viva ni el atravesamiento del fantasma pueden alcanzarse...

Claro...Yo creo que sí hay cosas que sí se modifican profundamente y creo que el proceso de neogénesis se produce...Yo lo he comprobado. Por una parte, por esta posibilidad de reanálisis, con mucho compromiso. Por otra, yo, periódicamente tomo a alguien en análisis, que no sabe quién soy, para hacerme desde abajo de nuevo, para generar transferencia desde el llano.

Es la revolución permanente.

Sí... Bueno... así vivo yo. No toco ciertas cosas básicas que he construido en la vida. Mi identidad de analista está consolidada y he construido cosas personales muy fuertes... Pero a nivel del pensamiento tengo desconfianza respecto del anquilosamiento del pensamiento. Inclusive escribí un texto sobre la cuestión de la adopción de niños por parte de los

homosexuales, para Clarín...que excede lo que planteo ahí, sobre la brutalidad de cercenar el derecho de los homosexuales a la adopción, que es un derecho universal y se llamaba: *Los pasos cortitos de los intelectuales*. Lo llamé así porque mi mamá, cuando era viejita, cuando caminaba, me pedía que le dijera cuándo acortaba los pasos, se miraba en las vidrieras cuando caminaba, porque decía que los pasos cortitos eran de viejos. Entonces estiraba las piernas para dar pasos largos. Yo digo que con los años, cuando se van poniendo viejos intelectualmente, los intelectuales dan pasos cortitos. Por eso la idea de la zancada, el caminar...

Ah, bueno, me preguntaste por la Facultad. Bueno, yo me recibí en el 72 y en el 76 me fui del país. Llegué a México y en el 78 conocí a un sociólogo, un tipo extraordinario que había trabajado muchos años –él vivía en París- y a raíz de él conocí a otra gente y se abrió la posibilidad de hacer un doctorado en París VIII. A mí un doctorado no me interesaba salvo que hubiera alguna razón para hacerlo. Me dijeron que en París VII estaba Laplanche. Yo venía trabajando *Vida y muerte en psicoanálisis*, así que lo fui a ver a Laplanche y le planteé que quería hacer un doctorado con él. Fue un encuentro importante. Primero estuvo muy rechazante... Yo era una estudiante extranjera... no había hecho estudios en Francia... no estaba dispuesta a vivir en Francia, vivía en México. Le llevé varios artículos míos... Los miró y me dijo... "Pero... son revistas lacanianas!" Ahí me enojé y le dije: " Mire, yo vivo en México, escribo donde puedo. Pero le quiero explicar porque quiero hacer un doctorado con usted." Y empecé a hablar y me aceptó .Me allanó todo el camino y arregló conmigo que como yo no tenía el D.E.A. (Diplome de Etudes Approfundis) iba a dar dos seminarios al año e iba a escribir una serie de cosas y ahí me iban a autorizar. Así entré en tesis doctoral con él. Defendí mi tesis doctoral en diciembre de 1983, previa asunción de Alfonsín. Entonces fue maravilloso. El tribunal estaba presidido por Pierre Fedida... y estaban, en el Jurado, Laplanche, Jean Luis Lang. Y en el momento de dar la calificación – había mucha gente – Fedida hizo todo un alegato... habló de mí y de la Argentina y me saludó en nombre del jurado por la etapa de democracia que se inauguraba. Todos llorábamos abrazados. Y después nos fuimos a casa de Laplanche que preparó una fiesta bárbara. Fue muy lindo... Fue una etapa que me salvó de la aridez terrible del exilio.

Tomando esto último...cómo podrías definir el exilio? Porque fijate que ahora de nuevo hay tanta gente que se tiene que ir y hay una actitud un tanto maníaca en algunos, como si se negara lo que significa el desarraigo...

¡Ay! ¡ Es terrible! Mirá... hay una diferencia entre el exilio y el hecho de irse... porque en el exilio no podés pisar tu país, lo cual genera algo muy dramático...

Vos había recibido amenazas?

Bueno... digamos que tenía razones poderosas. Y lo que sí sabía...

Era que no podías volver...

Así es... Sí vinieron mis hijos, traídos por las abuelas... porque... bueno... como yo estaba divorciada, había un padre acá... pero yo no pisé la Argentina desde el 76 hasta el 82. Y la sensación terrible que produce eso es que es un duelo irresoluble, porque el objeto amado está... Existe, pero no lo tenés. Hay todo una fetichización del país. Tengo la impresión de que la pérdida del terruño, por las razones que sea, es como una mutilación en el cuerpo. Es muy impresionante, porque no es sólo en el orden psíquico. Vos podés seguir viviendo, pero es como si te faltara un pedazo de cuerpo, un brazo, una pierna. Te falta algo que tiene que ver... ¿Te acordás de esa vieja teoría de que la identidad en ciertas poblaciones indígenas se constituía en fusión con los objetos que la rodeaban? Es cierto, no de esa manera, pero es cierto que la identidad implica no solamente el límite del cuerpo sino un universo de objetos. Y que la pérdida de ese universo es la pérdida de una parte del propio cuerpo. Inclusive se coagula el tiempo cuando te vas. A mí me impresionó mucho, por ejemplo, que la moda se quedó estancada en el exilio. Las mujeres argentinas seguían vistiendo de acuerdo a como se habían ido.

Cortázar comentaba eso...con el lenguaje.

Exactamente. Eso es muy impactante. Y se mantiene todavía en la gente que está afuera.

Yo tuve un cimbronazo brutal en el 79, 80. Mi madre había ido a México y me propuso ir con mi hija a Disneyworld. Las tres generaciones. Y fuimos. Y en Miami, cuando vi a los cubanos, totalmente coagulados en el tiempo, me resultó muy impactante. Pensé que ese era un riesgo terrible que corríamos. Porque además no recibíamos revistas de Bs. As. Los últimos

tiempos se conseguía por ahí el Para Ti. Pero no había muchas imágenes tampoco. Entonces el tiempo se había coagulado. Por otra parte, los lazos del exilio son muy solidarios. Y la colonia argentina en México fue muy solidaria. No tuvo grandes estallidos como los que se fueron a otros países. No hubo grandes fracturas. Hubo diferencias, hubo desacuerdos; pero no hubo grandes fracturas. Yo hice vínculos muy profundos con México y con la intelectualidad mexicana. Vínculos que aún hoy conservo. Quedé muy impactada con la intelectualidad mexicana, porque me di cuenta de que nosotros provenimos de un país donde hay una cultura bastante difundida respecto de las capas medias y los sectores populares, pero en aquellos años el aislamiento geográfico de la Argentina, que era mucho mayor que ahora, más el hecho de que la oligarquía era un sector muy pequeño comparativamente, producía un abismo muy grande entre los sectores cultos de los países latinoamericanos, que, si bien son minoría, son de un acceso a la cultura ...todos son trilingües... Acá, los sectores cultos por ahí no hablan ningún idioma más que el castellano, cosa que es impensable hoy en el mundo. Ya esto está variando, pero en la generación mía sucede... Descubrí ahí el concepto de *Intelligenza*... y los modos con que se organizaba, cosa que llegó más tardíamente acá. Hice vínculos muy importantes. México me dio el contacto con el indigenismo y las grandes historias americanas; me produjo un reforzamiento feroz de la identidad latinoamericana... Yo allá hice proyectos para chicos de Guatemala y de El Salvador. Atravesamos la guerra de Nicaragua. Por otra parte me dio como una vuelta civilizadora respecto de la cultura de todo tipo de los sectores pudientes mexicanos, de la inteligencia mexicana.

Después vino Francia y cosas muy constituyentes. Fue como una recomposición muy importante en mi historia.

Hablando de ambientes...cómo podrías pintar el ambiente, en parte el psicoanalítico pero en parte el ambiente intelectual que podés observar hoy acá en Argentina?

Es indudable que una de las cosas más graves que ha pasado con el psicoanálisis es la profesionalización; la pérdida de los nexos no solamente externos sino internos del psicoanálisis con la cultura y eso se nota en una cierta degradación practicista o en un encapsulamiento en enunciados internos al psicoanálisis. Por ejemplo, uno podría decir que una de las virtudes más grandes que tuvo la revolución lacaniana en la Argentina fue la reconexión del psicoanálisis con la lingüística, la filosofía, el campo de la cultura en

general. Pero luego eso se empobreció y el lacanismo quedó reducido a la repetición dogmática de los enunciados de la época de Lacan. Entonces se producen cosas impactantes como que en cincuenta años lo que ha pasado en el mundo es tan brutal que cuando uno ve a los lacanianos repetir la física de la época de Lacan, uno siente vergüenza ajena. Ha habido una transformación muy importante en el mundo, con un debate tan profundo sobre problemas de paradigmas en ciencia. Eso por un lado, por otra parte se ha producido como una masificación. Si hay algo que me impacta mucho en la formación analítica es la pérdida de la ambición de incidencia en la cultura del siglo, que fue una ambición muy importante de los psicoanalistas hasta los años 60. Hay una pérdida de todo eso. Yo no sé si vos te diste cuenta de que son muy pocos los psicoanalistas convocados para participar de los grandes eventos culturales del país, inclusive a escribir en los diarios.

Sí, lo que pasa es que a diferencia de la intención con que vos lo decís, a mí me parece una bendición, porque en una época había un elenco estable de psicoanalistas que opinaba sobre cualquier cosa y eso me resultaba muy irritante.

Bueno, ese elenco se gastó por reiterativo e improvisado; pero no hubo nada que reprodujera la posibilidad de una incidencia importante. Son muy pocos los nombres... Hay como un encapsulamiento empobrecido, reverberante del discurso... Hay, por un lado, una cantidad de gente con acceso a la cultura desde el punto de vista de su inserción histórica. La clase media argentina es ávida de cultura: de cine, de pintura, y eso se sostiene. Y al mismo tiempo está disociado de las posibilidades... Es como si fueran profesionales... Durante ciertas horas trabajan de psicoanalistas y después van al cine, leen novelas -los que lo hacen. Porque es cierto que el golpe que ha sufrido nuestro país en los últimos tiempos, no sólo en lo económico sino en los valores, ha producido una banalización notable. Se produjo durante la dictadura y se ha vuelto a producir a partir del menemismo. Hace unos años yo hice una metáfora muy dura, diciendo que el psicoanálisis se ha convertido en algo así como las grandes extensiones de tierra improductiva de la oligarquía. A partir del poco trabajo productivo sobre él, siendo de una riqueza extraordinaria, se ha ido empobreciendo y llenando de alimañas... no en el sentido moral del término, sino en el parasitario. Una de las muestras más terribles de lo que pasa con el psicoanálisis es la Facultad de Psicología, cuyo deterioro intelectual es feroz y que ha dejado de ser todo referente académico sin que sea reemplazada por nada porque lo que

caracteriza a las universidades privadas es haber profundizado los modelos de profesionalización degradados a técnicos de los psicólogos que se forman en ellas. Tengo una preocupación muy grande por eso. Participo militantemente en lo que me pidan. Me piden que vaya a dar un seminario, lo hago, me piden que vaya a ser jurado de concurso, lo hago, me piden que evalúe una investigación, lo hago. Hago lo que puedo porque tengo una creencia profunda en la universidad como lugar de parapeto frente a las corporaciones. El deterioro de la Facultad a nivel intelectual no es efecto sólo de un problema presupuestario, ojalá lo fuera. Yo a veces me pregunto, con mucho dolor, cuántos libros de psicoanálisis que uno lee hoy, cortan la respiración. Muy pocos.

Casi ninguno...

Así es. Por ejemplo, algunos libros de Castoriadis me han sacudido mucho... Laplanche...

André Green...

Algunos textos de André Green. Algunos de Piera Aulagnier. Hay pocos textos que uno esté deseando que llegue el fin de semana para leerlos. Y hay pocos textos que le digan a uno algo nuevo sobre uno mismo. Lo cual indica que hay poca producción de novedad.

Sí, eso más bien se encuentra en este momento en la filosofía, no en el psicoanálisis.

Así es. Así es... Entonces este es un temor muy grande que yo tengo respecto del psicoanálisis porque yo creo que el psicoanálisis es la propuesta más importante sobre la problemática de la subjetividad que ha generado la humanidad en su conjunto.

Vos decías hace un ratito que el problema en la Facultad no era centralmente presupuestario... Cuáles te parece que son los ejes?

Bueno... han pasado varias cosas en la Facultad. Por un lado, hay una disociación muy severa entre la Facultad y el mundo externo en cuanto a posibilidad de inserción. Desde luego, en todas las facultades hay una distancia entre lo que se enseña y la posibilidad de ser aplicado, pero lo que se enseña puede ser aplicado. Si vos estudiás para ser ingeniero, después te recibís y te puede pasar que no consigas trabajo pero si lo conseguís,

sabés ser ingeniero. Pero en Psicología circula un exceso de enunciados vacíos de contenido, que van unidos a un exceso de clientelismo, y de pugnas por la conservación de los micropoderes de las capillas. Supongo que ahora, con todo lo que está ocurriendo, eso va a disminuir... pero...

En una de esas cuando Shuberoff deje por fin de ser rector de la Universidad...

Sí, cuando se vaya Shuberoff. Pero fijate que no todas las facultades sufrieron el deterioro intelectual de Psicología. Hay facultades en las que se siguen produciendo cosas importantes...

La mayoría de las cátedras de la facultad no tienen docentes que sean intelectuales de primera línea en su campo como para que sus textos trasciendan los alumnos que tienen cautivos por cursar sus materias. Eso da una idea del deterioro. Cuando vos pensás en las universidades del mundo, tenés docentes cuyos libros son leídos por el conjunto del sector de conocimiento al cual pertenecen. Y la universidad es un lugar en donde se largan ideas para el conjunto de la sociedad. La Facultad de Psicología no larga más que algunas cosas... alguna consulta que le hacen... La mayoría de los textos de docentes de la facultad no tiene incidencia en el resto del campo *psi*. Eso da una idea de un nivel de deterioro importante.

Sí. No hay investigación.

Bueno, y la investigación que hay... La mayoría de los libros que se escriben son libros con clientela cautiva... Son manuales... Esto te está hablando de una falta de proceso de investigación importante, en sentido estricto... no de la investigación esa que da puntos... Todas esas pavadas que conocemos... Eso me preocupa. En otras facultades –por ejemplo en Ciencias Sociales –vos tenés tipos que son docentes y sus libros son leídos fuera de la Facultad. En general, salvo excepciones, que las hay, en la facultad nuestra, la mayoría de los docentes que escriben libros no son autores... Eso es un signo severo de deterioro.

Vos antes planteaste el tema de la competencia. Quería preguntarte si el hecho de ser analista mujer representó para vos alguna particularidad en esta materia.

Vos sabés que a mí me pasa una cosa... Yo, como siempre fui hacia adelante... creo que nunca me di mucha cuenta... No sentí grandes obstáculos de los hombres en mi tarea... Ni en mi vida personal, donde mi padre,

cuando yo tenía 13 años me llevaba con su camioneta a hacer los piquetes de la laica y la libre al colegio, en primer año de secundaria, con lo cual ya vengo de un padre que siendo un Padre Padrone, hombre de campo, sin embargo... Y, por supuesto... me he encontrado con... el otro día estaba en una reunión y dos o tres amigos, colegas, de mi edad, estaban charlando y me acerco: "Muchachos...¿de qué hablan?" Y me dicen: "De cosas de hombres..." Y les digo: "¡Ah...¿De la próstata?" Les dio mucha risa y me dijeron que era una cretina. Pero realmente, salvo los estrógenos que son cosa de mujeres y la próstata que es cosa de hombres, no entiendo muy bien qué querían decir... Creo que por esa clase de familia, donde... tuve una madre muy audaz y un padre que la padeció, pero que por otra parte en algún lugar debía sentir orgullo de ella porque lo que hizo conmigo lo demuestra, no llevo metida adentro la cuestión de la discriminación. Es más, en mi infancia, para mí, ser mujer fue una virtud, porque no estaba obligada a hacer lo que hacían los varones. Mis hermanos tenían que estudiar inglés y matemática Yo podía hacer danzas y francés porque era romántico.

Con lo cual hacía lo que se me cantaba, hasta tenía un museo de ciencias naturales en mi cuarto con víboras en alcohol y arañas. Entonces... no tuve de base problemas... sí algunas cosas, si llegaba tarde de noche mi padre armaba un despelote... pero no las cosas centrales. Yo tenía cuenta corriente en la librería... Mi padre creía profundamente en la libertad del espíritu. Eso me ayudó mucho. Y me pasa una cosa. Nunca he sentido que ser mujer sea un obstáculo en mi vida... al contrario. Yo siempre digo: "Escribo las cosas que quiero y encima alguien me sirve el vino... Digo lo que se me canta y encima me ayudan a ponerme el saco..." Nunca he sentido rivalidad con los hombres, desde muy chica participé de la lucha política y siempre sentí al hombre como el que estaba al lado mío. Tuve momentos en los cuales por supuesto percibí las taras del sistema respecto del género...pero nunca las viví como una lesión personal... Sentí que tenía la enorme ventaja de que los hijos eran siempre míos, y nunca esperé que un hombre me los mantenga ni que me acompañe al pediatra. Si viene, bien... si no, no... Yo creo en la diferenciación de roles, creo que es útil la diferenciación de roles y creo que uno de los dramas que estamos padeciendo es que hay una terrible alteración que sobreexige a la mujer mucho más de lo que tendría que ser. Nunca sentí que un hombre tuviera que mantenerme, nunca sentí que tuviera que darme el apellido - bah... el único hombre que acepté que me lo diera fue mi padre... Fue una gran ventaja que tuve en la vida, tener un padre que como me podía dar nunca

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

esperó que otro hombre me lo diera. Tal vez eso me dio mucha fuerza interior. Sí... cuando era más joven... claro... una mujer joven e inteligente produce mucha precaución... entonces, cuando era más joven yo decía, "cuando doy una conferencia y estoy muy lúcida, cuando termino y salgo, las mujeres me aman y los hombres se apartan como si tuviera SIDA." Pero no me han puesto en general obstáculos. A veces bromeo en algún panel donde me toca ser la única mujer y digo: "soy el 20% que fija la ley, el cupo femenino." Sé que no me eligen por eso..., jamás. Y me ha tocado sí a veces, cuestionamientos importantes de mujeres. Cuando yo era más joven, cuando tenía 35, 40 años, acusaciones de falicismo.

Es un clásico. Eras "la mujer fálica"

Claro, por decir lo que se me canta, por hablar con un hombre de igual a igual, por debatir... Ahora, cuando una se va poniendo vieja ya...

Te permiten cosas...

Sí, pero hubo una etapa muy dura entre los cuarenta y los cincuenta años donde había una cierta acusación de falla de la feminidad. Cosa que nunca me preocupó porque nunca me faltó un hombre que me ame ni hijos que me quieran en el sentido más básico materno...Yo soy muy campesina, soy de Bahía Blanca, siempre digo que: conferencias, libros, viajes por el mundo pero en mi casa nunca le faltó a un hombre comida caliente. Y tengo un profundo orgullo de eso y no quisiera cederlo. Nunca me quejé...de que esa fuera mi función. Siempre me sentí gratificada como mujer porque he recibido otras cosas a cambio...siempre me he sentido querida, también me he sentido abandonada, pero no lo atribuyo a cuestiones de género. El hombre es mi compañero de lucha y de tarea y lo he dicho claramente en muchas circunstancias. En una panel en el San Martín, donde me tocó hablar de las mujeres en la vida de una mujer, dije que no tengo nada que ver con María Julia Alsogaray ni con la Sra. de Videla, y nunca he definido mis alianzas por el género... Si bien es cierto que con las mujeres puedo charlar de cosas distintas.

Y que creo que la comunidad femenina es apasionante y que las mujeres hemos tenido la enorme ventaja de poder, tal vez porque se nos ha exigido menos narcisísticamente, mostrarnos en nuestras fallas y miserias con mayor libertad que los hombres. Por eso nunca he sentido envidia por los hombres sino más bien piedad, por la soledad a que se los condena...Y he tenido buenos amigos hombres y los tengo... De manera que yo no

tengo reivindicaciones de género. Sí me indigno cuando una mujer es golpeada, pero también me indigno cuando las mujeres policías de Salta golpean a las mujeres piqueteras y eso me confirma que la humanidad no se divide en hombres y mujeres más que para hacer el amor, en el caso de que se elija ser heterosexual.

Volviendo al campo de los analistas, decime, acá en Argentina, qué personas te parecen que son de punta, quiénes son "maestros." Ya mencionaste a Etchegoyen.

Sí, gente que ha ocupado un lugar históricamente en la Argentina.

Sí, sí. referentes importantes.

Bueno, hay, para mí, referentes que ya no están lamentablemente. Baranger, Masotta. Raúl Sciarreta, (estos dos últimos no provenían del psicoanálisis, pero fueron referentes) Gilou y Diego García Reynoso. Diego no está... A Gilou la respeto mucho. Rafael Paz fue un hombre que ocupó un lugar de fuerza teórica muy grande. Hugo Bleichmar-mi hermano-ha sido un referente fuerte y un hombre por el cual siento un gran agradecimiento, Mimi Langer, Bleger,... muchos... pero actualmente te diría... Luis Horstein es un hombre que ha impulsado ideas y que ha trabajado ideas, Gilou... De distintas maneras... Mirá... yo digo que hay un psicoanálisis Bachelard y un psicoanálisis Castañeda.

Aclaralo, por favor...

Hay un psicoanálisis Bachelard que se sostiene en el pensamiento crítico y un psicoanálisis Castañeda que se sostiene en el pensamiento mágico. Ambos forman parten del psicoanálisis, dentro del psicoanálisis Castañeda: Emilio Rodrigué y Fernando Ulloa. Dentro del psicoanálisis Bachelard: Hugo Bleichmar, Rafael Paz, Gilou García Reynoso.

Vos dónde te ubicás?

Yo estoy sin duda en el pensamiento crítico. Tengo a nivel científico una profunda distancia con el pensamiento mágico de los sentimientos y la asociación libre teórica. La asociación libre es del inconciente y la teoría se construye racionalmente, más allá de que como en toda ciencia exista la intuición desmantelable. Yo estoy claramente en el orden del pensamiento crítico aunque pueda tener mucho cariño y simpatía por algunas posiciones y consecuencias – en el sentido de posición consecuente – de alguna gente

como Fernando, Mimi Langer o Emilio Rodrigué por los que siento mucho respeto. Después hay grandes personajes que han incidido desde otro ángulo, por ejemplo, Tato Pavlovsky con todo el desarrollo que ha hecho desde el teatro y desde su inserción en la comprensión de la subjetividad a partir de la dramática. También Eva Giberti en su postura social y política, si bien no estamos hablando de la producción psicoanalítica específica... Diana Rabinovich es una persona a la que respeto. Es una persona profundamente inteligente... De mucha audacia e independencia crítica. Pero yo no la citaría entre estos grandes personajes...

Durante toda una etapa Raúl Sciarreta fue alguien formador. Yo he señalado que Lacan entró por dos vías diferentes y desde la historia oficial se tiende a taponar el hecho de que Masotta generó un movimiento pero Raúl Sciarreta fue quien en los fines de los 60, a partir del encuentro Lacan – Althusser, fue el que llevó al nudo mismo de la vida intelectual la cuestión Lacan que nunca hubiera entrado en esos años si no hubiera sido por él.

Sí. Dio legitimidad filosófica.

Y política. Nunca hubiera entrado Lacan si no hubiera sido con Althusser, de la mano de Sciarreta. Fue un formador de muchísima gente.

Te hago otra de las preguntas que siempre repito. Cómo ves la formación de los analistas en este momento, en nuestro país.

Muy compleja. Es indudable que las instituciones psicoanalíticas han perdido autoridad y se ha producido un excentramiento en el cual ya no hay centros de poder del psicoanálisis sino que hay distintos núcleos que circulan. Lo cual refleja de algún modo una cierta parálisis del crecimiento intelectual del psicoanálisis. A mí me preocupa mucho esta etapa de estabilización.

Creo que es pobre atribuírselo a la crisis externa. Veo a las instituciones como lugares de defensa y protección corporativos más que científicos, cosa que no digo peyorativamente. Son necesarias. Pero han perdido la fuerza creadora que les daba por ejemplo, un Baranger... se podría decir también Liberman, aunque con él tengo mis reservas. En mi opinión, para mi gusto, la alianza del psicoanálisis con la lingüística del estilo no es de largo alcance respecto a lo fundacional en la construcción de una progresión de la teoría psicoanalítica.

Vos querés decir que eso tiene que ver más bien con una técnica...

Sí, pero el problema es que ahí queda abierta la discusión respecto de si esa técnica respeta lo esencial del pensamiento psicoanalítico en la medida en que transforma en estilo algo que es del orden del juego del

lenguaje mismo. Es una propuesta reducida en la medida en que, para mi gusto, es inasimilable con el cuerpo central de la teoría psicoanalítica... A tal punto que Liberman es un autor que sólo se lee en el interior de un grupo institucional.

Te referís a APDEBA

Claro. Y más, cuando yo intento rescatar autores, cosa que hago permanentemente en la enseñanza, y rescato textos de distintos pensadores psicoanalíticos argentinos, incluso en ellos mismos con diferencias, por ejemplo, a mí Simbiosis y Ambigüedad de Bleger me parece un libro inteligentísimo, en cambio Psicología de la Conducta me parece un libro lamentable, es un libro de conciliación entre un materialismo empobrecido y un psicoanálisis también empobrecido... Bueno, dejé de lado lo de Pichon... con quien también podría plantear diferencias...

Otro autor del pensamiento mágico...

¡Claro! ¡Ahí tenés! La onda Castañeda nace en Pichon Rivière en este país...

Yo tengo dificultad para aceptar, como parte del crecimiento del conocimiento psicoanalítico, los desarrollos que no pretenden someterse a la regulación de cualquier ciencia, que es entroncarse con el pensamiento previo y debatirlo para ver qué aporta y en qué se diferencia. Entonces, los corpus cerrados que se desarrollan como si la teoría ya estuviera constituída, los siento muy ajenos y tengo una postura crítica frente a eso.

Bueno...reconozcamos que ahora ya no estás hablando de Liberman...

No, no, estoy hablando en general... de lo que yo pienso que debe ser el modelo de producción de conocimiento.

Y volviendo a cómo debería ser la formación ideal del analista?

Una cosa que me preocupa enormemente es que se está estudiando muy poco Freud. Y Freud es una obra matriz de partida, no de llegada, sobre la cual hay que producir en los próximos años una transformación y depuración de paradigmas... Entonces, si no se trabaja sobre las obras madres, se corre el riesgo de que el tecnicismo o el practicismo más degradados transformen a cada analista en formación en alguien incapaz de impulsar el conocimiento del psicoanálisis hacia delante. La obra de Freud es la obra matriz sobre la que se produce porque si no es como si vos

pretendieras hacer física postnewtoniana sin haber trabajado profundamente sobre Newton. Creo que acá hay un deslizamiento hacia la profesionalización.

Y si tuvieras que trazar una línea que partiera de Freud, cuáles son los autores que te parece que deberían incluirse sí o sí como materia de estudio intensivo de parte de los jóvenes que quisieran dedicarse al psicoanálisis?

Por supuesto Lacan, por supuesto Melanie Klein, y yo diría... bueno, vos sabés que yo vengo formada por Laplanche... pero hay un tema que me interesa en él... no los desarrollos que viene haciendo respecto de aspectos parciales del psicoanálisis, pero sí el modelo con el que él plantea el trabajo sobre la obra: las *Problemáticas*. Creo que son obras centrales. Se leen poco porque implican mucha lectura de Freud. De los clásicos creo que Ferenczi es un autor ineludible.

¿Abraham?

Abraham es un autor... muy divertido... Está entre el pensamiento crítico y el pensamiento mágico... A mí me encanta pero a veces me muero de risa con cosas que no se pueden creer, por ejemplo un pequeño texto donde habla de las mujeres que insultan al marido después de gozar. ¡Es extraordinario! Analiza por qué esas mujeres insultan a los maridos... Bueno, pero tiene textos apasionantes. Más que autores hay textos clásicos ineludibles: Víctor Tausk, por ejemplo, es un autor extraordinario... Yo creo que los analistas deberían leer las minutas de Viena, para saber qué discusiones fueron planteadas... y cómo fueron zanjadas, porque se vuelven a discutir las mismas cosas. También hay que leer Piera Aulagnier, Laplanche, Green,...

Y de los ingleses, además de Klein?

Bion es un autor que me parece apasionante, extraordinario...

Winnicott te gusta?

Sí, me parece muy importante. Tustin es una autora que debe ser leída... Meltzer algunas cosas... pero Bion me parece el más profundo... Me encanta Searles, sobre todo el libro que él escribió sobre el esfuerzo por volver loco al otro...Y de los americanos, creo que hay autores que hay que leer para conocer cuestiones que se han ido planteando en la historia del psicoanálisis, por ejemplo Kohut. Hay americanos como Karen Horney, que es el antecedente del feminismo, que es culturalista. Hay un retorno hoy

al culturalismo. Y se desconoce la historia y se plantean las mismas cosas de antes. Gran parte de las discusiones que yo veo que se plantean hoy, por ejemplo respecto de nuevas patologías, tienen su raíz epistemológica en cuestiones que ya planteaban los culturalistas .Hay autores que no se pueden desconocer, y conceptos como el de envidia de Klein o el de escisión en Klein, más allá de que uno después discuta teóricamente los modelos. No me entra en la cabeza que los lacanianos trabajen sin el concepto de envidia, no me entra en la cabeza... De la envidia además en un sentido intersubjetivo como una cuestión muy nuclear de la transferencia... y de la asimetría transferencial, cuando, además, el silencio genera un incremento fenomenal de todo eso... así como creo que los kleinianos trabajan con un desconocimiento importante de modelos históricos y de una concepción del aparato como constituido a partir de modos de funcionamiento diversos. Creo que hay temas fuertes a debatir. Yo leo mucho a autores clásicos y de los comienzos... También leo a Bettelheim y Margaret Mahler, que tiene un peso importante para la comprensión de algunos fenómenos de la patología infantil. Anna Freud es un personaje que me produce una cierta molestia y distancia, por su moralismo, por su psicologización... No es alguien que me haya aportado ideas importantes... La única idea importante fue el librito de Los niños y la guerra., donde durante muchos años yo cité que Anna Freud descubrió que los niños que fueron sacados de los bombardeos y llevados lejos de los padres fueron más traumatizados que los que permanecieron con sus padres. Y me acabo de enterar el año pasado que salió todo un estudio de que en realidad una de las cosas que pasó es que a los que separaron de los padres los violaron...

Hay una película que están pasando por cable, no recuerdo cómo se llama, donde cuenta eso... chicos que sacaban de Londres para que no sufrieran los bombardeos y que eran maltratados por mujeres en granjas, donde no les daban bien de comer, les pegaban...

¿Viste?... ahora, vos fijate, yo cité esto muchas veces y resulta que esta era una variable de peso enorme, que explica por qué el traumatismo fue tan intenso.

Bueno... Estamos llegando al fin de este encuentro... Hay alguna pregunta que no te haya hecho, algo más que quieras decir?

Tal vez... por qué el psicoanálisis con niños.

Bueno, decime... por qué el psicoanálisis con niños...

Yo te diría que hay dos cosas: la motivación personal y la teoría.

Motivo personal: yo te diría que hay un aspecto profundamente reparador de la infancia en los analistas de niños. Más allá del enorme reconocimiento que yo tengo hacia mis padres, el hecho de que yo tuve una infancia difícil en una posguerra con duelos intensos... en fin... El segundo aspecto es porque yo creo que es un campo privilegiado para la exploración de la constitución del sujeto. El orden de descubrimiento es permanente.

Claro, te permite estar todo el tiempo haciendo teoría.

Así es. Y todo el tiempo estar en descubrimiento. Y además yo tengo mucho placer en el trabajo con los chicos...Tengo una relación muy interesante. Me irrita mucho la puerilización de los niños. Yo fui una niña inteligente. Fuera de mi familia, la puerilización que practicaban los adultos, la desconfianza del adulto hacia la capacidad pensante del niño, fue algo que a mí me lesionó y me irritan los analistas que puerilizan a los niños y que no los respetan como seres humanos. Lo divertido que me pasa con los chicos es que tengo una relación muy simétrica desde el punto de vista de las preocupaciones metafísicas... Y, al mismo tiempo, no puerilizante. Somos dos seres humanos siempre en el consultorio. Te voy a contar una anécdota de un sobrino nieto que vive en EE.UU. Tiene 11 años y es genial. El otro día volvió deslumbrado del colegio porque descubrió que el Viagra era una medicación para la potencia masculina. Porque él veía la propaganda, en donde había dos viejitos que salían muy contentos a un parque lleno de flores y árboles y respiraban profundamente, con mucho placer. Entonces él había llegado a la conclusión de que era un remedio para la alergia! Y el respeto que siento por esa enorme capacidad de producir teoría, erróneamente en muchos casos, (igual que los adultos) pero con esa enorme frescura para rectificarla y el deslumbramiento que eso produce . Tengo una anécdota personal: Yo empecé a leer a los cuatro años y leía desde los cinco una revista que se llamaba *Más allá,* de ciencia ficción. Y, claro, la entendía a mi manera... Leí un cuento que se llamaba: "*Viaje a la superficie de la tierra.*" Cuando llegué a segundo grado me enteré de que vivíamos en la superficie de la tierra. Y claro, la sorpresa de que no nos cayéramos. El impacto. Además yo creía que había que viajar a la superficie porque pensaba que vivíamos en el interior. Había entendido el cuento como una historia científica verdadera.

La emoción fue muy grande. La maestra preguntó, al fin del año escolar, si estábamos contentos... ¿qué habíamos aprendido?... esas cosas... y yo fui y le agradecí personalmente el haber descubierto que vivíamos en la superficie de la tierra.

El agradecimiento de un niño que descubre algo fundamental para la existencia es tan grande!... y la capacidad que tiene el chico para rectificar conocimientos es monumental...

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

I. Linha Editorial

O *Boletim Formação em Psicanálise,* revista do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, tem por proposta editorial a divulgação de trabalhos relacionados à Psicanálise e campos afins numa tendência contemporânea de integração e complementaridade. Nesse sentido, valorizamos a diversidade na busca de articulações com outras áreas e conhecimentos, tendo como finalidade maior a busca da compreensão do sofrimento humano e a constante (re)construção metapsicológica.

II. Normas Gerais

Os originais devem ser enviados para Comissão Editorial da Revista *Boletim*. Se o material estiver de acordo com as normas estabelecidas pela revista, ele será submetido à avaliação do Conselho Editorial. O artigo será lido por dois membros do Conselho que poderão rejeitar ou recomendar a publicação de forma direta ou com sugestões para reformulações. Caso não haja consenso, haverá uma terceira avaliação. Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não aprovados. Sendo o artigo aprovado, sua publicação dependerá do programa editorial estabelecido.

Endereço para encaminhamento dos trabalhos:
Instituto Sedes Sapientiae
Departamento Formação em Psicanálise
Rua Ministro de Godói, 1484
CEP 05015 900, São Paulo – SP / Brasil
Tel/Fax: (11) 3866 2730

III. Tipos de Trabalhos

Além de artigos, a revista publica leituras (comunicações, comentários e resenhas de livros), conferências, entrevistas e traduções.

A tradução deve apresentar também uma cópia do trabalho original, com todas as indicações sobre a edição e versão de que foi traduzida, acompanhada da autorização do autor.

IV. Apresentação dos Originais

Os originais deverão ser enviados em três cópias impressas acompanhadas de uma cópia eletrônica em disquete ou CD no padrão *Word for Windows 6.0.*

Padrão gráfico indispensável na digitação do texto:

- o texto deverá ser digitado em uma só face (frente)
- fonte *Times New Roman;*
- corpo 12;
- espaço duplo entre linhas;
- mudança de parágrafo na primeira linha
- *não* utilizar recursos especiais de edição na cópia em disquete ou CD (macros, justificação, etc.);
- utilizar *itálico* para palavras estrangeiras ou para destaque de palavras;
- *não* usar sublinhado;
- o **negrito** deve ser restrito ao título do artigo e aos subtítulos das seções;

Folha de Rosto – deverá constar o título do trabalho em português; nome do autor e sua qualificação (3 linhas no máximo); endereço (com CEP); telefone/fax (com DDD); endereço eletrônico (e-mail). O nome ou qualquer identificação do autor deverá constar *apenas* na página de rosto de modo a garantir o seu anonimato durante o processo de avaliação do seu trabalho.

Folha de Resumo – deverá constar o título do trabalho em português; resumo em português (no máximo 10 linhas) com palavras-chave (no mínimo 3 e no máximo 5); título do trabalho em inglês; *abstract* com *keywords*. Os resumos e as palavras-chave devem ser digitados em *itálico,* e *espaço simples.*

V. Citações

Referência a autores:

- No corpo do texto deverá constar o sobrenome do autor acrescido do ano da obra (entre parenteses). *Exemplo*: Reik (1948).
- No caso de dois autores os sobrenomes devem ser ligados por "&"; caso tenha três ou mais autores, deverá aparecer somente o sobrenome do primeiro, seguido de "*et alli.*" ou "*et al.*". *Exemplo*: Ades & Botelho (1993); Laing *et alli.*(1974).
  Obs.: Na lista final de referências todos os nomes dos autores deverão ser citados.
- No caso de autores cuja obra é antiga e foi reeditada, citar o sobrenome do autor com a data publicação original seguida da data da edição consultada. Exemplo: Freud (1915/1980).
- Se houver coincidência de datas de um texto ou obra do mesmo

autor, distinguir com letra minúscula, respeitando a ordem alfabética do artigo. *Exemplo*: 1915a, 1915b, 1915c...

- Em caso de autores com o mesmo sobrenome, indicar as iniciais dos prenomes. *Exemplo*: L.C. Oliveira (1983) e V.M. Oliveira (1984).
- Caso o autor seja uma entidade coletiva, deve ser citado o nome da entidade por extenso. *Exemplo*: American Psychological Association (2000).

Citações textuais:

- Até 3 linhas devem ser inseridas no corpo do texto, entre aspas e com indicação da página no final entre parênteses. *Exemplo*: Ferraz (2000) considera "como tipicamente perversos certos atos ou rituais praticados *com* o consentimento formal do parceiro". (p.20)
- Com mais de 3 linhas devem aparecer em destaque num bloco separado, sem aspas, com recuo de margem esquerda espaço simples, corpo 11 e página indicada no final. *Exemplo*:
  Freud (1905/1980)

> Esse último exemplo chama atenção para o fato de que é essencialmente a unificação que jaz ao fundo dos chistes que podem ser descritos como "respostas prontas". Pois a réplica consiste em que a defesa, aos se encontrar com a agressão, "vira a mesa sobre alguém" ou "paga a alguém com a mesma moeda" – ou seja, consiste em estabelecer uma inesperada unidade entre ataque e contra-ataque. (p.86)

Citações indiretas: Utilizar a expressão "citado por". *Exemplo*: Para Rank (1923) citado por Costa (1992).

Citações de informações obtidas por meio de canais informais (aulas, conferências, comunicação pessoal, endereço eletrônico): Acrescentar a informação entre parênteses após a citação. *Exemplo*: "Freud foi influenciado pelas idéias de Darwin." (Informação verbal, 15 de março de 2006)

Obs. 1: Não é necessário listá-lo na relação de *Referências* no final do texto.

Obs. 2: Quando não houver citação direta, a fonte pode ser indicada em nota de rodapé.

Citação de trabalhos em vias de publicação – Cita-se o sobrenome do(s) autor(es) seguido da expressão "no prelo". *Exemplo*: Besset (no prelo).

Obs.: É necessário listá-lo na relação de *Referências* no final do texto.

Citação de eventos científicos (Seminários, Congressos, Simpósios, etc.) que não foram publicados – proceder da mesma maneira que para *canais informais.*

Citação de Homepage *ou* Website – cita-se o endereço eletrônico de preferência após a informação. *Exemplo*: (www.bvs-psi.org.br).

Obs.1: Não é necessário listá-lo na relação de *Referências* no final do texto.

Obs.2: Quando não houver citação direta, a fonte pode ser indicada em nota de rodapé.

VI. Notas de rodapé

Caso sejam indispensáveis, as notas devem vir na mesma página em que forem indicadas, usando o programa automático do *Word.* As referências dos autores citados no texto devem ser apresentadas no final do texto e NÃO em notas de rodapé.

VII. Referências

Devem vir no final do texto, relacionadas em ordem alfabética pelos sobrenomes dos autores em letras maiúsculas, seguidos das iniciais do prenome e cronologicamente por autor. *Exemplo*:

BIRMAN, J. ... 1992.
_____ ... 1997a.
_____ ... 1997b.
ROUANET, S.P. ...

Livro – sobrenome do autor em letra maiúscula, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título do livro em *itálico*, cidade, editora, ano de publicação. Se for uma reedição, colocar o ano em que foi escrito logo depois do nome do autor. *Exemplo*:

CECARELLI, P. R. (Org.) *Diferenças Sexuais.* São Paulo: Escuta, 2000.
FIGUEIREDO, L.C.M. & COELHO JUNIOR, N. *Ética e técnica em psicanálise.* São Paulo: Escuta, 2000.
LACAN, J. (1959-1960) *O seminário livro 7, A ética da Psicanálise.* Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
RIBEIRO, M.F.R. *Infertilidade e reprodução assistida: Desejando filhos na família contemporânea.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

Capítulo de livro e ou coletâneas – sobrenome do autor em letra

maiúscula, seguido das iniciais do(s) prenome(s), título do capítulo, ponto, In: título do livro em *itálico*, ponto, cidade, editora, ano de publicação e página. Quando for coletânea logo após o "In:" colocar sobrenome e iniciais do organizador e "(Org)". *Exemplo*:
DUARTE, L.F.D. Sujeito, soberano, assujeitado: Paradoxos da pessoa ocidental moderna. In: ÁRAN, M. (Org.) *Soberanias.* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003, p.179-93.
MENEZES, L.S. A construção do vínculo social sob o ponto de vista freudiano: A lei, os ideais e as identificações. In: *Pânico: Efeito do desamparo na contemporaneidade. Um estudo psicanalítico.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p.87-140.

Artigos de periódicos – sobrenome do autor em letra maiúscula seguido das iniciais do(s) prenomes), título do artigo. In: título do periódico em *itálico*, vírgula, volume, número, cidade, editora, página e ano de publicação. *Exemplo*:
ROSA, M.D. O discurso e o laço social nos meninos de rua. In: *Psicologia USP / Instituto de Psicologia,* v.1, n.1, São Paulo: Edusp, p.205-17, 1990.

Dissertações de Mestrado e Teses – sobrenome do autor em letra maiúscula seguido das iniciais do(s) prenome(s), título da Dissertação ou Tese em *itálico*, cidade, editora, ano de publicação, número de páginas, identificação se é Tese ou Dissertação e o nome da Faculdade / Universidade. *Exemplo*:
LOFFREDO, A.M. *Angústia e repressão: Um estudo crítico do ensaio "Inibição, sintoma e angústia",* Rio de Janeiro, 1975, 100p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, PUC.

Eventos científicos (Congressos, Seminários, Simpósios, etc.) publicados em anais ou como artigo – seguir as normas para *artigos de periódicos*. *Exemplo*:
MARAZINA, I. A clínica em Instituições. In: *ANAIS do II CONPSIC – Congresso de Psicologia.* São Paulo: Oboré, p.25-43, 1992.

Trabalhos que não foram publicados – dependendo do tipo (*artigo de periódico, capítulo de livro, etc.*) proceder da mesma maneira que foi indicado anteriormente, seguido no final de "Texto não publicado".

Trabalhos que estão em vias de publicação – dependendo do tipo (*artigo de periódico, capítulo de livro, etc.*) proceder da mesma maneira que foi indicado anteriormente, seguido no final de "no prelo".

Citações de Freud – sobrenome do autor em letra maiúscula, seguido das iniciais do prenome, título da edição utilizada em *itálico*, cidade, editora e ano de publicação. Abaixo, ano em que foi escrito, título do artigo, volume e páginas. *Exemplo*:

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____ (1895) Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia, v.III, p.139-60.

_____ (1896) Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa, v.III, p.181-211.

_____ (1897) Sinopses dos escritos científicos do Dr. Sigmund Freud, v.III , p.250-83.

_____ *Gesammelte Werke Chronologisch Geordnet.* Frankfurt, S.Ficher Verlag, 1987.

_____ (1917) Die Verdrängung, v.X, p.248-61.

_____ (1917) Das Unbewusste, v.X, p.264-303.

Documentos extraídos de fontes eletrônicas – proceder da mesma maneira seja para livro, capítulo de livro e artigos de periódicos, entretanto adicionar no final "recuperado em (data)" seguido do endereço eletrônico. *Exemplo*:

PAIVA, G. J. (2000). Dante Moreira Leite: Um pioneiro da psicologia social no Brasil. *Psicologia USP,* n.11, v.2. recuperado em 5 de fevereiro de 2006, da Scielo (Scientific Eletronic Library Online): http://www.scielo.br

VIII. Imagens e ilustrações

Tabelas, gráficos, fotografias, figuras e desenhos devem ser referidos no texto em algarismos arábicos e vir anexos, em preto e branco, constando o respectivo título, número e crédito. Se alguma imagem enviada já tiver sido publicada, mencionar a fonte e a permissão para reprodução, quando necessário.

IX. Direitos autorais

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados pertencem ao *Boletim*. A reprodução dos trabalhos em outras publicações requer autorização por escrito da Comissão Editorial da Revista.

BIBLIOTECA MADRE CRISTINA
DOAÇÃO: Departamento Formação Psicanálise
DATA: 04/03/08